



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

STELA DE CASTRO BICHUETTE DA SILVA

**UMA HISTÓRIA FEITA DE CADERNOS:  
O ARQUIVO LITERÁRIO DE ADELINO MAGALHÃES**

---

Londrina  
2012

STELA DE CASTRO BICHUETTE DA SILVA

**UMA HISTÓRIA FEITA DE CADERNOS:  
O ARQUIVO LITERÁRIO DE ADELINO MAGALHÃES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
letras, da Universidade Estadual de Londrina, como  
requisito à obtenção do título de Doutora em Letras.  
Área de concentração: Estudos Literários

Orientadora: Profa. Dra. Regina Helena Machado  
Aquino Corrêa

Londrina  
2012

**Catálogo na Publicação**  
**Biblioteca da UNICENTRO – Campus Santa Cruz Guarapuava**  
**Bibliotecária Vânia Jacó da Silva CRB 1544-9**

S586h Silva, Stela de Castro Bichuette da  
Uma história feita de cadernos: o arquivo literário de Adelino Magalhães / Stela de Castro Bichuette da Silva. – Londrina, 2012.  
xii, 136 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2012.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Helena Machado Aquino Corrêa  
Banca examinadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lourdes Kaminski Alves, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leoné Astride Barzotto, Prof. Dr. Almir Aquino Corrêa.

Bibliografia

1. Escritor. 2. “Vesperais Literárias”. 3. Centro de Cultura Brasileira. 4. História Literária. 5. Literatura Brasileira. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 809

STELA DE CASTRO BICHUETTE DA SILVA

**UMA HISTÓRIA FEITA DE CADERNOS:  
O ARQUIVO LITERÁRIO DE ADELINO MAGALHÃES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Regina Helena M. Aquino Corrêa  
UEL – Londrina - PR

---

Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves  
UNIOESTE – Cascavel - PR

---

Profa. Dra. Leoné Astride BARzotto  
UFGD – Grande Dourados - MS

---

Prof. Dr. Alamir Aquino Corrêa  
UEL – Londrina - PR

---

Profa. Dra. Regina Célia dos Santos Alves  
UEL – Londrina - PR

Londrina, 17 de abril de 2012.

Aos meus avós Anízio e Ninoca

Aos meus pais José Vítor e Maria Helena

## **AGRADECIMENTOS**

À Prof. Dr.<sup>a</sup> Regina Helena Machado Aquino Corrêa, pela paciência e apoio durante a realização deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina, por todo o conhecimento compartilhado e, de forma especial, aos professores Alamir Aquino Corrêa e Gizêlda Nascimento.

Ao Dr. Luiz Augusto Magalhães e a Sra. Eliana Maria Zanotti Magalhães, filho e nora de Adelino Magalhães, pela atenção e pela cordialidade que sempre me receberam durante a pesquisa no arquivo do autor.

Aos amigos do CEEBJA/Londrina, por todo o apoio e incentivo.

À Celci, pela amizade de sempre.

À minha família, ainda que distante, por me fazer sentir amada.

Ao Bu, pela ajuda, afeto, carinho, incentivo, ternura e companheirismo.

Ao Neto, por me fazer esquecer de tudo, lembrando-me apenas de que sou a mãe dele.

*É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente, procurar o arquivo onde ele se esconde*

Jacques Derrida

SILVA, Stela de Castro Bichuette. **Uma história feita de cadernos**: o arquivo literário de Adelino Magalhães. 2012. 136 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é trazer ao conhecimento da comunidade acadêmica o arquivo inédito do escritor Adelino Magalhães (1887-1969) de posse de sua família desde sua morte. Para essa primeira apresentação, tomou-se a decisão de pesquisar no arquivo dois importantes projetos de Adelino Magalhães, a saber, as “Vesperais Literárias” e o Centro de Cultura Brasileira (C.C.B.), projetos inéditos haja vista não haver nenhum estudo sistematizado sobre esses eles. Tanto as “Vesperais Literárias” e o C.C.B., ambos tiveram longa duração entre 1921-1927. A pesquisa abrange as “Vesperais Literárias”, acontecidas em 1921, e o C.C.B. Optou-se pelas “Vesperais Literárias”, de 1921, por serem as primeiras e, por elas serem a mola impulsora para a criação do C.C.B. Sobre o C.C.B., decidiu-se pesquisar o seu ideário nacionalista confeccionado sob o nome de “Programa Geral do Centro” e as sessões dessa agremiação durante o ano de 1923. A escolha pelas sessões do primeiro ano do C.C.B. deu-se pelo fato delas serem em maior número, ao todo trinta e duas sessões e, ainda, porque seria mais prudente seguir certa linearidade cronológica na pesquisa. O trabalho encontra sua justificativa na necessidade de dar voz ao arquivo de Adelino Magalhães e, ainda, de que novas vertentes de pesquisa sobre a figura ainda pouco conhecida do autor comecem a florescer bem como a urgência do tratamento técnico e material pelos diversos saberes especializados para que parte da nossa história literária e cultural não se perca.

**Palavras chave:** Adelino Magalhães. Arquivo literário. “Vesperais literárias”. Centro de cultura brasileira

SILVA, Stela de Castro Bichuette.. **A history made of notebooks:** Adelino Magalhães' literary archives. 2012. 136 f. Thesis (Doctorate in Letters) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

### **ABSTRACT**

The aim of this work is to bring to light in the academic community the unpublished archives by writer Adelino Magalhães (1887-1969) which has been under his family's possession since his death. For this first presentation, two of Adelino Magalhães' important projects were researched, namely "Vesperais Literárias" and the Center of Brazilian Culture (C.B.C.), studies that are also unpublished with no systematized study about them. Both "Vesperais Literárias" and the C.B.C. lasted from 1921 to 1927. Intending to establish what was going to be researched in the archives, the choice was for "Vesperais Literárias", from 1921, because they were the first project and soon became the springboard for the creation of the C.B.C. As for the C.B.C., the research focused on its nationalist system of ideas named "Center General Program" and on the sessions of this group during the year of 1923. The option for the first year of the C.B.C. was because, during this period, there was the highest number of sessions, thirty two overall, and because, as the material is unpublished, it should follow a certain chronological line for Adelino Magalhães to start focusing on literary studies. This work is justified by the need to voice Adelino Magalhães' archives, thus allowing new perspectives of the research about this still little known author and exposing the urgent need for technical and material treatment by several specialized areas so that our cultural and literary history is not lost.

**Keywords:** Adelino Magalhães Literary archive. "Vesperais literárias". Center of brazilian culture

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Capa das conferências do “Curso de Literatura” realizadas em 1922, por ocasião das Comemorações do Centenário da Independência. .... 96
- Figura 2** – Programa do “Curso de Literatura”, promovido pelo grupo de Adelino Magalhães, em 1922, por ocasião das comemorações do Centenário da Independência..... 97
- Figura 3** – Reunião do Centro de Cultura Brasileira..... 112
- Figura 4** – Fotografia das primeiras “Vesperais”, de 1921 ..... 113

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 – O ARQUIVO DE ADELINO MAGALHÃES</b> .....	16
1.1 A MATERIALIDADE DO ARQUIVO .....	16
1.2 CERTEZAS E DÚVIDAS: O TRABALHO COM O ARQUIVO LITERÁRIO .....	19
1.3 AS “VESPERAIS LITERÁRIAS”, DE 1921, O C.C.B. SEU IDEÁRIO .....	29
<b>CAPÍTULO 2 – ADELINO MAGALHÃES: O HOMEM, O ESCRITOR, O INTELLECTUAL E OBRA</b> .....	31
2.1 O HOMEM.....	31
2.2 O ESCRITOR: MARCAS NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA E NOS ESTUDOS LITERÁRIOS .....	34
2.3 O INTELLECTUAL: A PARTICIPAÇÃO NA REVISTA <i>FESTA</i> .....	48
2.4 A OBRA: O EXPERIMENTALISMO NO CONTO.....	53
2.5 O ESCRITOR, O HOMEM E O INTELLECTUAL: POR ENTRE GRUPOS E NÃO GRUPOS.....	62
<b>CAPÍTULO 3 – “AS VESPERAIS LITERÁRIAS”, OU AS PALESTRAS DOS NOVOS</b> .....	68
3.1 ADELINO MAGALHÃES, O RIO DE JANEIRO E O MODERNISMO .....	68
3.2 “AS VESPERAIS LITERÁRIAS”: O EVENTO SOCIAL E MUNDANO .....	78
3.3 A DIVULGAÇÃO DAS “VESPERAIS LITERÁRIAS”: OS PRIMEIROS HOMENAGEADOS.....	82
3.4 AS REUNIÕES DAS “VESPERAIS LITERÁRIAS”, DE 1921: O COMEÇO DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA.....	84
<b>CAPÍTULO 4 – CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA</b> .....	94
4.1 ANTECEDENTES DA FUNDAÇÃO DO C.C.B.....	94
4.2 A FUNDAÇÃO E O PROGRAMA GERAL DO C.C.B.: VISÃO POLÍTICA .....	101
4.3 A DINÂMICA DA VIDA DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA.....	103
4.4 CRONOLOGIA DAS SESSÕES DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA, EM 1923 .....	110
4.5 A PRIMEIRA DIRETORIA DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA .....	111
4.6 OS NOMES QUE PARTICIPARAM DO PRIMEIRO ANO DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA .....	113

4.7 DO IDEAL AO REAL: AS PRIMEIRAS DISCUSSÕES DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA E A CONTRIBUIÇÃO PARA O NACIONALISMO CULTURAL .....	114
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	126
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	131
<b>ENTREVISTAS DE ADELINO MAGALHÃES</b> .....	136

## INTRODUÇÃO

Todo trabalho tem uma história; a deste trabalho começou em 2003 quando eu era ainda aluna do Curso de Especialização em Literatura Brasileira, da Universidade Estadual de Londrina. Na época, o curso tinha um recorte bem específico que abrangia os anos de 1900 a 1930 na literatura brasileira.

Em uma disciplina especificamente dedicada ao conto, ministrada pelo professor Luiz Carlos Santos Simon, os alunos teriam como avaliação a apresentação de um tema em forma de seminário que, posteriormente, deveria ser transformada em artigo sobre alguns contistas da primeira década do século previamente elencados pelo professor responsável. Cada dupla escolheu seu autor e coube a mim, Adelino Magalhães, o único autor que ninguém tinha escolhido.

Fiquei muito apreensiva, visto que nunca ouvira falar sobre o autor e, ao começar a pesquisa para o seminário, fiquei ainda mais temerosa: na biblioteca da universidade não havia as *Obras Completas*, deste autor. Então, na época, precisei fazer fotocópias dos contos do livro do professor. Aos poucos, fui pinçando informações nas historiografias literárias e dando forma ao trabalho. Acabei considerando o autor muito interessante e resolvi tentar a seleção de Mestrado, escolhendo, como objeto o primeiro livro do autor, *Casos e Impressões*, de 1916.

O mestrado foi prazeroso. Pouco a pouco eu ia conhecendo aquele autor quase desconhecido e que cada dia mais me encantava. Fui tomando conhecimento dos trabalhos acadêmicos sobre ele, na época, apenas duas dissertações. Ficava horas na biblioteca e vibrava cada vez que conseguia um livro que falava mais que duas linhas sobre o autor. Consegui comprar a sua obra completa e foi aí que tomei conhecimento das “Vesperais Literárias” e do Centro de Cultura Brasileira (C.C.B.). Do mestrado resultou a dissertação *Visões do instável: um passeio pelos recortes de Casos e Impressões*, de Adelino Magalhães, em abril de 2006.

Em 2005, quando estava me preparando para a qualificação de mestrado tive minha primeira grande surpresa: ao abrir meu correio eletrônico havia uma mensagem do Dr. Luiz Augusto Magalhães, filho de Adelino Magalhães. Na mensagem, muito cortês, ele dizia que tinha tomado conhecimento do meu trabalho pela internet e que estava à disposição para o que eu precisasse. Trocamos algumas mensagens, mas nenhuma especificamente sobre o arquivo de Adelino Magalhães de cuja existência eu nem sequer desconfiava.

Defendida a dissertação, em abril de 2006, tive a intenção de continuar estudando Adelino Magalhães, agora, sobre um prisma diferente. Assim, entendi que as ideias das “Vesperais Literárias” seriam boas, uma vez que focalizariam a vida intelectual do autor. Foi então que participei do Congresso da ABRALIC, em agosto de 2006, no Rio de Janeiro. Como estava na cidade para o congresso, comecei, com entusiasmo, minha pesquisa sobre as “Vesperais Literárias”, – que repito, não sabia muito bem o que eram –, na Biblioteca Nacional e, com bem menos confiança, na Casa de Rui Barbosa. Decepção em ambas. Não encontrei nada e as pessoas dessas instituições, embora muito solícitas, não puderam me ajudar.

De volta a Londrina, entrei em contato novamente com o Dr. Luiz Augusto perguntando se ele sabia da existência de algum livro que versasse sobre o assunto porque eu estava interessada em pesquisar essa faceta de Adelino Magalhães para um possível projeto de doutoramento. Foi então que tive a minha segunda grande surpresa: na resposta, fui informada que todo o arquivo de Adelino Magalhães estava de posse da família. Assim, em janeiro de 2007, entrei contato, pela primeira vez com o arquivo de Adelino Magalhães.

À primeira vista, a história contada pelos cadernos-arquivos apontam várias vertentes possíveis sobre o escritor Adelino Magalhães e seu meio intelectual, tais como o círculo de amizade de Adelino Magalhães, a possibilidade de estudo do modernismo carioca a partir desse grupo. No entanto, alguns pontos mereceram maior destaque por parte do autor. São eles: a referência da crítica especializada sobre sua obra; as notícias das “Vesperais Literárias”; a repercussão do C.C.B.; e o embate entre o Modernismo do Rio de Janeiro e o de São Paulo. São esses assuntos que mais fortemente apontam as preocupações de Adelino Magalhães percebidas por meio daquilo que o próprio autor elegeu como prioritário para ser mantido em arquivamento.

O processo de pesquisa no arquivo de Adelino Magalhães foi até certo ponto trabalhoso, pois é um material novo e inédito, não catalogado nem digitalizado, portanto, tive de construir um método para que meu trabalho se tornasse mais viável e mais fácil de ser localizado por mim dentro dos meus arquivos no computador. No entanto, isso não impediu que a pesquisa fosse feita.

Quando, pela primeira vez, me deparei com o arquivo, pensei que não conseguiria dar uma ordenação em todos aqueles papéis. Tive então de recortar o que eu considerava mais importante para ser mostrado nesta primeira pesquisa dentro do arquivo do escritor. Foi então que decidi pelas “Vesperais Literárias” e pelo primeiro ano de funcionamento do C.C.B.

Para tornar mais eficaz meu trabalho, fotografei todas as atas do C.C.B., operação facilitada por estarem datadas; no entanto, o registro das sessões do C.C.B., nos jornais da época, por estar completamente fora de ordem e sem datação, somente me era possível dar certa ordenação, quando contrapunha a sessão do C.C.B. e à referida notícia. O trabalho com as primeiras “Vesperais Literárias” foi um pouco mais complicado, pois não há um programa-convite dessas primeiras palestras e então a construção dos nomes e datas das conferências teve de ser por mim construídos tendo como base as várias fontes do arquivo de Adelino Magalhães e o portal de periódicos da Biblioteca Nacional.

A partir das fotos digitalizadas, pude organizar os arquivos por assunto e fazer o primeiro tratamento do arquivo inédito. Desta forma, fui reconstruindo o ambiente onde aconteceram e os assuntos das palestras das “Vesperais Literárias” e do C.C.B. Para este trabalho de doutoramento, foram selecionadas para estudo as “Vesperais Literárias”, de 1921 e as atas do primeiro ano de funcionamento do C.C.B, em 1923. A escolha se deu pelo fato de que as “Vesperais Literárias”, ocorridas em 1921, na Biblioteca Nacional, foi o gérmen criador do C.C.B. e pelo fato delas continuarem a se fazer presentes durante todo o tempo de vida daquela agremiação cultural. Analisarei também o ideário escrito para o C.C.B também em 1923, e, de posse desse ideário tentarei entender os temas e assuntos presentes em cada sessão do centro durante o ano de 1923. O que se pretende com isso é chamar atenção para o arquivo de Adelino Magalhães, dentro de seu itinerário intelectual, e de como seu arquivo oferece inúmeras possibilidades a serem exploradas. Para tanto, construí esse trabalho separando-o em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, “O arquivo de Adelino Magalhães”, procurei focar a questão da sua materialidade, isto é, o que realmente são os cadernos-arquivos construídos pelo autor e guardados por tantos anos pela sua família. Assim, em um segundo momento, discorri sobre o que vem a ser arquivo de um escritor, no caso o de Adelino Magalhães, e sua importância para o entendimento não só desse escritor em si, mas também sobre todo o campo literário do qual ele faz parte, bem como a importância de seus pensamentos para que de posse deles compreender o seu posicionamento como intelectual. Em seguida, apresentei o objeto desta tese: a série de quatro “Vesperais Literárias”, de 1921, o C.C.B. e seu ideário, expliquei, nesse item, o porquê de ter escolhido esses três aspectos como merecedores de um primeiro estudo do arquivo de Adelino Magalhães.

No segundo capítulo, “Adelino Magalhães: o homem, o escritor, o intelectual”, tive a intenção de apresentar a figura do escritor dando ênfase em vários aspectos. Primeiramente, apresentei os aspectos bibliográficos e biográficos de Adelino

Magalhães bem com a sua entrada na vida literária com a publicação de *Casos e Impressões*, de 1916. Dando continuidade, discorri sobre a participação na revista *Festa*. A ênfase à participação do autor em *Festa* deu-se principalmente em razão de, muitas vezes, a produção intelectual do autor ser vista somente sob a luz de sua participação no periódico. A pesquisa no arquivo demonstrou trouxe à baila outras atividades do escritor, como por exemplo, a colaboração em diversos outros meios como a revista *Nação Brasileira* e vários artigos em jornais. Então, salientei como Adelino Magalhães foi classificado e considerado dentro da historiografia literária brasileira e nos estudos literários; para isso, pesquisei nas histórias literárias e nas pesquisas em trabalhos de mestrado e doutorado presentes no sítio do banco de teses da CAPES. Assim, para que a figura de Adelino Magalhães pudesse ser mais bem compreendida, pensei ser necessária a apresentação da obra do autor levando em conta suas características experimentalísticas, sem esquecer o retrato sociológico apresentado também em suas obras. Na sequência, coloquei em evidência Adelino Magalhães dentro de seu grupo de sociabilidade, levando em consideração seus relacionamentos no campo intelectual, que foram importantes para a realização tanto das “Vesperais Literárias” quanto do C.C.B.

O terceiro capítulo “As Vesperais Literárias”, ou as palestras dos novos”, teve como foco principal as conferências literárias, denominadas “Vesperais Literárias”, de 1921. Elas foram importantes para Adelino Magalhães, visto que é, a partir dessa série de quatro palestras que Adelino Magalhães ganhou o *status* de intelectual literário. Essas primeiras “Vesperais Literárias”, que deram forma ao C.C.B. e às outras conferências nos mesmos moldes, caminharam juntas à agremiação de 1923 até 1927. Assim, primeiramente, apresentei Adelino Magalhães dentro do Modernismo carioca para, só então, entrar nas conferências propostas por ele. Sobre as “Vesperais Literárias”, tentei explicar por que esse evento foi diferente dos salões literários tão presentes na sociedade carioca da época, como essas primeiras “Vesperais Literárias” se configuraram, como foram suas aparições na mídia e quem foram os primeiros homenageados. Para finalizar este capítulo, evidenciei que desses encontros de 1921 surgiu a ideia de um lugar em que se discutisse não somente sobre assuntos literários, mas também sobre a questão da valorização nacional. É daí que nasceu o C.C.B.

No quarto capítulo, “Centro de Cultura Brasileira”, o enfoque foi no ideário, nas ações e propostas do C.C.B. Assim, fiz um esboço dos antecedentes dessa agremiação e, enfatizando o caráter nacionalista de Adelino Magalhães, descartei duas opiniões acerca do autor: de que ele era um católico convicto ou um espiritualista. Tais opiniões, descoladas de seu contexto não refletem as características de Adelino Magalhães; vê-lo somente à luz delas e limitar bastante a obra e os ideais do autor. Outro ponto importante deste capítulo é o

Programa Geral do C.C.B. que seria a base das ações da instituição. Apresentei também a dinâmica da vida do C.C.B., isto é, onde eram as reuniões, em quais horários eram feitas, quem poderia ser sócios dele, quais eram as atribuições dos sócios. À frente, tendo como base as atas contidas no arquivo de Adelino Magalhães, construí uma cronologia das sessões do C.C.B, a sua primeira diretoria e os nomes mais frequentes no primeiro ano de fundação da instituição. Para finalizar, apresentei os assuntos discutidos nas trinta e duas sessões do C.C.B., em 1923, verificando os pontos de contato entre o ideal (programa geral do C.C.B.) e o real (as ações efetivas feitas no C.C.B., de acordo com o programa).

## CAPÍTULO 1

### O ARQUIVO DE ADELINO MAGALHÃES

#### 1.1 A MATERIALIDADE DO ARQUIVO

O arquivo de Adelino Magalhães é composto por grandes cadernos com recortes de jornais, anotações a lápis, fotografias, algumas correspondências entre ele e seus companheiros ou entre ele e seus familiares. Arquivados em sacos plásticos, os cadernos-arquivos de Adelino Magalhães apresentam-se em estado muito avançado de decomposição, com muitas folhas soltas que se esfurelam ao serem manuseadas. Portanto, há urgência para que esse material seja restaurado e colocado à disposição de pesquisadores interessados na vida intelectual, política e literária dos primeiros anos do século XX.

À primeira vista, o arquivo não difere de um amontoado de cadernos velhos, amarelados e gastos. Ao se familiarizar com ele, passa-se a perceber que muitas informações relevantes estão lá, mas é necessário procurar como localizá-las, pois há uma enorme miscelânea que incluem desde folhas rabiscadas até recortes de jornais e fotografias, quase tudo sem data, que Adelino Magalhães achou interessantes de guardar.

Quando tomei ciência de tudo isso, percebi que as hipóteses primeiras deveriam ser revistas. Como o arquivo não se encontrava organizado, catalogado e pronto para ser explorado, foi necessário fazer vários recortes, encontrar formas de organizar de uma maneira mais eficiente o material a ser trabalhado

Assim, o trabalho com o arquivo literário, ao mesmo tempo que encanta pelas inúmeras possibilidades de pesquisa e descobertas, amedronta pelos motivos inversos: a impossibilidade de dar ao arquivo o significado ou o tratamento adequado para que se possa tirar dele respostas tão bem guardadas durante tantos anos. Nesse sentido, diante da autoridade que os cadernos abertos sobre uma escrivãzinha no escritório do filho de Adelino Magalhães, cuja importância parece que só os anos são capazes de atribuir-lhes, guardam escondidas inúmeras possibilidades de revelação de um passado a ser redescoberto, de ressurgimento de pessoas esquecidas, de conhecimento encoberto pelo tempo. Por tudo isso também sentia uma espécie de temor por não estar segura se conseguiria preencher as lacunas abertas e revelar as riquezas, as respostas possíveis escondidas naquele acervo.

Como não poderia ficar em Campinas mais do que dois dias, nessa primeira visita, tirei fotos das páginas do arquivo para começar a organizar o meu material de pesquisa. Nem todas as fotos saíram suficientemente boas para o trabalho, mas foram importantes para

que eu entendesse o que foram as “Vesperais Literárias” e o C.C.B. e me abriram caminhos para que eu procurasse informações sobre esses dois projetos de Adelino Magalhães.

As primeiras “Vesperais Literárias”, de 1921, que me interessavam, eram as únicas que não tinham um programa a ser seguido, além de notícias e anotações. Eram necessário investigar para saber quando aconteceram e como foram idealizadas. A reconstrução foi feita pinçando os fragmentos de várias partes do arquivo. Como o arquivo quase nunca apresenta datas, ou fontes de onde foram retirados, fui fazendo ligações de assuntos pela ordem em que foram colados e por meio de seus conteúdos. As primeiras conclusões tiveram que ser inúmeras vezes revistas para que se pudesse chegar a suas fontes, que, se não precisas, muito próximas a elas.

O caderno de registro de atas das reuniões do C.C.B. referentes à agremiação é o que está em melhor estado de conservação. É também, o caderno mais bem organizado e, obviamente, por se tratar de um documento oficial das reuniões do C.C.B., é datado, facilitando a tarefa do pesquisador. Os registros das atas tiveram seu início em 05 de abril de 1923, com a “Ata da Sessão Preparatória do Centro de Cultura Brasileira”, e seu último registro em 04 de junho de 1925. Ao todo foram registradas 54 reuniões do C.C.B.

No ano de 1923 foram registradas em ata 32 reuniões, a primeira em 05 de abril de 1923 e a última em 05 de dezembro de 1923. As atas de 05 de abril a 16 de maio foram assinadas pelo secretário Heitor Pereira; as atas das sessões de 24 e 31 de maio foram assinadas pelo secretário em exercício, o poeta Murillo Araujo; já as atas de 06 de junho a 05 de dezembro foram assinadas pelo também secretário em exercício Alexandre Passos. Ao todo, foram realizadas 32 reuniões do C.C.B., no ano de 1923.

No ano de 1924 aconteceram apenas 14 reuniões, a primeira em 03 de abril de 1924 e a última em 11 de dezembro do mesmo ano. Todas as atas foram registradas pelo secretário eleito na primeira sessão do ano, Alexandre Passos. A segunda reunião acontecida entre a primeira de 03 de abril e a terceira de 01 de maio de 1924 não teve registro em ata, tendo sido deixado, no caderno de atas, um espaço em branco para, pensa-se, um posterior preenchimento que não ocorreu.

Por fim, o último ano registrado, o de 1925, contou com o registro de apenas 8 reuniões, acontecidas entre 04 de abril de 1925 e 04 de junho de 1925. Convém salientar que, embora os registros tenham sido interrompidos, as reuniões do C.C.B. não cessaram. As atas passaram também a ser publicadas nos jornais do Rio de Janeiro. Infelizmente, muitas dessas atas, que foram recortadas por Adelino Magalhães e coladas em seus cadernos-arquivos, não trazem nem a data nem a fonte, o que, certamente, faz com que esse quebra-

cabeça demande ainda tempo para ser totalmente concluído. O arquivo sobre o C.C.B. foi, como dito, um pouco mais fácil pois estava bem organizado. Por ser um caderno oficial de atas sobre as reuniões da agremiação contava com datas, horário e local. A dificuldade encontrada estaria na decodificação da caligrafia. Tive de transcrever o material para depois começar a formar uma ideia sobre ele.

Há ainda no arquivo diversas correspondências coladas nos cadernos-arquivos que não serão tratadas neste trabalho de doutoramento. A título de exemplificação, foram pinçadas três cartas com diferentes conotações.

A primeira, um ofício datilografado de Andrade Muricy, amigo durante toda a vida de Adelino Magalhães, parabenizando-o pelo prêmio “Machado de Assis”, oferecido ao escritor fluminense pela Academia Brasileira de Letras, em 1967. Muricy escreve uma carta oficial em papel timbrado com o brasão do Governo Federal, como presidente substituto do Conselho Federal de Cultura, órgão ligado ao Ministério da Educação e Cultura. Datada de 24 de julho de 1967. O ofício formal diz:

Tenho o prazer de apresentar ao insigne Escritor, em nome do Conselho Federal de Cultura, os seus aplausos - os quais junto aos meus -, pela concessão por parte da Academia Brasileira de Letras, do prêmio “Machado de Assis”, a mais importante Láurea literária do País, pelo conjunto de sua obra ilustre.

A segunda carta, também datilografada, tem por correspondente o escritor cearense Braga Montenegro. Essa carta é de cunho mais pessoal. É escrita de próprio punho e apresenta características da escrita íntima, com rasuras e linguagem mais coloquial e afetiva. O escritor cearense conta a Adelino suas amarguras e decepções com a Casa José de Alencar e de forma mais intimista deseja a Adelino Magalhães e a família um feliz ano de 1968. É interessante notar que, após colar a carta em seu caderno de memórias, Adelino Magalhães justifica sua atitude com a seguinte frase “Arquivada em atenção ao valor de Braga Montenegro”. A carta, de 24 de dezembro de 1967, diz:

Entre outros problemas que me fizeram regressar antes de 1º de dezembro, como desejava, foi a trapalhada com a Casa de José de Alencar, de que me desliguei. Os “técnicos” que agora detêm a Universidade, as rédeas chucas da Universidade, segundo me disseram, queriam transformar aquilo, que nos custou tantas canseiras, numa colônia de férias para professores. É o cúmulo!

Uma terceira carta, escrita a mão, cujo remetente é Adelino Augusto Magalhães, pai de Adelino Magalhães, tem assunto familiar e pessoal. Magalhães, pai, conta sobre a enfermidade que o acometeu, sobre o tratamento e sobre sua vida na casa de repouso em que esteve internado. Conta também novidades sobre alguns conhecidos. Datada de 29 de janeiro de 1929, diz o pai ao filho:

Respondo às tuas 2 cartas sendo a última datada de 25 que recebi ontem a noite, como aconteceu contigo também tive aqui um pequeno contratempo que me tem atrasado bastante a cura da moléstia.

Provavelmente haja outras cartas particulares mantidas pela família de Adelino Magalhães que estão ainda guardadas e não foram disponibilizadas. Suponho que as haja pelo fato de que, em uma das visitas, me foi mostrada uma carta de Augusto Schmidt para Adelino Magalhães.

Diante do arquivo de Adelino Magalhães, é claramente visível tanto o esquecimento do escritor quanto o da sua obra. O arquivo ficou por quase cinco décadas guardado na instância particular, já que foi mantido pela família do escritor. O fato do arquivo de Adelino Magalhães ter ficado por quase cinco décadas guardado com a família, pode ter contribuído para o esquecimento tanto do escritor quanto do seu papel na vida literária do Rio de Janeiro. O arquivo, mantido na esfera do privado, impede que se desperte o interesse de pesquisadores.

## 1.2 CERTEZAS E DÚVIDAS: O TRABALHO COM O ARQUIVO LITERÁRIO

O estudo dos arquivos literários é algo que fascina pelas inúmeras possibilidades que dentro dele poderão ser encontrados. É como se fosse uma longa viagem no tempo durante a qual vão surgindo documentos, cartas e fotografias permitindo ao pesquisador criar com o escritor uma intimidade. No caso do arquivo de Adelino Magalhães, aos meus olhos, ele se tornou ainda mais interessante, pois fui guiada pelo seu próprio filho que me mostrou outras particularidades além dos cadernos-arquivos organizados por seu pai.

Nas visitas à casa do Dr. Luiz Augusto Magalhães, sempre acompanhado de sua atenciosa e prestativa mulher, me foi mostrada a escrivinha que Adelino Magalhães utilizava no “Grão Turco”. Pude ver enquadrado o cardápio do almoço comemorativo, onde a ordem dos pratos a serem servidos eram nomeados de acordo com os contos do escritor. O almoço foi oferecido por diversos amigos e realizou-se no restaurante Silvestre, no Rio de

Janeiro. Assisti a vídeos familiares e íntimos, nos quais o escritor, já velho, aparece bem à vontade com suas netas. Somente depois dessa viagem maravilhosa fui levada ao valioso arquivo de uma época tão distante.

Um estudo importantíssimo no campo dos estudos sobre o arquivo é *Mal de arquivo* – uma impressão freudiana, de Jacques Derrida, de 1995. No estudo, o filósofo discute a questão da psicanálise e seu possível vínculo com o judaísmo. No entanto, antes de entrar no seu objetivo específico, Derrida discute o conceito de arquivo, ou até mesmo, se há realmente um conceito único de arquivo.

Derrida explica que antes de conceituar arquivo, é necessário entender qual o significado primeiro dessa palavra, do grego, *Arkhe*, significa ao mesmo tempo começo e comando. É desses dois significados que são gerados dois princípios: ontológico e nomológico, a saber:

Este nome coordena dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, *ali onde* as coisas *começam* – princípio físico, histórico ou ontológico –, mas também o princípio da lei *ali onde* os homens e os deuses *comandam*, *ali onde* se exerce a autoridade, a ordem social, nesse lugar a partir do qual a *ordem* é dada – princípio nomológico. (DERRIDA, 2001, p. 11, grifos do autor).

Apesar da aparente comodidade oferecida pela reflexão acima, Derrida a desfaz ao afirmar que há sempre mais de um princípio tanto na ordem do começo como na ordem do comando, ou seja, “o conceito de arquivo abriga em si mesmo esta memória do nome *arkhê*. Mas também se conserva no abrigo desta memória que ele abriga: é o mesmo que dizer que a esquece.” (DERRIDA, 2001, p 12)

Então, de acordo com Derrida, o arquivo vem do *arkheion* grego, que originalmente, era uma casa, um domicílio, a residência dos magistrados superiores, chamados de arcontes, aqueles que comandavam. Aos arcontes era reconhecido o direito de fazer ou representar a lei. Dessa forma, na casa dos arcontes, autoridades publicamente reconhecidas, eram depositados os documentos oficiais, cabendo a eles não só guardá-los e zelar por sua segurança como também cabia-lhes a competência hermenêutica (DERRIDA, 2001, p. 12-13).

Assim, eram necessários um guardião e uma localização, uma vez que para esses documentos ou arquivos deveria haver um suporte e uma residência. É daí que vem a ideia de domiciliação, que Derrida entende como local de depósito consensual dos documentos, marcando assim a passagem institucional do privado para o público,

Os documentos, que não são sempre escritos discursivos, não são guardados e classificados no arquivo senão em virtude de uma *topologia* privilegiada. Habitam este lugar particular, este lugar de escolha onde a lei e a singularidade se cruzam no *privilégio*. No cruzamento do topológico e do nomológico, do lugar e da lei, do suporte e da autoridade, uma cena de domiciliação torna-se, ao mesmo tempo, visível e invisível (DERRIDA, 2001, p. 13).

Dessa forma, o poder do arconte vai além da função topo-nomológica; ele não requer somente o suporte estável e uma autoridade hermenêutica legítima. Há ainda a necessidade de outro, o poder de consignação, poder que deve estar junto ao poder arcôntico. Segundo Derrida, por consignação entende-se o ato de reunir os signos:

A *consignação* tende a coordenar um único *corpus* em um sistema ou uma sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração. Num arquivo, não deve haver dissociações absoluta, heterogeneidade ou *segredo* que viesse a separar (*secernere*) compartimentar de modo absoluto. O princípio arcôntico do arquivo é também um princípio de consignação, isto é, de reunião (DERRIDA, 2001, p14, grifos do autor)

Em “Arquivar a própria vida”, Philippe Artières (1997) não explica o processo de arquivamento de acordo com o valor etimológico do sentido que está na palavra arquivo como fez Derrida. Dentro de outra vertente, o autor explica que as práticas de se autoarquivar não são feitas apenas por escritores ou pessoas importantes. Para Artières, as pessoas ou nós mesmos, ao arrumarmos nossos pertences, fazemos triagens guiadas por contraditórias e sucessivas intenções, assim “passam[os] o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros” (ARTIÈRES, 1997, p. 10).

Continuando suas reflexões, Artières (1997, p. 11) argumenta que as pessoas arquivam sua vida por várias razões mas que:

não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs de nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens.

Essa ação de manipular o que seria preservado é a que encontramos nos arquivos-cadernos de Adelino Magalhães. Ele faz as escolhas daquilo que achava importante para seu autoarquivamento. Entretanto, todas com o sentido de uma intenção autobiográfica.

De outra forma, que propósito teria o exercício de arquivar? Tal comportamento, Artières (1997, p.11) interpreta que

o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação. Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu.

Nessa prática de construção de si mesmo, Artières propõe três aspectos dos arquivos do eu: a injunção social, a prática de arquivamento e a intenção autobiográfica. A injunção social seriam aqueles papéis que a sociedade exige que todos tenham arquivados: são os registros civis, comprovantes de natureza econômica, diplomas, comprovantes de residência. O outro aspecto, aquele que se refere à prática do arquivamento, aquele no qual pode ser enquadrado um dos aspectos dos arquivos de Adelino Magalhães, pois nele o indivíduo não arquivava somente porque é pressionado pelas exigências sociais, mas porque quer preservar a memória. São os recortes de jornais sobre ele próprio e sobre seus amigos, as fotografias das “Vesperais Literárias”, os artigos em revista escritos por ele e por outros que os julgam interessante.

Assim, Adelino Magalhães quando selecionou o que seria posto em seus cadernos-arquivos, também estabeleceu como gostaria de ser lembrado no futuro. Arquivar a própria vida é então

simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo (ARTIÈRES, 1997, p, 31).

A última forma do arquivamento do eu seria a escritura autobiográfica, a escrita sobre si mesmo. Nela cabem, de acordo com Artières (1997) não somente a escrita de diários ou testemunhos mas também uma coleção que contasse uma história. Os cadernos de atas do C.C.B podem ser enquadrados nessa definição. Organizados cronologicamente, eles contam a história de uma determinada instituição em um determinado tempo e local.

Para que se arquivar? Quem está do outro lado do arquivo? O arquivamento visa um futuro leitor, quer autorizado ou não, e tem a função de driblar o tempo e a finitude do produtor do arquivo, pois “arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de

publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte” (ARTIÈRE, 1997, p. 32).

Em um artigo que conta a história do seu trabalho científico frente ao Acervo de Escritores Sulinos, a pesquisadora Maria da Glória Bordini (2009) apresenta uma interessante discussão sobre o acervo literário relacionando-o ao papel que sua organização tem não só para os pesquisadores dos autores arquivados, mas também para a formação de pesquisadores nos cursos de Letras, bem como a importante contribuição dos acervos para a pesquisa em si mesma.

Bordini (2009) acredita que a atuação nos acervos – ela refere-se ao Acervo de Escritores Sulinos, mas cabe aqui acervos com outros autores – proporciona um aporte significativo de estudos literários diferenciados em relação ao que vinha sendo feito e mobiliza “a opinião pública com exposições e programas televisivos, trazendo à tona obras e autores que já se encontram na penumbra das bibliotecas, com poucos leitores” (BORDINI, 2009, p. 45).

Para a autora, a investigação nos acervos literários oferece a possibilidade de novos modelos epistemológicos, ou seja, uma abordagem da literatura menos autoencerrada. Dessa forma, “a existência de fontes primárias como material de investigação exige que se estabeleçam interrelações entre as correntes teóricas, abrindo caminho para uma reflexão menos dependente” (BORDINI, 2009, p. 45).

De acordo com Bordini (2009, p. 46), esse tipo de abordagem ensimesmada do objeto literário, sem uma inter-relação persiste porque a

maior parte dos trabalhos de pesquisa em literatura ainda é imanetista, fixada no texto em si e quando muito em seus intertextos, voltada para as “aventuras da linguagem”, no dizer de Barthes. No pólo oposto, é historicista, presa à dialética entre história e obra, de acordo com a cartilha marxista. As bases documentais permitem outras possibilidades: a investigação da gênese das obras, de seu destino, das relações entre os processos materiais e os processos ideativos que cercam não só a obra mas toda a instituição literária. Reinventam a biografia e autobiografia, dão acesso às subjetividades produtoras e receptoras, fazem ponte com os Estudos Culturais, com as preocupações pós-modernas e pós-coloniais ligadas à construção de identidades e às lutas das minorias, desfazendo preconceitos.

Com toda essa gama de possibilidades disponibilizadas pela conservação e manutenção, o acervo literário abre-se para a pesquisa porque nele não há hierarquia; todos os dados presente nele – falo agora especificamente do arquivo de Adelino Magalhães – vão do

mais ínfimo cartão de “melhor marido” até um artigo perdido em revistas esquecidas. Os arquivos abrem possibilidades infinitas e nesse sentido que os

acervos não apenas proporcionam, como comumente se pensa, a comprovação de informações, diminuindo dúvidas históricas, mas geram possibilidades impensadas com o entrecruzamento de dados heterogêneos, que em geral ficam na periferia da crítica, do comparatismo e da teoria e que podem iluminar-lhes as atividades (BORDINI, 2004, p. 46)

No arquivo de Adelino Magalhães o labirinto de folhas e papéis, marcados pela ação do tempo, pode ser percebida a amplitude de horizontes fecundos para a preservação da memória e da cultura, para o debate e para a investigação. Nesse sentido, ao remexer o arquivo literário, o despertador da memória adormecida, pressuponho revirar relações tensionais de poder, ou seja,

que a memória se constitui como um campo de lutas políticas, em que se confrontam diferentes relatos da história, visando o controle do arquivo. Pensar o arquivo demanda, pois, uma atenta consideração das operações da memória e do esquecimento, de suas interconexões (MARQUES, 2007, p.14).

É, portanto, legítimo dizer que o interesse pelos estudos dos arquivos torna-os, de acordo com Marques (2007, p. 14), “objetos de tratamento por parte dos saberes especializados”. O fascínio pelo acervo do escritor dá-se justamente pelas possibilidades de entrar nos domínios do privado, o que aumenta o imaginário cultural e pode levar a pensar os arquivos como mediadores culturais como uma figura epistemológica.

Ainda de acordo com o estudo de Marques, no Brasil, a instalação de centros de preservação dos nossos arquivos literários situa-se nas décadas de 70 e 80, marcadas, principalmente, “pela preocupação com os lugares da memória e, ao mesmo tempo, por forte pressão de mecanismos de amnésia social e histórica” (MARQUES, 2007, p. 18), visto serem os arquivos importantes para preservação e produção de conhecimento de nossa cultura e de nossa literatura. Ainda no referido artigo, Marques sugere que a importância de uma história dos arquivos literários no Brasil deve estar atenta às relações entre discurso e poder. Nesse sentido,

uma história, enfim, ciente de que as origens estão rasuradas, perdidas, e que os acontecimentos somente nos são acessíveis pela mediação de documentos, em seus usos pelo poder. Trata-se, pois, de uma história efetiva construída a partir de um olhar micrológico, dotada de um caráter mais fragmentado, sem ambições totalizantes, como forma de se contrapor a uma história abstrata e idealista, evolutiva e teleológica (MARQUES, 2007, p.18).

Observa-se então que, ao se entender a história, da perspectiva colocada por Marques, estar-se-á mais bem preparado para examinar a multiplicidade de discursos ecoados dos acervos literários, pois assim poder-se-á ter a compreensão dos desafios que estão presentes no trabalho com eles. Sem deixar de enfatizar que os arquivos estão marcados por dois termos: a política da memória, entendida como embates entre projetos culturais e sociais conflitantes, e o outro, aquele sugerido e temido nas primeiras linhas deste trabalho, o enfrentamento crítico do encanto com os arquivos “cujas fontes documentais parecem nos prometer a verdade da obra de arte, fazendo-nos esquecer muitas vezes o caráter construído do documento, dos arquivos” (MARQUES, 2007, p. 18).

Sob a perspectiva de Marques (2007), na esteira de Derrida (2001), a noção de arquivo passa por aqueles dois princípios explicados pelo filósofo: o topológico e o nomológico. E de cunho mais significativo ainda é

a passagem – de natureza complexa – do privado para o público, em que a casa do escritor torna-se um museu, um arquivo, aberto à comunidade. Ou em que seu acervo é confinado à guarda de uma instituição pública de seus arcontes, os guardiões dos arquivos – universidade, centro de memória, de documentação, biblioteca, etc (MARQUES, 2007, p. 19).

O problema sobre acervo literário encontrado e apontado no estudo de Marques consiste no fato de que o trabalho com o arquivo aumenta a crise do paradigma disciplinar moderno, “na medida em que problematizam categorias canônicas dos estudos literários, tais como: texto, obra, autor, valor estético universal, os saberes tornam-se mais rarefeitos os fundamentos das disciplinas acadêmicas” (MARQUES, 2007, p. 19). Nesse sentido, os arquivos funcionam

Como forma de, ao narrativizar os arquivos literários, desconstruir a ordem original, a intencionalidade que os erigiu, operando outras análises e interpretações que afirmem novas possibilidades de articulação da nossa história cultural. Aliado a essa perspectiva, entendo que seria instigante também relacionar os arquivos literários ao conceito de sobrevida, a partir de Walter Benjamin e Jacques Derrida, na medida em que esses arquivos propiciam a sobrevivência cultural e literária, e sua interação com outros tempos, contextos, leitores (MARQUES, 2007, p. 20).

A montagem de uma história dos arquivos literários no Brasil possibilitará, na visão de Marques (2007, p. 21), examinar os impactos das atividades e pesquisas neles desenvolvidas, situar cada arquivo específico num contexto histórico mais amplo, estimular interesse por trabalhos e pesquisas com fontes primárias da literatura, proporcionar uma maior interação entre pessoas e instituições envolvidas na pesquisa em arquivos e museus literários.

A discussão acerca de uma história do arquivo literário, que Marques (2007) limita ao Brasil interessa, sobretudo, pelo fato de sua proposta se basear na ideia de que há de se levar em conta a particularidade e a peculiaridade de cada arquivo em si. O acervo de Adelino Magalhães, entendido como instâncias de produção de discursos, pode ser questionado pelas perguntas sugeridas por Marques, em seu trabalho, quais sejam: Quem os profere? Que posições ocupam no seu circuito de transmissão? A partir de que lugares? Quais são as estratégias de enunciação? Que relações tais discursos estabelecem com outros discursos compondo uma rede discursiva? Dessa forma, a montagem de uma história dos arquivos literários no Brasil

supõe uma leitura atenta aos vazios, desvios e rupturas próprios da constituição desses espaços/textos em que se configura a memória literária e cultural do país. Comporta seja a problematização de conceitos basilares – como os de história, literatura, cânone, obra, valor literário, arquivo, etc. – seja a ampliação do estatuto da recepção crítica, porquanto o arquivo do escritor constitui-se num mundo em aberto, marcado pela precariedade e pelo transitório (MARQUES, 2007, p. 22)

A partir das pertinentes reflexões feitas por Marques acerca da construção da história do arquivo literário no Brasil, o arquivo de Adelino Magalhães pode transitar pela esfera daqueles arquivos a serem descobertos ou, como diz o referido pesquisador, o arquivo deixará o núcleo privado para se tornar objeto de pesquisa, sendo posto, assim, no âmbito do público. A pesquisa sobre acervo do escritor, mais precisamente, sobre o acervo do C. C. B., tentará recuperar parte da história do autor e de sua movimentação em torno de uma vida intelectual tão frenética no começo do século passado.

Para ajudar no trato do acervo de Adelino Magalhães são importantes também, as considerações feitas por Figueiredo (2007) sobre os cadernos autobiográficos de Lima Barreto. Os “Retalhos”, como esses cadernos foram denominados pelo autor e depois publicados e organizados pelo seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa, permitem muitas correlações entre literatura, história e memória.

O conjunto de cadernos feitos por Adelino Magalhães também implica a visão da realidade de forma fragmentada em que os sentidos devem ser construídos folha por folha. No caso do arquivo de Adelino Magalhães, as escolhas do que ele julgava que deveriam ser registradas são, obviamente, subjetivas, isto é, só é recortado e guardado nos cadernos aquilo que o autor considera relevante: a escolha do que se quer guardar na memória é quase sempre subjetiva e pessoal. Como aponta Figueiredo (2007, p. 87) em “O arquivo e o olhar: da vida literária à rede de imagens culturais”:

tornar significativo um conjunto de registros fragmentários implica propor uma leitura do cotidiano e da história que, longe de uma descrição paulatina, linearizada e cronológica dos acontecimentos, recolhe os discursos, as promessas, mas também as confidências e o silêncio reticente que pode vir das esquinas, dos becos, da massa anônima. Quem fala – um intelectual – e de onde fala, tornam instigantes esses fragmentos em que predomina a observação, no lugar do senso prático da experiência de vida.

O estudo dos arquivos literários tem crescido ultimamente, sobretudo com o reposicionamento da figura do autor no cenário cultural. O trabalho do pesquisador dos espólios navega em várias direções, para, por exemplo, “reconstruir uma gênese textual, firmar uma edição crítica, propor uma teoria de recepção ou ainda formular uma pesquisa em círculos intelectuais e sociais” (RIOS, 2008, p.45) e com isso perceber o arquivo como passível de uma reserva da memória e da cultura. Nessa direção, Rios (2008, p. 46) argumenta que a função primordial do arquivo é a preservação de um patrimônio cultural.

Isso se efetivará nos dos cadernos de memórias do autor que, sob tutela de seus herdeiros, ajudam a mapear outras nuances possíveis, não só do autor como também de um círculo de intelectuais que fizeram parte da vida literária carioca no começo do século XX, tais como essas redes de sociabilidade entre os intelectuais cariocas, a visão de nacionalismo do grupo de Adelino Magalhães, a produção intelectual do autor. Assim, o arquivo de Adelino Magalhães para ser mais bem explorado em pesquisas futuras é extremamente necessário uma política para sua conservação. Os cadernos-arquivos devem, primeiramente, ser digitalizados para que se evite o manuseio e não se perca mais de sua matéria.

A história contada por esses cadernos aponta várias vertentes possíveis sobre o escritor Adelino Magalhães e seu meio intelectual. No entanto, alguns pontos mereceram maior destaque por parte do autor. São eles: a referência da crítica especializada sobre sua obra; as notícias das “Vesperais Literárias”; a repercussão do C.C.B.; e o embate

entre o Modernismo do Rio de Janeiro e o de São Paulo. São esses vetores que mais fortemente apontam as preocupações de Adelino Magalhães percebidas naquilo daquilo que o próprio autor elegeu como prioritário para ser mantido em arquivo.

### 1.3 AS “VESPERAIS LITERÁRIAS” DE 1921, O C.C.B. E SEU IDEÁRIO

Para este trabalho de doutoramento, com já mencionei, escolhi pesquisar as “Vesperais Literárias”, de 1921 e as atas do primeiro ano de funcionamento do C.C.B, em 1923. As “Vesperais Literárias” foram um conjunto de quatro encontros ocorridos aos sábados na Biblioteca Nacional nos quais discutiam-se temas literários, faziam-se homenagens a autores mortos, declamavam-se poemas e havia uma parte dedicada a concertos musicais. Já o C.C.B. , que funcionava no Centro Paulista, no Rio Janeiro, foi um desdobramento das “Vesperais Literárias”, local onde, além das tardes literárias, discutia-se como nacionalizar o país por meio de um programa próprio.

Adelino Magalhães e o grupo do C.C.B apostavam no nacionalismo da literatura brasileira e na exaltação de seus autores, sem com isso menosprezar o passado que deveria ser fonte de orgulho, visto que a nação estava sendo construída e os projetos nacionalistas e brasilianistas estavam em voga. Com o centenário da Independência se aproximando, não seria nada mais condizente, no pensamento de Adelino Magalhães, para a história da literatura pátria, do que lembrar os vultos que abriram o caminho para as novas revoluções que estavam acontecendo na literatura dos anos de 1920.

Com isso, na busca incessante pelo nacionalismo, nada mais apropriado que afastar-se de tudo que lembrasse o passado colonizado, que lembrasse Portugal e a Europa. Nas reflexões de Mário da Silva Brito (1974, p.138), o país nos anos de 1920 estava marcado pelo nacionalismo e mais, naquele momento, “existia uma revivência do mesmo sentimento que, no século anterior, gerara o romantismo e levava os nacionais a uma atitude antiportuguesa, jacobina até.”

A escolha se deu pelo fato de que as “Vesperais Literárias”, ocorridas em 1921, na Biblioteca Nacional, foram o gérmen criador do C.C.B. e também pelo fato delas continuarem a se fazer presentes durante todo o tempo de vida daquela agremiação cultural. Analisarei o ideário escrito para o C.C.B também em 1923, e, de posse desse ideário tentarei entender os temas e assuntos presentes em cada sessão do centro durante o ano de 1923. O C.C.B. também foi uma instituição literária e cultural, apesar de pouco conhecida atualmente, diferentemente do que aconteceu em sua época quando foi, até certo ponto, aclamada por

fazer parte do conjunto de intelectuais cujo propósito era criar estratégias para a nacionalização do país, mesmo que muitas vezes de forma ingênua e até mesmo xenofóbica.

O meu interesse pelo Centro de Cultura Brasileira fundado por Adelino Magalhães na década de 20, do século passado, surge em razão de o escritor estar inserido num ambiente intelectual que movimentava a sociedade carioca da época com os debates sobre o Modernismo, as artes novas e a modernidade. Não se esqueça, porém, que, no cenário específico dos anos de 1920, havia um projeto maior de nacionalização e de construção da identidade nacional.

Grande parte da intelectualidade carioca que fazia parte dos contatos de Adelino Magalhães tem ficado à margem nos estudos literários. Nomes como o do próprio Adelino Magalhães, Tasso da Silveira, Murillo Araujo, Raul Pederneiras, Raul de Leoni, entre outros, não figuram com frequência nas pesquisas recentes. Em uma busca no Banco de Teses do sítio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) observa-se que há um número muito pequeno de trabalhos sobre estes escritores. Sobre Adelino Magalhães, o Banco de Teses conta apenas com oito trabalhos entre os anos de 1990 e 2010. Sobre Nestor Vítor, grande amigo de Adelino Magalhães e participante das rodas literárias cariocas, têm-se apenas 3 trabalhos entre 2004 e 2010. Sobre outro grande nome do círculo de amizade de Adelino Magalhães que é Andrade Muricy, têm-se também apenas 3 trabalhos, entre 1997 e 2005. Sobre Raul Pederneiras foram encontrados 2 trabalhos, um de 2000 e outro de 2007. Sobre Raul de Leoni um único trabalho do ano de 1997.

Sobre Adelino Magalhães, os trabalhos encontrados são em maior número se comparados aos dos nomes anteriores. No sítio da CAPES, constam sete trabalhos que têm o escritor como objeto. No entanto, em nenhum deles há a referência à participação no ambiente intelectual carioca nas duas primeiras décadas do século XX.

O C.C.B. e, antes dele, as “Vesperais Literárias”, parece vincular-se tanto aos diversos estudos referentes ao desenvolvimento das articulações sobre a vontade de uma nacionalidade brasileira quanto ao Modernismo carioca e seu projeto estético dentro do movimento modernista brasileiro que teve vários focos em todo país.

Como todo trabalho demanda um recorte específico, este procurará mapear apenas as “Vesperais Literárias”, de 1921, dando-lhes uma unidade e especificando o que elas foram, como aconteceram, em que local e em quais circunstâncias ocorreram. Enfim, procurarei dar uma unidade a essas primeiras conferências literárias organizadas por Adelino Magalhães para que elas comecem a ser mais bem compreendidas dentro da trajetória

intelectual do escritor. O trabalho com as “Vesperais Literárias” será um exercício de alinhavar as várias e dispersas fontes do arquivo e dar-lhes uma forma primeira.

No trabalho com o programa do C.C.B., ou seja, sobre seu ideário e as atas do primeiro ano de funcionamento da instituição, buscarei entender e expor como Adelino Magalhães procurava nacionalizar o país e o que foi o C.C.B em 1923. O trabalho com as atas tem como objetivo entender as ações promovidas pela agremiação em harmonia ou não com seu ideário e até que ponto esse mesmo ideário foi seguido, bem como verificar o que foi concretamente alcançado pelo C.C.B.

## CAPÍTULO 2

### ADELINO MAGALHÃES: O HOMEM, O ESCRITOR, O INTELLECTUAL E A OBRA

#### 2.1 O HOMEM

O tímido e pacato escritor Adelino Magalhães, nascido em 2 de setembro de 1887, ficou órfão de mãe ainda bebê e foi criado pela avó materna até os sete anos de idade, dando-lhe uma formação católica, como sua mãe, Luiza Magalhães, havia pedido. A troca de tutela acontece em 1895, quando o pai Augusto de Magalhães o leva para Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, para iniciar os estudos formais, orientado por Elisa Meyer Pinto, uma conhecida tutora da elite educacional fluminense. Assim, Adelino Magalhães passa a frequentar o colégio protestante Liceu Nacional, cujo proprietário era o irmão de Dona Elisa.

A obra adulta de Adelino Magalhães será muito marcada pela criação afetiva católica da avó materna e a educação intelectual protestante proveniente da educação paterna. Essas duas vertentes religiosas entraram em choque no íntimo do menino, possibilitando-nos ler sua obra madura à luz desses questionamentos. Outro ponto biográfico que permeia muitas narrativas de Adelino é caracterizado pela ausência da mãe e pelas lembranças do “Grão Turco”, comércio do pai e local onde muitas das reuniões do C. C. B. foram realizadas antes de se transferirem para o Centro Paulista, na praça Tiradentes. A escrita intimista dos contos de Adelino Magalhães ressalta a vida do menino órfão, criado sozinho.

Quando retornou ao Rio de Janeiro para os exames preparatórios, o pai o colocou como interno no Instituto Spencer para concluir o secundário. Em 1905, ingressou na Faculdade de Medicina, para satisfazer a vontade paterna, mas abandonou o curso dois anos depois. A atitude foi considerada de rebeldia e fez com que o autor e o pai entrassem em desentendimento. Assim, sem ajuda financeira paterna, Magalhães foi lecionar no Colégio Batista, por indicação de sua antiga professora D. Elisa. Por essa época, entrou no curso de Direito e se formou bacharel.

A biografia de Adelino Magalhães mostra que os anos entre 1916 e 1930 foram os anos áureos de sua vida ante matrimonial, boêmia e literária. Por isso, não é de se espantar que a produção literária mais significativa e importante situe-se nesses anos. A vida literária de Adelino Magalhães, que começara com a publicação de Casos e Impressões, em 1916, possibilitaria ao autor circular pela vida intelectual carioca, pelos cafés e manter amizades que o ajudariam, mais tarde, com os seus dois grandes projetos as “Vesperais Literárias” e o C.C.B.

Casos e Impressões foi publicado com recursos do pai do escritor, pela Editora Revista dos Tribunais, de propriedade de Benedito de Souza. A publicação teve o custo de 700 mil-reis e cada exemplar tinha o preço entre 2 a 3 mil-reis. De acordo com Adelino Magalhães (1965),

*Casos e Impressões* começou a ser publicado em uma tipografia em Resende, no Rio de Janeiro, mas a tipografia não conseguiu desobrigar da incumbência. Voltando ao Rio, entreguei os originais a Benedito de Sousa.

Nestor Vítor, amigo íntimo de Magalhães e um dos seus melhores críticos, conta que *Casos e Impressões* fora recebido com uma chuva de pedras quando apareceu. No entanto, o relativo sucesso de Adelino, dado primeiramente pela dose de escândalos provocados pelo livro, fez com que novas relações, no campo literário e intelectual surgissem para Adelino Magalhães, projetando-o no campo, quase bélico, das rodas literárias, formadas pelos intelectuais no Rio de Janeiro. É, pois, por esse tempo, que Adelino começa a circunscrever suas relações de sociabilidade, passa a frequentar os cafés “Silvestre”, “Belas Artes” e “São Paulo” e fazendo também do comércio do pai, na rua do Ouvidor, ponto de encontro de muitos intelectuais-escritores. Isso se dava todas as tardes quando apareciam para um bate-papo Nestor Vítor, Andrade Muricy, Theo Filho, Murillo Araújo, Renato Viana, Tasso da Silveira, Carlos e Edgar Sussekind, Astrojildo Pereira, tornando, a cada dia, mais substancial a vida intelectual e literária de Magalhães.

A trajetória oficial de Adelino Magalhães, tanto na vida literária quanto na intelectual, considerando esta mais séria, e não mais como estudante que escrevia para pequenos jornalecos começara em 1916, portanto, com sua estreia no mercado editorial. No entanto, Magalhães já tivera uma participação como um dos autores em uma das muitas conferências humorísticas da época, juntamente com dois caricaturistas de certo prestígio: Nery e Francisconi. Conta a bibliografia de Adelino que tais conferências eram lidas por Francisconi, porque o seu autor não falava em público. Após essas primeiras apresentações feitas no Rio de Janeiro e, em seguida, em Petrópolis, o grupo juntou-se a Melo Barreto e a Edmir Pederneiras para apresentações em várias cidades de Minas Gerais e do interior fluminense.

A obra forte de Adelino Magalhães parece não combinar com a figura magra e calada do escritor que, como comentado anteriormente, mal falava em público. Vale lembrar que poucas foram as vezes em que Adelino Magalhães falou nas “Vesperais Literárias”, ele as organizava, fazia seus programas, selecionava os autores que seriam

estudados em cada ocasião, mas dificilmente era o orador em alguma palestra. No C.C.B., o autor ficava mais à vontade por ser aquele um lugar mais íntimo e não ter a mesma função midiática que tiveram as “Vesperais”, porquanto elas combinavam com a festa das conferências literárias mundanas, tão em voga naquele início de século. Portanto, o C.C.B. era o lugar onde os homens da intelectualidade discutiam e debatiam propostas para o futuro do país.

A partir da publicação de seu primeiro livro, Adelino Magalhães passa a fazer parte da constelação dos muitos escritores iniciantes da época em que, como bem lembrou Brito Broca (2004), a vida literária era bem mais produtiva do que a literatura em si. *Casos e Impressões* proporciona ao escritor novos contatos profissionais que lhe possibilitariam marcar sua presença no círculo das discussões entre os intelectuais que se davam em vários pontos de sociabilidade do Rio de Janeiro, as agremiações, os cafés, as livrarias.

Ainda colhendo os frutos do reconhecimento no mundo literário, após o lançamento dos dois primeiros livros, Adelino Magalhães continua adquirindo novas relações com os intelectuais da época, entre os quais, a do o poeta Murillo Araújo, que já era conhecido de Adelino da revista *A semana* e teve como companheiro por muito tempo, o qual tomou parte tanto nas “Vesperais” quanto no C.C.B.. Anteriormente à circulação d’*A Semana*, Magalhães já havia conhecido os irmãos Carlos e Edgar Sussekind, no Grêmio Euclides da Cunha. Tasso da Silveira, outro grande companheiro de “Vesperais” e de C.C.B., tornou-se companheiro de Magalhães em outro um grêmio literário, que funcionava na residência de Alípio Machado.

Por meio do paranaense Tasso da Silveira, o autor viria a conhecer outro paranaense, Andrade Muricy, e mais tarde junto a ambos lançariam a revista *Festa*. Manteve também amizade com Jackson de Figueiredo que, apesar da doutrinação católica, fez parte do círculo de Adelino Magalhães. Devido à amizade com Figueiredo, o escritor foi muitas vezes classificado como católico, mas ele negava veementemente, dizendo-se agnóstico. E como os rótulos lhe vinham por meio das amizades, a sua relação com Astrojildo Pereira o faz ser visto como comunista.

Do mundo do teatro era conviva de Cândido Nazaré, Renato Viana e Procópio Ferreira e, para a aceitação social e literária do jovem escritor, a amizade com Nestor Vitor trouxe-lhe prestígio. A amizade com o poeta simbolista foi muito duradoura e as conversas e os encontros proporcionavam a Adelino Magalhães um prazer muito grande.

Ainda no plano cultural e literário, Adelino Magalhães foi responsável pela revista *Terra do Sol*, juntamente com Theo Filho, pela *America Latina* de cunho extremamente nacionalista e, mais tarde, foi um dos diretores da revista *Festa*. Nesse ínterim, as “Vesperais” tomaram forma e foram realizadas e o C. C. B. tornou-se uma realidade.

Antes do relativo prestígio alcançado pelas “Vesperais”, Adelino Magalhães promoveu muitas conferências as quais não obtiveram muita repercussão. É o caso de duas situações emblemáticas: a primeira foi a realização fracassada de uma tarde de arte beneficente em torno da figura de Serpa Junior, abolicionista, amigo de Patrocínio e ex-redator, da rua do Ouvidor. A conferência não teve o resultado desejado e mostrou que em torno da figura de Adelino Magalhães, não giravam, ao menos então, nomes de prestígio para quem seus dois projetos conseguissem impacto intelectual e/ou notabilidade mundana para seus participantes, o que fortaleceria o convívio social e literário entre eles, fazendo com que aqueles que não a tinham, pudessem almejá-la e aqueles que já haviam conquistado pudessem mantê-la.

## 2.2 O ESCRITOR: MARCAS NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA E NA CRÍTICA LITERÁRIA

As poucas histórias literárias que se preocupam com Adelino Magalhães quase sempre, em razão de suas experimentações, classificam Magalhães de forma mais enfática, como um precursor, um pré-modernista, cuja obra já anteciparia algumas experimentações formais do Modernismo; por outro lado, menos comumente, o autor é tido como um modernista, ou então é classificado com os diversos “ismos”, que surgiram no começo do século XX, ou com os genéricos “neo” e “pré”. Nesse sentido, para Flora Sussekind (2006, p. 38), raras vezes o período pré-modernista foi visto com marcas próprias. Tal apontamento parece caber muito à prosa de Magalhães. Empenhado também em caracterizar os autores pré-modernistas não pelo viés do período posterior, o Modernismo, Francisco Foot Hardmann (1992, p. 290) explica:

boa parte da crítica e das histórias culturais e literárias produzidas, desde então, construíram modelos de interpretação, periodizaram, releeram o passado cultural do país, enfim, com as lentes do movimento de 22. Atados em demasia a noção de “vanguarda” (vanguardas estéticas, vanguardas revolucionárias, vanguarda do pensamento nacional ou consciência do “nacional”), tais esquemas em flagrante anacronismo, ocultam processos culturais relevantes que se gestavam na sociedade brasileira, a rigor, desde a primeira metade do século XIX.

Os estudos sobre o escritor Adelino Magalhães não são unânimes e homogêneos ao tratarem da presença de Adelino Magalhães em seu tempo de atuação literária. Os primeiros anos de publicação de Adelino Magalhães, aqueles que a historiografia literária comumente denomina de Pré-Modernismo, são permeados de várias tendências heterogêneas, de ordem tanto estética quanto intelectual, basta ver as várias controvérsias a respeito de sua nomenclatura. A obra de Adelino Magalhães parece também suscitar alguma polêmica quanto ao seu enquadramento em uma corrente, em uma estética, em uma escola ou em qualquer outra designação em que a prosa do autor possa se enquadrar.

Assim, a revisão do período e, por conseguinte, da produção de Magalhães passaram por muitas revisitações. A crítica foi, muitas vezes, severa com a prosa de Adelino Magalhães, tachando-a de imoral e promíscua. Diante dessa assertiva, pode-se perceber, nitidamente, o peso que exerce a nomenclatura pré-modernista sobre o nome do escritor. Atualmente, há várias teorias controversas sobre o período pré-22 que o tentam nomear, classificar e linearizar cronologicamente.

Sobre o primeiro livro de Adelino Magalhães, afirma Xavier Placer (1963, p. 29) que o seu sucesso:

foi rápido e marcante: veio logo ao estrear uma coluna favorável de Fábio Luz, na *Época*; e Fábio era crítico de alto conceito naqueles dias, de sorte que seu veredicto foi uma consagração. A seguir José Oiticica, Oscar Lopes, o velho Xavier Pinheiro aclamavam o novo escritor. Para maior ventura deste, houve “contras” veementes, como uma nota de Osório Duque Estrada no *Imparcial*, cheia de gramatiquices. Ao mesmo tempo surgiu a reação de rigorosos “moralistas” que tomaram atitude de rasgarem exemplares do livro (aqui [Rio de Janeiro] e em São Paulo), ou a menos digna de enviarem volumes riscadinhos de vermelho nas passagens “escabrosas”, para o diretor de um curso particular onde Adelino trabalhava, à Rua Alfândega; e à Diretoria da Instituição Municipal, a que Adelino estava subordinado como professor.

Nestor Vítor (1972), amigo íntimo de Magalhães e um dos seus melhores críticos, em “Um pouco da crônica da vida literária”, originalmente publicada no *Jornal dos Debates*, de São Paulo, em 1921, e somente cinco anos após o aparecimento de *Casos e Impressões*, afirma que a prosa de Adelino Magalhães sempre fora recebida por uma chuva de pedras: “O que até aqui Adelino tinha colhido, todavia, eram, na sua maior parte, descompostura e vaias, em quase toda a nossa imprensa, principalmente a de província” (VÍTOR, 1972, p 85). A literatura de apelo mais psicológico e de experimentações linguísticas fora recebida com reservas por Nestor Vítor. O crítico reconhece qualidades artísticas no contista; no entanto, de um

modo geral, critica a linguagem empregada por Adelino Magalhães que à vista do crítico é defeituosa:

Este seu primeiro livro é cheio de defeitos, desde o idioma, que o senhor ainda possui mal, até outros aspectos da fatura. Mas, sobretudo, o que nele desagrada é o desregramento da linguagem, inteiramente desnecessário, quase sempre, ainda nas páginas mais realistas, uma vez que não estejam fazendo literatura fescenina (VÍTOR, 1972, p. 85).

Nestor Vítor menciona como ponto fraco da obra de estreia de Adelino Magalhães o desregramento da linguagem, característica que mais tarde o mesmo crítico irá entender como uma maneira diferenciada de narrativa.

Em 1922, aparece o livro *A igreja silenciosa*, de Tasso da Silveira, que traz um capítulo com o intitulado “Adelino Magalhães”. Nas páginas dedicadas ao escritor fluminense, Silveira tece comentários sobre os três livros já editados e ressalta o quanto a obra merece destaque por sua singularidade e originalidade. Tasso da Silveira finaliza suas considerações sobre Adelino Magalhães afirmando:

O papel da crítica não é o de aconselhar, mas o de definir temperamentos. Afastando-se desse mundo que ele assim transfigura, mas, apesar de tudo ignominioso, que viria a produzir, no conjunto de sua vida, o artista singular que é Adelino Magalhães? Seus Casos de Criança dão motivo a que ainda se pudesse esperar obra forte e original. Mas pode ser também que lhe seja essencial, para a produção artística, esse ambiente de delinquência moral e profundos desvios da natureza humana (SILVEIRA, 1922, p.213-214).

Mais uma vez o que se vê na crítica à obra de Adelino Magalhães é a preocupação constante com aquilo que poderia ser considerado imoral ou desvio de comportamento do ser humano. Essa questão também será apontada por Andrade Muricy como uma característica que afastou Adelino Magalhães do público leitor e o fez ser visto com reserva pela crítica mais conservadora.

Junto com a publicação, em 1963, das *Obras Completas* do autor, apareceram quatro importantes estudos, sendo dois inéditos, sobre Adelino Magalhães. São eles: “Roteiro para a ‘ilha’ Adelino Magalhães”, de Xavier Placer, “Adelino Magalhães e moderna literatura experimental”, de Eugenio Gomes e “Testemunho”, de Andrade Muricy, que já havia sido publicado em 1936, no livro *a Nova Literatura Brasileira*, sob o título de “Adelino Magalhães” e, por último, “A visão transfiguradora do real”, de Murillo Araújo, publicado pela primeira vez nas edições em dois volumes das *Obras Completas*.

No estudo de Eugenio Gomes (1963), ele usou a palavra “ilha” – no mesmo sentido utilizado por James Joyce – para classificar o contista, pois, para Gomes, no momento de estreia de Adelino Magalhães, com *Casos e Impressões*, o escritor já esboçava um distanciamento dos contos produzidos no Brasil no começo do século passado. Esse artigo de Eugenio Gomes será considerado medíocre e raso por Alfredo Bosi, em *O Pré-Modernismo*, de 1966, justamente pela alusão ao espírito lawrenciano, dado por Gomes a Adelino Magalhães.

De acordo com Eugenio Gomes (1963), o conto “Francisco”, de *Casos e Impressões*, é o marco zero dos primeiros contos de monólogo do escritor. O crítico vai mais longe ao afirmar que há a presença do fluxo de consciência no conto. Gomes faz uma crítica entusiasmada de “Francisco”, não só vendo como grande iniciador do fluxo de consciência no Brasil como também acreditando que Adelino Magalhães tenha “implantado entre nós, por antecipação, o monólogo interior na forma e na intenção sob moldes idênticos àqueles que produziram tamanha celeuma quando surgiu *Ulysses* de James Joyce” (GOMES, 1963, p.60).

Em suas considerações, Andrade Muricy (1963, p. 1037) também comenta que “quem se esquecer dos cânones literários, preferências e prejulgamentos morais, poderá aperceber-se da riqueza das criações desse excepcional.” O abuso de neologismo por parte do contista é também visto por Andrade Muricy (1963, p. 1038) como necessário para a “altivez violenta, tremenda, quase inumana com que Adelino Magalhães se inteiriçava em postura de artista soberano, subconscientemente despótico.” A questão da imoralidade na obra de Adelino Magalhães também foi levantada por Andrade Muricy, pois, de acordo com o crítico esse ponto é constantemente ressaltado pela crítica como um dos aspectos que obscurecem a devida apreciação do autor. Andrade Muricy (1963, p.1038) afirma que o aparecimento de *Casos e Impressões*, sem a preparação do público, “fizeram de Adelino Magalhães autor secreto e interdito, cuja obra tem sido fechada naquilo que os bibliófilos chamam ‘inferno’ das bibliotecas.”

Em uma entrevista a Lêdo Ivo para a *Revista Manchete*, em 24 de maio de 1965, Adelino Magalhães (1965) conta que em São Paulo, uma leitora rasgou indignada o seu livro, na própria livraria em que o comprara, e que ele próprio pedia às suas alunas: “Não me leiam, pelo amor de Deus”. E ainda:

Sou um marginal das letras. Sempre fui. Ao ler minha obra objetivamente minha obra, notava a diferença que havia nela e chegava a temer pelo seu futuro. Apesar de muitos juízos favoráveis, que tive desde a estreia, era evidente a marginalização de meus livros diante dos padrões literários da época. Mas hoje vejo que essa obra provoca interesse da juventude. Não se trata mais de simples caso esporádicos de admiração. As novas gerações se voltam para os meus livros. E frequentemente recebo a visita de jovens. O que não deixa de surpreender a um velho solitário, que usa um chapelão e ouve música numa antiga vitrola... (MAGALHÃES, 1965)

A questão da pornografia colocada sempre em relevo ao comentar a obra de Adelino Magalhães parece mesmo emblemática. Recentemente, comprei em um sebo a primeira edição das *Obras Completas*, em dois volumes, de 1946. O livro amarelado e em péssimas condições me revelou uma grata surpresa: estava cheio de rabiscos e anotações do proprietário anterior. Essas marcas deixadas me guiaram na leitura como se eu estivesse na companhia do antigo leitor. Parava nos enormes e inúmeros pontos de exclamação marginais feitos quando o primeiro leitor se deparava com alguma cena mais picante. Sempre me detendo com mais atenção nos trechos considerados pornográficos e que, por isso, são grifados. Foi um trabalho exaustivo e de paciência, mas que me possibilitou ler Adelino Magalhães com um guia invisível e que, aparentemente, não estava preocupado com os questionamentos dos estudos literários.

Desse exercício, pude imaginar o percurso de um leitor comum em 1916, porque se, trinta anos depois do seu lançamento, com toda a revolução sofrida pelas artes, os escritos de Magalhães ainda causavam algum tipo de assombramento por seus neologismos e por suas cenas “imorais”, o que não teria sido para o leitor comum do início de século.

Em *A literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, história literária construída por núcleos estilísticos, coube a Xavier Placer (1959) a parte que se refere ao Impressionismo na ficção. Placer coloca ao lado de Adelino Magalhães, Raul Pompéia e Graça Aranha como escritores impressionistas. Placer estuda os contos “A galinha” e “Francisco”, de *Casos e Impressões*, apontando as marcas impressionistas na narrativa.

Apesar do objetivo proposto no capítulo escrito por Xavier Placer ser de encontrar as marcas de estilo, o estudo de Placer mostra que existem outras análises possíveis da obra de Adelino Magalhães, tais como o estudo do gênero literário e da linguagem, bem como estudar Adelino Magalhães como um cronista da vida carioca. Além de poder analisar a sua obra por meio das inovações e experimentações e, principalmente, da fuga dos padrões literários em uso na ocasião da publicação de seu primeiro livro:

E porque teve coragem de fugir aos padrões em voga e seguir a sua própria medida, Adelino Magalhães construiu uma obra considerável. Mais: a eloquência dos fatos e das datas (Casos e Impressões, 1916) provam que ele antecipou às conquistas literárias europeias e, em relação às modernas letras brasileiras, está nele, “um precursor que é por gente autorizada reconhecido também como um realizador”, de várias de suas tendências, particularmente do Impressionismo (PLACER, 1959, p. 260).

De forma inversa, a crítica a Adelino Magalhães empreendida por Alfredo Bosi (1966), no clássico *O Pré-Modernismo*, é severa. Alfredo Bosi (1966, p.70) considera o autor como um prosador de arte, termo que pede emprestado da crítica italiana para indicar um gênero que flui entre o fato e a fantasia. E ainda:

Preferimos a expressão mais geral “prosa de arte”, que a crítica italiana emprega para esse gênero que oscila entre a fantasia e o fato, com predomínio do artesanato estético. Na prosa de arte, que é fenômeno simbolista e pós-simbolista, aguça-se a percepção do real para servir ao enriquecimento, expressivo à ousadia vocabular, ao insólito da construção literária. Índice seguro de decadentismo – no sentido cultural amplo de termo –, pois, rompendo os compromissos com quaisquer instâncias intelectuais e éticas, o “prosador de arte” tende a amar a extravagância, a incoerência e a novidade por si mesmas, em favor de efeitos raros e chocantes (BOSI, 1966, p. 70).

Essas características elencadas por Bosi são de fato uma introdução a sua crítica à obra de Adelino Magalhães. Bosi usa a obra do escritor como exemplo de um prosador de arte extravagante e incoerente. De acordo com o historiador, os textos de Adelino Magalhães:

Deixam aflorar um psiquismo obcecado pela vulgaridade do cotidiano e pela sexualidade em si, isto é, desvinculada da pessoa: logo, animalesca e, no plano da arte, viscosa e grotesca. Daí a mistura de fragmento impressionista e autoprojeção obscena que caracteriza a maior parte de suas prosas (BOSI, 1966, p. 70).

Bosi ainda argumenta que as críticas positivas sobre a obra de contista apenas ocorreram em razão de Adelino Magalhães manter relações com os poetas neo-simbolistas da revista *Festa*. Assim, nas palavras de Bosi (1966, p. 71):

as ligações do contista fluminense com escritores neo-simbolistas vieram contribuir para certos equívocos de classificação, ainda mais aprofundados quando uma crítica comparatista ingênua começou a falar em espírito lawrenciano *avant lettre*.

Na *História Concisa da Literatura Brasileira*, Alfredo Bosi (1995) economiza ainda mais ao falar de Adelino Magalhães. Nesse estudo, Adelino Magalhães aparece como parte de um hesitante grupo espiritualista que girava em torno da revista *Festa*. Diz o historiador literário:

À parte, hesitantes entre as novas liberdades formais e a tradição simbolista, agrupam-se os “espiritualistas” da *Festa* (1927), com Tasso da Silveira, Murillo Araújo, Barreto Filho, Adelino Magalhães, Gilka Machado e, numa segunda fase, Cecília Meireles e Murillo Mendes, que lograriam dar uma feição inequivocamente moderna e suas tendências religiosas (BOSI, 1995, p.338).

Na publicação *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, Andrade Muricy (1973), ao retomar o escritor Adelino Magalhães, afirma que o escritor já havia publicado muito de sua obra antes da Semana de Arte Moderna e, assim, nada deveu a essa em questões de ordem estética como pulverizadora de tendências novas. Como se pode perceber, mais uma vez é colocada em relevo a questão sobre as inovações do contista anteriores às marcas de 22.

Ao estudar a prosa brasileira de ficção entre 1870 e 1920, Lúcia Miguel-Pereira (1973), em *A História da Literatura Brasileira - Prosa de Ficção*, menciona Adelino Magalhães brevemente em uma nota de rodapé do capítulo em que trata de Lima Barreto. Na nota, a historiadora destaca que a obra de Adelino Magalhães deve ser estudada como moderna. A nota refere-se ao caráter inovador e precursor de experiências tentadas, mais tarde, no romance:

Inovador ousado, precursor de muito das experiências mais tarde tentadas no romance, é Adelino Magalhães; não só, porém, pode ser antecipada mas nitidamente moderna, como sobretudo por se haver apenas iniciado antes de 1920 – seu primeiro livro data de 1916 – sua obra está fora dos limites deste volume, devendo ser estudada no que se lhe refere (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p.288).

Assis Brasil (1976), em *História Crítica da Literatura Brasileira – Modernismo*, também traz importantes considerações não só sobre o estudo da obra de Adelino Magalhães, mas também sobre o Modernismo brasileiro. Sobre o Modernismo, Assis Brasil (1976, p. 3) comenta que o que se vê passa de amenidades:

Há mesmo algumas pessoas que se consagraram como “repórteres do Modernismo”, e ainda hoje pastam nas futricas pessoais de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, sem falar nas “musas” inspiradoras do movimento, no *cadillac* e numa tal *garçonnière* de Oswald, onde devem ter ocorridos “balanços” sensacionais.

Outra pertinente reflexão feita por Assis Brasi(1973), diz respeito à repetição das publicações sobre o Modernismo, que não trazem novidade alguma, ausentando-se de uma análise do fato literário sério, e ficando presas a contínuas repetições, “numa cadência vexatória e primária”. Assis Brasil (1976, p. 3) ainda argumenta que mesmo Mário de Andrade, ao procurar situar historicamente o movimento, acaba por pecar:

E quando [Mário de Andrade] procura situar historicamente o movimento acaba cometendo uma *gafe*, porque embora lembrando o nome de Adelino Magalhães como precursor, nunca deu maior importância à sua obra, como os demais de seu grupo. Ele preferiu “evocar Manuel Bandeira como o seu *Carnaval*”.

Assis Brasil refere-se ao estudo de Mário de Andrade, “O Movimento Modernista”, de 1942, em que o autor paulista faz um balanço dos vinte anos da Semana de Arte Moderna. Mário de Andrade (s/d, p.235), ao referir-se às raízes do movimento, reflete:

Houve um tempo em que se cuidou de transplantar para o Rio as raízes do movimento, devido às manifestações impressionistas e principalmente post-simbolistas que existiam na então capital da República. Existiam, é inegável, principalmente nos que mais tarde, sempre mais cuidadosos de equilíbrio construtivo, formaram o grupo da revista “Festa”. Mas eu creio ser um engano esse evolucionismo a todo transe, que lembra nomes de um Nestor Vítor ou Adelino Magalhães como elos precursores. Então seria mais lógico evocar Manuel Bandeira, com seu *Carnaval*.

Retornando ao estudo de Assis Brasil, o autor maranhense questiona se a omissão de Adelino Magalhães se deu pela influência de um artigo de 1920, de Tristão de Athayde. O livro de contos referido por Assis Brasil provavelmente é *Tumulto de Vida*; no entanto, não se teve acesso a ele e tal artigo não consta na *Biobibliografia de Adelino Magalhães* escrita por Xavier Placer (1956, p. 4).

Hoje podemos avaliar se tal omissão não teve influência de uma artigo de Tristão de Athayde, em 1920, sobre um livro de contos de Adelino Magalhães. O autor não era nenhum estreante, mas o “novo” que ele trazia em seus experimentos, talvez tenha espantado os próprios modernistas, ainda uns modernistas “das cavernas”, como diria Mário de Andrade.

Vale salientar que o conto “Um prego! Mais outro prego!”, o mais conhecido de Adelino Magalhães, está presente em *Tumulto de Vida*. O conto é emblemático no que se refere às experimentações estéticas do autor, bem como a temática da angústia, da solidão e da melancolia, assuntos muito presentes também dentro na obra de Adelino Magalhães.

No entanto, Tristão de Athayde (1959) revê suas considerações sobre Adelino Magalhães e no *Quadro Sintético da Literatura Brasileira*, com a primeira edição em 1956, o enquadra como um autor independente do Modernismo, uma vez que Athayde dividiu os escritores atuantes por volta de 1920 em passadistas, modernos e independentes. Então, como diz o historiador:

Adelino Magalhães (1887), que em 1916 publicava o seu primeiro livro *Casos e Impressões*, foi um pós-simbolista precursor da corrente espiritualista do Modernismo, que iria marcar profundamente a renovação das nossas letras de então, pela obra de um grupo de jovens escritores reunidos na revista *Festa*(1928-29 / 1934-1935), entre os quais Tasso da Silveira, Andrade Murici, Cecília Meireles, Gilka Machado, Barreto Filho, Murillo Araújo. Pela singularidade, em livro de prosa poética como *Ontem*, *A Hora Veloz* (1926), *Inquietude* (1922), *Tumulto da Vida* (1920), hoje reunidos em dois volumes de *Obras Completas* (1946), pode Adelino Magalhães ser incluído entre os grandes precursores independentes do Modernismo (LIMA, 1959, p. 75).

Para finalizar as primeiras considerações acerca do esquecimento de Adelino Magalhães pela historiografia literária, Assis Brasil diz que as ideias modernistas já estavam em circulação muito antes da Semana de Arte Moderna, pois a literatura brasileira estava carente de uma linguagem renovadora:

O fato é que a linguagem literária e concepção artística já não supriam as nossas necessidades culturais no século semi-acordado, e não é por acaso que as raízes estéticas do Modernismo brasileiro estão dez ou mais anos atrás da Semana. E exatamente em dois escritores que se situam ou foram “incluídos” no Modernismo por um “acidente” cronológico e que nunca fizeram de sua atuação literária um programa modernista.

Adelino Magalhães e Manuel Bandeira vieram de 1916 e 1917, respectivamente, sendo que o último ganhou o apelido de “João Batista do Modernismo”, e o primeiro, com uma obra de ficção madura e renovadora, ainda hoje não “entra” nas histórias literárias e antologias do Modernismo(BRASIL, 1976, p. 7).

Assis Brasil, para confirmar sua crítica ao quase apagamento de Adelino Magalhães, traz para a discussão o livro *O Modernismo*, de Wilson Martins, que faz uma

breve referência à obra considerando-a como prenunciadora de uma revolução. Diante dessa colocação, Assis Brasil (1976, p. 7) questiona:

E por que não foi um autor [Adelino Magalhães] fundamental, se prenunciava “uma revolução”? Só por que não participou fisicamente do movimento? Por que não frequentou a “confraria” de Oswald de Andrade?

No capítulo “A obra de Adelino Magalhães – Precursor solitário – Oswald e Adelino – Técnica narrativa”, também em *A História Crítica da Literatura Brasileira – Modernismo*, Assis Brasil volta à figura de Adelino Magalhães, primeiramente dando os motivos pelos quais o escritor fluminense fora colocado de lado e, em seguida, faz uma aproximação literária entre Oswald de Andrade e Adelino Magalhães. Sobre o precursor solitário, de acordo com Assis Brasil, isso se deveu ao fato de Adelino Magalhães não ter sido estudado por seu valor literário, visto ser o movimento modernista mais de caráter histórico e atualização literária:

Adelino Magalhães seria, na área da ficção, um precursor, pois o movimento de 1922, como já ficou dito, foi um movimento mais de caráter histórico, de atualização literária, após a chegada da Europa da “vedete” que se chamou Graça Aranha. Um escritor limitado, amante de sarau, cuja obra, agora reunida em volume, pode muito bem mostrar os voos rasteiros de sua criação.

Pois foi entorno desse grãfino das letras, e reforçado por um escritor de valor, Mário de Andrade, que o movimento modernista tomou vulto. Adelino Magalhães, homem educadíssimo, de vez e, quando se queixava do “estrelismo” de Mário de Andrade, que espantou muitos jovens na época, embora seu positivo proselitismo. O certo é que Adelino Magalhães foi deixado de lado, ou “barrado” naqueles começos, e só os que cultuavam a vida literária, reuniões, festas, tiveram um acesso imediato e reconhecimento literário (BRASIL, 1976, p. 64).

Sobre a aproximação entre Oswald de Andrade e Adelino Magalhães, o autor afirma que um paralelo entre ambos parece ser possível tanto na pesquisa quanto na experimentação. Assis Brasil (1976, p. 65) reconhece que Adelino Magalhães fez “experiências na prosa moderna brasileira, vinte ou vinte e cinco anos antes dos ‘novos’”. Como exemplo, Assis Brasil cita a linguagem coloquial, quando o autor coloca o povo para falar, acabando com disparidade entre o narrador que falava corretamente e o povo que falava erroneamente. A técnica narrativa também merece atenção, principalmente, no que diz respeito ao monólogo interior. Ele leva ainda em consideração a filiação estética de Adelino Magalhães como “uma mistura de realismo e impressionismo, com saída, muitas vezes, para o

maravilhoso” (BRASIL, 1976, p. 65). Sobre as restrições na obra de Adelino Magalhães, Assis Brasil (1976, p. 66-67) conscientemente entende que o autor, escrevendo no começo do século XX, há de ter sofrido alguma influência passadista, mas não é por isso que deve ser criticado:

Claro que Adelino Magalhães, trabalhando no começo do século, tinha que sofrer algumas influências perniciosas da época, principalmente as que dizem respeito a certa nomenclatura lingüística. Assim como muitos escritores de “transição” (Humberto de Campos, Afrânio Peixoto), ele usou uma enxurrada de pontos de exclamação, por exemplo, que nada alterariam seu estilo se não tivessem sido usados. Também a presença incômoda de repetidos grafemas às vezes pode dar ideia de “frouxidão” em sua linguagem. E, como já afirmamos, muitas vezes Adelino Magalhães ficou indeciso entre tratar literalmente o coloquial ou deixá-lo apenas “acontecer”, fotografando as expressões, como o próprio Mário de Andrade faria depois dele.

O posicionamento de Wilson Martins (1978), assim como o de Tristão de Athayde (1959), parece mudar em relação a Adelino Magalhães. Se em *O Modernismo*, Martins (1978, p. 63) considera o contista fluminense de uma forma bem genérica, em *História da Inteligência Brasileira* ele apresenta outra postura em relação ao escritor. Segundo ele, no plano estilístico e lingüístico, o Modernismo se iniciara com *Casos e Impressões* e que essa obra de estreia foi tida como “provocação moral”, por possuir “técnica narrativa chocante, anedota escatológica, pormenor sórdido, tipos teratológicos e emprego de palavão.” Essas características consideradas escandalosas fizeram com que fosse prejudicada a “exata apreciação crítica do que o novo escritor representava e do que vinha acrescentar à literatura brasileira” (MARTINS, 1978, p. 64).

Em *Estilos de Época na Literatura*, Domício Proença Filho (1978) coloca Adelino Magalhães como um escritor impressionista, ao lado de Raul Pompéia, alguns livros de Machado de Assis, Coelho Neto e Afrânio Peixoto. No entanto, o historiador salienta que esse enquadramento não é tarefa simples e que o tema ainda necessita de estudos, uma vez que suscita discussões. Diz, Proença Filho (1978, p. 253):

Na realidade, o Impressionismo nos permite situar melhor livros como o de Loti, *O Atheneu*, de Raul Pompéia e mesmo alguns de Machado de Assis, Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Adelino Magalhães, com mais precisão e coerência. Ainda que tal ocorra, entretanto, a questão permanece aberta: o tema ainda provoca controvérsia.

Assim como Assis Brasil (1976) o estudo *Teoria e Política no Modernismo Brasileiro*, de Sílvio Castro (1979), também refutará a colocação de Mário de Andrade sobre as raízes daquele movimento. Nele, Castro entende que se deve colocar a importância precursora de Adelino Magalhães assim como se colocou a importância de Manuel Bandeira. Para Castro (1979, p. 76-77) a linguagem de Adelino Magalhães “trouxe para a literatura brasileira um texto que inaugurava a presença de uma linguagem impressionista capaz de endereçá-la a novas soluções expressivas.”

José Paulo Paes (1985), ao comentar a estética do começo do século passado, o faz sob a luz do ornamento estilístico, outra classificação comumente usada para classificar a obra de Adelino Magalhães. Em “O *art nouveau* na literatura brasileira”, Paes (1985, p. 80) afirma que a designação do período com uma conceituação importada das artes visuais para a literária ajuda a entender o período de acordo com a ornamentação artística dos textos da época. Ainda de acordo com o autor, o uso da expressão *art nouveau* é caracterizado pelo recurso ao ornamento e pela separação entre ciência e técnica e, com outra visão, entre natureza e arte (PAES, 1985, p 74).

Pela perspectiva de Paes (1985, p. 73), pode-se dizer que Adelino Magalhães insere-se no espaço que se estende do começo do século até os anos 20, porque ele “tenta substancializar o ornamento neológico ou hiperbólico em sinal estilístico da ‘nevrose’ da vida moderna”. Paes (1976, p. 73) também comenta que o rótulo de impressionista que, em maior ou menor grau, vem sendo dado ao autor fluminense não define as suas “caracterizações ornamentais”, porque na prosa de Magalhães “prepondera uma vontade de estilização de sorte que seria então melhor falar em expressionismo, tendência da qual foram precursores alguns artistas capitulados no *art nouveau*” (PAES, 1985, p. 73).

A historiadora italiana Luciana Stegagno-Picchio (1997), em *História da Literatura Brasileira*, colocou Adelino Magalhães no capítulo intitulado “A Prosa do Parnaso ao Crepúsculo: Engajamento Social e Hedonismo Verbal”. Adelino Magalhães, posto ao lado de Lima Barreto, classificado como romancista social, teve seus escritos tidos como exercícios na penumbra. O escritor, de acordo com Stegagno-Picchio, se caracteriza por uma escritura bárbara e ambígua, pornográfica e complexa, e pela sua atitude bíblica e romântica. Em seu estilo permeiam o Impressionista e o Simbolista:

Adelino Magalhães, um escritor complexo, para iniciados, cujo conhecimento é comprometido de um lado, ao nível mais baixo, pela educação que condena seus livros “pornográficos” ao interno das bibliotecas, e de outro, ao nível ideológico, por uma atitude existencial de vate super-homem, bíblico e romântico, místico e erotômano (STEGAGNO-PICCHIO, 1997, p. 443).

A historiadora não traz nenhuma novidade em sua análise, pois o parágrafo citado demonstra visão similar à de Andrade Muricy em seu “Testemunho”, de 1936. Prosseguindo, a historiadora usa as ideias demonstradas anteriormente de Eugenio Gomes segundo a qual os livros de Adelino Magalhães só seriam “aceitos no Brasil depois de uma decantação dos nomes de Breton, Eluar, Reverdy, mas também Joyce e do Lawrence” (STEGAGNO-PICCHIO, 1997, p. 444).

Ao terminar as considerações, Stegagno-Picchio explica, como outros tantos já o fizeram, que Adelino Magalhães é um estranho a ser descoberto e que será preciso passar o tempo para que se reconheça nele um autor autêntico e singular.

Uma novidade temática dentro da historiografia sobre a prosa de Adelino Magalhães é salientada por José Aderaldo Castello (2004), em *A Literatura Brasileira*, o retrato da vida rural fluminense, na primeira parte de *Casos e Impressões*. Embora meio perdido dentro da produção mais intimista e experimentalista, esses contos trazem pontos que merecem destaque: um universo completamente diferente daqueles que mais tarde foram preferidos por Adelino Magalhães e narrativas com um recorte definido do fato contado. Sobre ele, afirma Castello (2004, p.41):

Adelino Magalhães já se classificou um precursor expressionista, herdeiro da prosa simbolista. Mas notadamente a primeira parte – “Casos da Roça” – de seu primeiro livro, *Casos e Impressões*, ainda não se classifica como tal. Destaca-se mesmo do resto de sua produção, voltado para o universo rural fluminense, com certo sabor local à medida que acentua tipos e costumes, sem, contudo, se comprometer com o regionalismo. Mas ele evoluirá, passando então a cultivar uma temática fluida, sob a marca do expressionismo.

Os trabalhos de dissertação e tese que têm como objeto Adelino Magalhães e sua obra enfocam, ora menos ora mais, as inovações formais realizadas por Adelino Magalhães. Conquanto separadas no tempo por estudos como o de Xavier Placer ou Eugenio Gomes, continuam com um enfoque envelhecido, geralmente privilegiando o aspecto formal e os aspectos de ruptura da produção do autor, sem trazer qualquer novidade e tentando provar quão moderno foi o autor.

Na dissertação *Adelino Magalhães e a consciência do instante*, de Denise Mafra Gonçalves, de 1990, o enfoque dado é o mesmo de Eugenio Gomes, ou seja, a presença do fluxo da consciência nos contos de Adelino Magalhães. A pesquisadora utiliza palavras quase semelhantes às de Eugenio Gomes para comprovar sua argumentação:

Valendo-se do monólogo interior, a personagem apresenta o fluxo da consciência que, sem que se possa ser controlado racionalmente, dirige a narrativa para caminhos que não conhecem a lógica do texto, nem a lógica temporal ou cronológica (GONÇALVES, 1990, p. 59).

Para Carlos Roberto Lacerda Mendonça (1997), em *Fronteiras Narracionais: autoritarismo e incerteza em Adelino Magalhães e Hugo de Carvalho Ramos*, de 1997, o pesquisador assume uma postura mais cautelosa ao analisar os contos de Adelino Magalhães. Para Mendonça, ainda não há um total desprendimento de forma na prosa do contista fluminense; assim, ele ainda apresenta traços de insegurança ante as inovações, procurando demonstrar que a hegemonia das certezas científicas, filosóficas ou literárias passava por um momento de instabilidade o que, na obra do contista refletiu na forma do narrador inseguro e temeroso quanto à forma de narrar. O pesquisador relata que esse apego é ainda evidente na primeira obra de Adelino Magalhães como certa “incerteza narracional”. Mendonça conceitua essa narrativa da incerteza como “espaço limite entre o tradicional e o inovador na prosa de Magalhães” (MENDONÇA, 1997, p. 39).

Outros quatro trabalhos pertencentes à primeira década do século XXI enfatizam aspectos diferenciados de Adelino Magalhães. A primeira é a dissertação intitulada *A Revista “Festa” e a modernidade universalista na arte. Um estudo de Caso: Adelino Magalhães*, de Joseane de Mello Rücker, de 2005. A proposta parece ser o estabelecimento das ideias de Adelino Magalhães com o ideário da Revista *Festa*. No entanto, para tal objetivo, a pesquisadora utiliza-se da produção ficcional de Adelino Magalhães anterior à data do periódico o que, certamente, prejudicaria o estabelecimento dessa relação, pois, quando *Festa* é lançada, Adelino Magalhães já apresenta um cansaço estético. Da mesma autora é a tese de doutoramento *Estratégias discursivas em Adelino Magalhães: princípio de interiorização e rupturas formais*”, defendida em 2011, ainda não disponível na internet o que impossibilita qualquer comentário.

Ainda sobre a participação de Adelino Magalhães na *Revista Festa*, há a tese, de 2007, intitulada *Festa e La Cruz de Sur – Memórias Críticas e Literárias em Diálogo*, de Marilda de Souza Castro, no trabalho há dois capítulos dedicados especificamente ao

contista fluminense, enfocando os seguintes pontos: sua participação em *Festa*, a recepção crítica de sua obra experimentalista.

O trabalho de Maria Esther Putton, *O espaço urbano em alguns contos de Adelino Magalhães* (2006) apresenta outro aspecto do contista: a preocupação social, tendo como referência as transformações sofridas pelo Rio de Janeiro e a incorporação das relações entre a população e o espaço urbano. A dissertação de Thiago Carneiro de Almeida, *Adelino Magalhães: o mundo escrito por dentro* (2010), também não está ainda disponível na internet. Em seu resumo no sítio da CAPES, o autor informa apenas que o objetivo da dissertação é elucidar a escrita inovadora de Adelino Magalhães.

### 2.3 O INTELLECTUAL: A PARTICIPAÇÃO NA REVISTA *FESTA*

Um erro que se pode cometer ao interpretar tanto a obra quanto a vida de Adelino Magalhães é ligar constantemente o escritor com o grupo de *Festa*, isto é, ver sua obra anterior à revista de acordo com o espiritualismo da publicação. A amizade entre Adelino Magalhães, Andrade Muricy, Tasso da Silveira e Murillo Araújo já vinha de longa data, desde as revistas *Árvore Nova*, *Terra de Sol* e *América Latina*. Todos eles também participaram das “Vesperais”, em 1921, e da fundação do C.C.B, em 1923. A revista toma forma quando os dois grandes projetos de Adelino desapareceram. Em 1927, quando a revista sai pela primeira vez, o C.C.B já estava findando suas atividades e com elas as “Vesperais”, que fora o grande sucesso do centro. Evidentemente, não é simples separar a amizade do autor com o grupo da revista *Festa*. Sobre isso, é importante voltar a salientar que o periódico modernista foi fundado em 1927, ano em que o C.C.B. estava praticamente encerrando as suas atividades. Assim, a meu ver, não é Adelino Magalhães que se vincula à publicação, mas o inverso, a publicação que parte da necessidade do vínculo com o escritor para a criação de outros espaços de sociabilidade e de vínculos afetivos e profissionais.

Naquele momento, Adelino Magalhães já era nome conhecido das rodas literárias, seus livros tinham relativo sucesso e suas investidas na vida literária e mundana também já tinham certo prestígio. Vale mencionar que o “Grão-Turco”, comércio de seu pai, patrocinava as edições de *Festa*, além de servir de quartel general para muitas de suas reuniões. É interessante perceber que Adelino Magalhães não era apenas mais um no grupo da revista. A participação do escritor era muito importante, pois ele já vinha de um passado de publicações literárias e de editoração de revistas.

Adelino Magalhães viveu exatos 82 anos, viu duas grandes guerras, passou por diversas revoluções e governos, e passou por todas as fases mencionadas pelas histórias literárias como divisões do Modernismo brasileiro. Portanto, vê-lo somente à luz da revista *Festa* é minimizar, em muito, a sua participação no cenário cultural brasileiro e menosprezar a força de sua narrativa anterior aos anos 30.

Para se entender melhor o universo de *Festa*, de acordo com Ângela de Castro Gomes (2004), em “Os intelectuais cariocas, o Modernismo e o nacionalismo: O caso de *Festa*”, deve-se saber que a *Festa* sobrevivia, como quase todas as outras publicações modernistas da época, a duras penas. Sem um orçamento folgado, lutando pela sobrevivência:

As subscrições dos proprietários não eram relevantes e a renda recolhida com anúncios nunca chegou a ter um peso real. Dentre os anunciantes, estava a Casa Guimarães (lotérica), Manteiga Passos, as lâmpadas Edson e a casa de objetos de arte “Ao Grão Turco”, pertencente ao pai de Adelino Magalhães, membro do grupo e local onde se faziam frequentes reuniões (GOMES, 2004, p.92).

*Festa* teve duas fases: a primeira, de agosto de 1927 a janeiro de 1929, com a publicação de 13 números; a segunda, cinco anos mais tarde, teve apenas 5 números, publicados entre julho de 1934 e agosto de 1935. A revista era um desejo de Andrade Muricy e Tasso da Silveira, mais do que de qualquer outro integrante do grupo. Muitos dos pontos debatidos em *Festa* já haviam sido debatidos nas “Vesperais Literárias” e nas reuniões do C.C.B., como se verá adiante. Principalmente no que diz respeito aos procedimentos estéticos anteriores ao Modernismo de 1922.

No entanto, por volta dos anos de 1927 e 1928, pelo que pude pesquisar no arquivo de Adelino Magalhães, o escritor colaborou em outras tantas publicações como das revistas *Nação Brasileira* e *Época*. O arquivo tem muito o que elucidar sobre esse tempo, e o papel de Adelino Magalhães em outros lugares culturais. Quem sabe, pesquisas futuras possam vir tirar do esquecimento tais espaços de circulação do pensamento intelectual de Adelino Magalhães sobre a cultura em outros ambientes.

A participação de Adelino Magalhães em *Festa* é menor se comparada à participação de Andrade Muricy e Tasso da Silveira. Em um quadro comparativo sobre os articulistas mais frequentes, Adelino Magalhães ocupa o sexto lugar, com 10 artigos na primeira fase da revista e apenas 2 na segunda fase. Já Andrade Muricy conta com 50 artigos, dos quais 33 só na primeira fase da revista.

O grupo que gira em torno de *Festa* coloca-a como uma revista de “novos” e que se preocupa com o único Modernismo verdadeiramente possível. Sobre o sentido de oposição ou combate que *Festa* empreendeu, Neusa Pinsard Caccese (1971) reflete que tal atitude de enfrentamento foi comum em todos os manifestos ou programas interpretativos, naquele momento. Quando os integrantes da revista carioca se denominaram de verdadeiros modernistas, a resposta de Mário de Andrade foi imediata:

Mário de Andrade explica o aparecimento de *Festa* como uma necessidade de expressão de um “grupo de literatos no Brasil, que vai passando por demais na sombra”. Nega, porém, ao outro grupo, o de São Paulo, a responsabilidade dessa situação: se aos paulistas pareceu oportuno fazer barulho para dinamizar a literatura brasileira não é culp se a descrição daqueles literatos “no meio da bulha do século” passasse despercebida. Nem por isso podem eles, agora, aberto o caminho, aproveitar-se da situação de relativa calma e negar o papel desempenhado pelos primeiros desbravadores do espírito público (CACCESE, 1971, p. 24).

A relação entre os modernistas paulistas e os modernistas cariocas nunca foi muito harmônica. E pelo que se pode ver, o grupo de *Festa* parece trazer à tona toda essa divergência de opinião sobre o combate modernista na literatura brasileira. Tasso da Silveira, como aponta Caccese (1971, p. 25-26), sente-se particularmente ofendido com as palavras de Mário de Andrade e mostra que a revista pode ter aparecido só naquele momento específico, mas, historicamente seus integrantes já estavam fazendo por merecer o título de modernistas desde 1919.

Mas a afirmação de Silveira não é errônea. Os integrantes de *Festa* realmente já tinham um passado literário consolidado. É o caso das publicações de *América Latina*, com Adelino Magalhães, Andrade Muricy e o próprio Tasso da Silveira e de *Terra do Sol*, com Theo Filho, sem mencionar os encontros do C.C.B. e as palestras das “Vesperais” que discutiam literatura e nacionalidade, desde 1921. Também sobre essa polêmica com o grupo paulista, Nestor Vitor escreveu uma crítica ao livro de Andrade Muricy, *Festa inquieta*, afirmando que o artista poderia até escandalizar e ser aceito, mas que não passariam daí se não tivessem talento. Diante dessa argumentação, Ângela de Castro Gomes (2004, p. 41) entende que o que Vitor quis dizer que:

Os casos de sucesso não passavam das rodas literárias, enquanto o público estava mais voltado para “os espetáculos e desportos” do que para os livros. Por isso, tais vanguardas, compostas de múltiplos “istas”, estavam recuando e transigindo, inclusive no Brasil, onde chegaram com atraso. Não era o que se passava com *Festa inquieta*, bem recebida por um público que ultrapassava tais rodas.

O que pode sugerir que Vítor mantém uma postura tendenciosa, uma vez que ele é presença frequente nas rodas literárias às quais pertenciam os integrantes de Festa. A disputa quase bélica entre os modernistas paulistas e os modernistas cariocas já renderam muitos estudos e discussões. Não é objeto desta tese a abordagem dessas pesquisas; todavia, torna-se importante dar uma ideia do porquê esse ponto foi abordado.

O debate acerca do Modernismo carioca e do Modernismo paulista há muito permanece vivo nas produções dos estudos literários. Para tanto, é importante retomar o estudo de José Murillo de Carvalho (1988) que diferencia e distingue por que o Modernismo foi ponto forte na provinciana capital paulista e não na agitada e febril capital nacional, o Rio de Janeiro, batizando a primeira como uma cidade ortogenética e a segunda de heterogenética. Apegado à tradição, o Rio de Janeiro, de acordo com Carvalho, teria de mostrar um posicionamento mais comedido e culturalmente elevado, segundo as novas aspirações da República iniciante, uma cidade, que ainda de acordo com Carvalho, ortogenética. Já São Paulo, fora do centro do poder político, portanto, heterogenética, poderia ousar um pouco mais, posto que não tinha o compromisso de se mostrar ao mundo como cidade modelo de uma nação civilizada.

Essa relação conflituosa, nem sempre velada, entre o grupo carioca e o grupo paulista pouco a pouco se torna muito mais melindrosa, ficando completamente estremeçada logo após a Semana de Arte Moderna, como conta André Bueno (2005, p. 48), no elucidativo *A nação e os dias*:

Cariocas ou não, os intelectuais atuantes na antiga capital federal antes da Semana de Arte Moderna de São Paulo passaram a ser identificados por seus antagonistas como o *Grupo do Rio*. Designação que, ainda que involuntariamente, acaba por fazer notar que a idéia de *ruptura* proclamada pelo movimento paulista estava voltada, em grande medida, como apontou Mário de Andrade no depoimento “O Movimento Modernista”, de 1942, contra a hegemonia carioca na vida cultural nacional.

O que seriam os conservadores e os progressistas, nesse universo tão contraditório e tão mesclado de ideologias, que acabavam por misturar cores e nuanças, de várias vertentes literárias e de várias simbologias de progresso e civilidade? Por assim dizer, os conceitos de conservadorismo e progressismo constituem-se pontos de referência quando

se deseja uma “abordagem da vida política, da produção intelectual e de suas relações com o processo de modernização” (MURARI, 2007). Ainda conforme a reflexão de Murari (2007), convém salientar que esses dois conceitos fazem parte do arcabouço teórico ao se falar sobre os vetores modernistas cariocas e paulistas. É baseado nesse conceito que Wilson Martins chamou as conferências literárias de Magalhães de “Semana de Arte Abortada” ou que até mesmo José Murillo de Carvalho (1988) fez suas distinções entre a cidade de São Paulo e a do Rio de Janeiro. Pela análise de Murari (2007), as construções ideológicas sobre o período em questão criou “uma lógica contrastiva em que a tradição e a modernidade se excluíam mutuamente” e ainda:

Enquanto os modernizadores deixavam-se seduzir pelos avanços da razão, da ciência e da técnica, acreditando que elas seriam capazes de resolver todos os problemas humanos, o pensamento conservador estabeleceu-se a partir do elogio do universo das tradições comunitárias, religiosas e cooperativas, que seriam capazes de promover o enraizamento do indivíduo numa coletividade estável e segura, dádiva mais preciosa que qualquer ganho material.

Sendo assim, o diálogo entre Luciana Murari (2007) e Ângela de Castro Gomes (2004) ganha fôlego, pois Gomes apresenta a importância das tradições para os escritores e para intelectuais que vivem no Rio de Janeiro e, ainda, levanta a hipótese de que isso e a organização da intelectualidade e sua produção podem trazer pontos importantes do “apagamento” do Modernismo no Rio de Janeiro. Aqui, especificamente, volta à questão dos marcos identitários da então capital e são novamente retomadas as características anteriormente abordadas por Carvalho sobre a presença do Estado e do comércio. Além dessa dualidade, Gomes propõe uma nova caracterização para o Modernismo carioca, qual seja, a dinâmica do próprio meio intelectual de seus autores.

Isso aponta para o fato de que os escritores cariocas, mesmo sendo capazes de uma explosão estética inovadora, volta e meia retornavam aos contatos oficiais por conta da necessidade de estabelecer seu trânsito no meio intelectual e político. José Murilo de Carvalho (1988, p. 20) afirma que “a intelectualidade paulista era muito menos vinculada ao Estado do que a do Rio de Janeiro”.

Outro ponto de análise posto por Ângela de Castro Gomes diz respeito a qual seria realmente o espírito de *Festa*. Na leitura feita pela historiadora, a revista era moderna e nacionalista, povoada pelos simbolistas e tentando capitalizar a tradição romântica, ou seja, seus integrantes eram:

Nacionalistas – leitores-admiradores de Alberto Torres e Euclides da Cunha – e universalistas; subjetivistas que, sob sugestão de Proust, trabalhavam o objetivismo; modernos e tradicionalistas; enfim *modernistas espiritualistas*, como se designavam, para demarcar espaço (GOMES, 2004, p 93).

Nessa afirmação, pode-se reconhecer o mesmo espírito do C.C.B. e das “Vesperais”. Tanto um quanto outro estavam preocupados em trazer à tona o passado, que estava deixado de lado e, por meio dele, entender melhor o presente. E é provável que a *Revista Festa* tenha sido apenas mais um espaço entre muitos de sociabilidade para Adelino Magalhães. Em seu arquivo, há pouco espaço para as lembranças de *Festa*. O escritor tinha o hábito de cortar livros e revistas pelos quais se interessava e colava os recortes em seus cadernos-arquivos. São poucos os recortes referentes à *Festa*; a grande maioria se refere ao C.C.B. e às “Vesperais Literárias”.

#### 2.4 A OBRA: EXPERIMENTALISMO NO CONTO

Adelino Magalhães tem uma vasta produção literária. Suas obras se estendem de 1916 até 1946. Há ainda dois livros não publicados os quais, segundo o próprio contista, fazem parte de suas recordações de sua mocidade literária. São eles *Sylvia Bohemia*, de 1912, e *Retrato de Marcílio Pereira*, escrito entre 1913 e 1914, cujo manuscrito não foi preservado.

Os livros publicados somam dez títulos: *Casos e Impressões* (1916), *Visões, Cenas e perfis* (1918), *Tumulto da Vida* (1920), *Inquietude* (1922), *A Hora Veloz* (1926), *Os violões* (1927), *Câmara* (1928), *Os Marcos da Emoção* (1933), *Íris* (1937) e *Plenitude* (1939).

Conforme exposto anteriormente, a crítica literária não teve, no momento da publicação de *Casos e Impressões*, uma opinião unânime sobre a classificação da produção de Adelino Magalhães. Ao longo dos estudos a respeito da narrativa do contista, aparecem várias classificações. Um dos motivos que parece contribuir para essas diversas classificações seria a heterogeneidade de seus temas, mesmo dentro de um único livro. Em *Casos e Impressões*, essa heterogeneidade temática é muito bem visualizada, em razão de Adelino Magalhães dividi-lo em cinco núcleos temáticos.

A inovação tanto lexical quanto estrutural da obra de Adelino Magalhães mostra um escritor liberto das técnicas convencionais da narrativa e o faz avançar com êxito pelos caminhos da literatura que acompanhava as mudanças iniciadas no movimento Simbolista, cujo eixo se deslocava do objeto para o ser. Chama atenção também na obra de

Adelino Magalhães a forma impressionista de retratar as emoções, bem como o temário de crítica social representado, muitas vezes, por meio da subjetividade das personagens. Por isso, devido a uma prosa diferenciada daquela a que os leitores da época estavam acostumados, com narrativas centradas mais na anedota e nos contos com uma estrutura formal mais tradicional de começo, meio e fim, é que os contos de Adelino Magalhães se apresentam como diferentes ao se polarizarem em segmentos narrativos próprios, de cujo início pouco se sabe e talvez menos ainda de seu fim.

Renato Cordeiro Gomes (1998) enfatiza a visão do instável oferecida pela narrativa impressionista de Magalhães. O pesquisador afirma que o contista antecipa técnicas, que mais tarde serão também usadas por escritores modernistas, que já estavam em voga na Europa:

Sua literatura apresenta, por um lado, traços que antecipam soluções formais que o Modernismo de 22 colocará em circulação, a exemplo da fragmentação, do uso de cortes, *flashes* e da montagem, do fluxo da consciência, técnicas que o aproximam das soluções da moderna literatura experimental, a par da vontade de estilização, de construir efeitos novos (GOMES, 1998, p. 327).

Assim, a crítica à obra de Adelino Magalhães dedica especial atenção às suas inovações formais, como a farta utilização de neologismo, de narrativas muito fragmentadas, em que há desrespeito ao tempo cronológico, o privilégio do tempo psicológico, e ausência de linearidade no desenrolar de alguns contos. O que se vê é que os estudos críticos sobre a produção de Magalhães atentam para as experimentações estéticas — que começavam a ganhar maior fôlego no mundo literário no começo do século XX — como a sua maior qualidade.

A literatura de cunho mais sociológico do autor também não deve ser desprezada, se o intuito for entender a produção de Magalhães, longe da marca ingênua de imoral ou de inovador com que a crítica o vem rotulando ao longo do tempo. Ver a obra de Magalhães com olhos que vão além de um esquecido precursor do Modernismo proporciona um contato inusitado sobre o entroncamento do público e do privado na vida da sociedade carioca da primeira República.

Como se viu anteriormente em *O Pré-Modernismo*, Alfredo Bosi (1966) critica a obra de Adelino Magalhães, argumentando que a sua obra era extravagante, incoerente e suas narrativas demonstravam um cotidiano vulgar. Não se pode deixar de concordar, em parte, com a crítica de Bosi, pois, se de fato o vulgar e o obscuro fizeram parte

de alguns contos de Magalhães, esses adjetivos estão lá por um motivo ideológico do autor, ou seja, como uma demonstração dura do espaço da rua no Rio de Janeiro do começo do século XX. A “vulgaridade do cotidiano” e “o grotesco”, referidos por Bosi, são, de fato, a camada mais pobre e popular que não fora ou não poderia ser englobada na afirmação da República; essa população periférica fornecera os principais personagens para grande parte da obra de Adelino Magalhães. Os miseráveis, tanto no aspecto material quanto no moral, e suas sucessivas estratégias para sobreviver dentro de uma cidade tão contraditória quanto foi o Rio de Janeiro, naquele começo de século, constituir-se-ão os anônimos que farão parte do universo dos contos de Adelino Magalhães.

Toda essa massa que precisava viver não estava preocupada, obviamente, com o quão grotesco e animalesco poderia ser a luta pela sobrevivência. Vale novamente salientar que o que a crítica caracterizou como imoral serve para confirmar o alinhamento que Adelino Magalhães demonstrava ter com a vida urbana e social do Rio de Janeiro, ressaltando-se que tais imoralidades eram apenas os fatos corriqueiros e comuns à população mais pobre da então capital federal.

Conquanto Adelino Magalhães seja sempre lembrado por suas experimentações estéticas, ou para exemplificar o Impressionismo na literatura brasileira do começo do século passado, ele sempre manteve forte ligação com os problemas do seu tempo. Trazer Adelino Magalhães para a atualidade vai além de apenas querer mostrar como ele já se aproximava de muitos modernistas em alguns aspectos formais ou, ainda, de compactuar com o esnobismo em conceder-lhe o título de inventor do fluxo da consciência em literatura brasileira ou, até mesmo, de querer colocá-lo em uma “ilha” sem ligações com a intelectualidade de sua época. Entende-se que, ao recuperar os escritos de Adelino Magalhães, não pelo viés da originalidade sem limites, mas pela visão do *continuum* da linha literária em que ele se insere, a reavaliação do período também tem muito a ganhar.

A pseudomodernidade, vista nas grandes avenidas abertas pelo prefeito Pereira Passos, na cidade do Rio de Janeiro, nos primeiros anos do século XX, contrastava com a grande massa de população pobre que teve, a duras penas, de fugir para os subúrbios e freguesias próximas à cidade para não serem aniquiladas junto com suas moradias populares que cederiam lugar ao dito progresso, a civilização. O modo de vida sonhado pela maioria da elite republicana não admitia o amontoado mestiço que circulava pelo centro do Rio de Janeiro e distanciava, por meio dessas imagens, do ideal de cidade almejado.

A ideologia cientificista, em voga desde o século anterior, transformada em mito e cultuada pela elite, passa a ser o invólucro de autoritarismo que encapa o projeto de

modernização do país e se torna alheio à realidade política, econômica e social. Tais transformações, de ordem tanto política e econômica, quanto urbana e social, foram incorporadas diferentemente pela literatura da época.

Dentro do projeto civilizatório, o povo e a pobreza destoavam do modelo de cidade moderna. Sob a alegação de que o Brasil precisaria entrar para o mundo civilizado, nos moldes europeus, o país deveria afastar-se de vez do passado colonial, das tradições populares e das raízes indígenas e negras. A modernização, no entanto, é vista com desconfiança por muitos escritores e intelectuais da época, entre eles Adelino Magalhães.

Nos contos de Magalhães, a sociedade brasileira, aquela que estava longe dos ideais republicanos de progresso, ganhava força. No primeiro livro, *Casos e Impressões* (1916), são as perseguições policiais aos pobres que se destacam. Em “A prisão da Candonga”, uma mulher é perseguida sem nenhum motivo aparente. No entanto, é por meio do subdelegado que se descobre a causa da ordem da prisão, remetendo ao fato de que a força policial, responsável pela tão aclamada ordem, acabava por gerar ela mesma a temida discórdia: “—‘Ela começou a me debochar lá, na estação, me chamando de subdelegado de borra... Isso porque eu não deixei ela, anteontem fazer escândalos lá, no beco da Ponte, com aquele vagabundo do Pituca...’” (MAGALHÃES, 1963, p. 164). Do mesmo modo e ao mesmo tempo que durante a perseguição, a personagem Candonga é xingada pela ordem policial, o povo que acompanhava aquela baderna, gritava reclamando que os policiais não podiam agir daquela maneira, uma vez que eles eram os que deveriam dar exemplo de civilidade à população. O que se percebe como evidente é que, além das inovações estéticas efetivadas por Adelino Magalhães, a sua produção social e urbana merece ser destacada e estudada. Ao enfatizar a cidade, a velocidade e o progresso a todo preço, Adelino Magalhães acabou sendo considerado por Wilson Martins (1978, p. 320) “o primeiro a descobrir o homem da rua como herói ou anti-herói da literatura”, apesar de João do Rio também já haver descoberto.

Ainda sobre o assunto, Sidney Chalhoub (1986, p. 86) relata “as profundas transformações sócio-econômicas associadas à transição das relações sociais do tipo senhoril-escravista para as relações sociais do tipo burguês-capitalista” que ocorreram quando foi posto em vigor o novo regime político e econômico. Isso quer dizer que, após o impacto dessas mudanças, seria preciso que o Brasil conseguisse se livrar do passado colonial e se integrasse, de uma vez por todas, à civilização moderna, o que aconteceria, além de outros meios, com as modificações feitas na capital federal.

Essa situação fica muito evidente no conto “Francisco” no qual o narrador observa da janela a chuva, que cai, e relata sua relação pouco convencional com um mendigo que fora levado das ruas pela força policial numa clara alusão à caça aos mendigos durante o processo de higienização das cidades, como pode ser notado na seguinte passagem: “Oh! eu me lembro o dia em que, ao lado do guarda, ele desceu a ladeira, mais indiferente do que trôpego, numa despersonalidade idiota... E se foi para nunca mais voltar...” (MAGALHÃES, 1963, p. 166).

Todo desvio que não estivesse de acordo com os ideais de progresso apregoados pela elite republicana e cientificista eram considerados um perigo para a imagem de país moderno que se queria mostrar à Europa. As manifestações populares foram, portanto, encaradas como primitivas e arcaicas e, a partir daquele momento, deveriam ser extintas.

Assim, os valores culturais, tais como o Carnaval, as rodas de capoeira, o caminhar sem ter um lugar certo aonde chegar, abafados pelo saber técnico-científico, teriam de ser mantidos à distância e tidos como elementos bárbaros, arcaicos, primitivos e selvagens. Monica Pimenta Velloso (1988, p. 27) explica que a atenção das autoridades da então capital federal estava direcionada à caça aos mendigos, ao combate às expressões da cultura popular, sobretudo, à disseminação da ideia de que as ditas manifestações primitivas das camadas populares não eram compatíveis com os ideais progressistas, sendo, por isso, marginalizadas. Então, para que o Rio de Janeiro adquirisse ares de cidade civilizada era preciso que tais manifestações fossem destruídas, visto que elas não combinavam com a ideia de progresso. Nesse sentido, bem mais do que o empenho pela remodelação das ruas, havia o empenho por que a população se guiasse por novos padrões de comportamento, como a lei que obrigava a vestir paletós para caminhar nos *boulevards* cariocas.

Os aspectos sociais e urbanos da vida carioca nos primeiros anos do século XX são colocados basicamente em toda a produção de Adelino Magalhães. É uma literatura mais preocupada com os subúrbios, com seus operários e gente simples, miserável e sofrida. O contista registra acidez em seus aspectos destoantes do figurino parisiense. Nesse mundo de mazelas situam-se muitas das personagens de Adelino Magalhães; é também nesse sentido que, embora ele seja lembrado pela literatura subjetiva, por usar monólogos ou técnicas narrativas, na contramão das formas tradicionais de expressão estética, grande parte de sua produção se volta para uma literatura de cunho mais social. A sua prosa é constituída por retratos dos morros, dos botequins, dos prostíbulo, da vida operária e da vida deprimente vivida pelos menos afortunados, como as lavadeiras, as prostitutas, os imigrantes, os negros e a classe trabalhadora que começava a se constituir. Seria improvável que Adelino Magalhães,

professor de História e cidadão que vivia na capital federal, não presenciasse e acompanhasse as alterações sociais, políticas e econômicas do país.

Foi por meio dos muitos aspectos urbanos que a cidade do Rio de Janeiro ganhou forma na prosa estilizada do contista. Os contornos da cidade, suas ruas, seus bairros são facilmente perceptíveis nas histórias, visto que citados no texto. Os vários tons que predominam nesses contos dar-se-ão pela apreensão da realidade por meio das sensações que são impressas no espírito do narrador. Ora vemos um grande viés impressionista tomar conta da prosa, ora percebemos narrações mais realistas que se aproximam de uma prosa social, engajada e doutrinária.

A linguagem e sua forma de expressão, quase sempre, acabam por abafar a realidade referida; assim, as divagações tornam-se, às vezes, bastante fortes, fazendo com que a crítica especializada não leve em conta o fenômeno social na produção de Magalhães. Por essa via argumentativa, caso se dê atenção à obra de Magalhães, sem a preocupação de encontrar particularidades meramente esteticistas ou inovadoras, pode-se, certamente, compreender melhor a narrativa social e urbana do autor.

A visão de Adelino Magalhães sobre a cidade do Rio de Janeiro privilegiara motivos problematizadores, tais como o controle social exercido pelas autoridades sobre a população pobre, as greves operárias, os mendigos que circulavam pela cidade, entre outros. Os contos urbanos incorporam a população fora da esfera do mundo sistêmico, o que na reflexão de Renato Cordeiro Gomes (1998, p. 324) se explica porque Adelino Magalhães traz para dentro de seus contos a Sebastianópolis cheia de transformações “excludentes e segregadoras”. A realidade imediata, pode-se dizer, sempre foi uma preocupação de Magalhães, o qual, não obstante manter quase sempre a fronteira entre a realidade e o sonho/devaneio/delírio, firma suas histórias nos alicerces do terreno mais realístico, o que muitas vezes leva o próprio autor a referir-se a sua escrita como crônicas ou casos da vida carioca.

O Rio de Janeiro, ou sua Sebastianópolis, é o palco preferencial dos seus contos, que tanto podem ter um tom mais realista, como anteriormente mencionado, e escancarado do dia-a-dia do cotidiano miúdo da população pobre da cidade, como podem ser pintados de forma pontilhada em flagrantes instantâneos nos quais as situações e os personagens são enfocados sob uma névoa disforme onde se consomem na própria marca manchada. Os episódios urbanos, que acontecem simultaneamente, são burrificados por todos os lados nos seus contos; contudo tal técnica não impossibilita a apreensão totalizante, daí a visão fragmentada e estilizada em vários tons. A visão atomizada, com que Adelino

Magalhães contempla a cidade, é percebida em sua técnica de montagem e na sobreposição de acontecimentos.

A realidade urbana e social da cidade do Rio de Janeiro se fará notar por aquilo que se resolveu chamar aqui de contos de rua, isto é, aqueles cujos narradores, com um olhar crítico, passeiam pela então capital do país. A esse enfoque do olho do narrador, que funciona como uma câmera na qual o instante é captado e justaposto um ao lado do outro, a pesquisadora Sonia Brayner (1977) chama de processo de montagem aquilo que na literatura funciona como a colocação de fragmentos isolados, sendo que, nos contos de Adelino Magalhães, proporciona uma visão atomizada. Assim, “esse modo de construção, insistente em seus textos, leva-nos a considerações em torno da concepção de montagem, termo mais conhecido na área cinematográfica, mas que não é estranho à conceituação literária” (BRAYNER, 1977, p. 193).

Muitas vezes, esses múltiplos olhares levam a certa incompreensão ou a uma dificuldade de apreensão do que o autor realmente pretende narrar. Assim, não obstante algumas vezes a substância social da narrativa ficar encoberta pelo uso de metáforas e pela vontade que tem o autor de exprimir muito proximamente as emoções das suas personagens, a realidade do momento estará, na maioria dos contos, presente.

Os contos de rua ou urbanos muitas vezes apresentados com trechos-flagrantes mostram a visão particular que Adelino Magalhães tinha do Rio de Janeiro, como comenta Brayner (1977, p. 221):

Os vazios morais das relações de classe, a fragilidade da tessitura das instituições brasileiras, as mitologias urbanas promovidas a regras gerais de procedimento são alguns dos focos de interesse para a composição de quadros movimentados, em que o diálogo é o principal instrumento de ação textual.

No conto “A muleta”, de *Tumulto de Vida* (1920) tem-se um claro exemplo do que está se chamando de instante-olhar. No conto, o olho do narrador, que funciona como uma câmera, capta uma situação de rua.

No bonde principiava a impaciência de se manifestar no arrastar dos pés, no bater das bengalas ao chão! O condutor já dera mesmo o sinal, felizmente desatendido pelo motorneiro.

A rua, um moleque estirou um penetrante assobio, chamando sem dúvida a atenção dos companheiros para a fileira de bondes parados (MAGALHÃES, 1963, p. 356).

Uma situação corriqueira: a viagem dramática de bonde de uma família composta por mãe e seus dois filhos, uma menina-moça, que perde sua muleta, e um menino pequeno. No entanto, a narração só dura até quando o olho do narrador pode alcançá-los, ou seja, durante a viagem do bonde, da Penha, onde os três entraram, até o ponto de chegada. “Entre bondes, caminhões, automóveis... no tumulto apressado da cidade, os olhos da velha estariam indagando todas as sombras, que poderiam ser o achado da muleta!” (MAGALHÃES, 1963, p. 357). Na velocidade, com que se move a cidade, a muleta fica perdida assim como as pessoas que vivem na euforia da rapidez, imposta naquele momento pelos novos tempos. Assim, é verdadeira a seguinte assertiva sobre a prosa de Magalhães:

Da euforia por que passa o Rio de Janeiro a partir do projeto executado por Pereira Passos, sob o patrocínio dos donos da República, Adelino Magalhães coloca sob suspeita as modernizantes transformações para ele desagregadoras e excludentes. A então Capital Federal como cidade maldita e ociosa revela o “Tumulto da vida” (título de um livro seu de 1920) através de impressões, de perfis de personagens urbanos típicos, de cenas do cotidiano miúdo, de casos da vida aburguesada (GOMES, 1998, p.324).

A desestabilização do mundo que se torna cada vez mais acentuada dentro dos indivíduos isolados na cidade grande também é referida por Renato Cordeiro Gomes nos temas das narrativas de Adelino Magalhães. Para Gomes, nenhum canto da cidade escapa à visão esfacelada provocada pela fragmentação e velocidade do mundo moderno. Adelino Magalhães capta em sua obra a metrópole atomizada e “oferece uma visão da cidade em caleidoscópio, dramatizando as contradições domésticas e sociais, as greves, os crimes passionais, as necessidades básicas de famílias empobrecidas, a oposição campo-cidade” (GOMES, 1998, p.325).

O desenvolvimento da antiga Sebastianópolis, agora com suas luzes e seu dinamismo modernizantes, são pontos-chave nos quais Magalhães ajusta a rapidez das relações daqueles que caminham no “imenso deserto de homens”, conforme colocação de Baudelaire (2002). Nos contos, a cidade, enfocada pelos narradores de Adelino Magalhães, assemelha-se à afirmação do poeta francês para o qual “a cidade não é mais um simples lugar de passagem em oposição à estabilidade da cidade divina, mas o palco isolado de um teatro profano onde a destruição acaba por vencer sempre” (BAUDELAIRE, 2002, p. 23).

Magalhães encontra na rua a realidade efêmera, transitória e ligada ao momento presente. Assim, compõe seus relatos de rua ou dos interiores festivos populares de acordo com a ideia baudelaireana pela qual os autores modernos, fugindo aos modelos

estereotipados, rendem-se aos temas e cidadãos comuns, em sintonia com a concepção do poeta francês do Belo condicionado ao elemento da época presente (BAUDELAIRE, 2002). O narrador dessas histórias assemelha-se ao *flâneur* fixado por Baudelaire que, conforme Benjamin (1975, p. 10), descobre a “conquista da rua”.

A rua como espaço narrativo condiz com esse personagem urbano que “pode-se concentrar na observação — daqui resulta o detetive amador; ou pode estagnar no simples curioso — e então o *flâneur* se transforma no *badaud* (BENJAMIN, 1975, p. 23). A figura do *badaud*, o passeante estúpido e alheio em si, não se parece com os narradores de Magalhães, já que os focalizadores de suas histórias são irônicos, tendenciosos, solidários, opinativos, questionadores, mas nunca distantes do que está acontecendo.

Os episódios de rua, assim como em Lima Barreto, mostram outra cidade distante daquela idealizada e cultuada pelas elites. A sua cidade é cidade real e bem diferente “das abstrações que construíram a seu respeito” (VELLOSO, 1988, p. 28). Magalhães, como mostra Sonia Brayner (1977, p. 221), “coloca-se na figura de um comentarista satírico dos vícios e costumes da cidade que observa atentamente: o Rio de Janeiro”.

Assim, um trabalho que não visasse limitar a obra de Adelino Magalhães apenas ao que ela tem de inovador, mas examinar como os seus assuntos se inter-relacionam com experimentações estéticas, pouco convencionais ou utilizadas, pautadas em ideologias do próprio autor, e com o contexto histórico-social de sua época, seria muito proveitoso no que diz respeito à historiografia literária. Por esse caminho, estudar o Pré-Modernismo, encarando-o não como infrutífero ou como um abismo intervalar até a chegada da Semana de 22 também indica outras possibilidades de leitura do período. Dessa forma, verificar a produção de Adelino Magalhães, não pelo viés crítico que qualifica/desqualifica o autor com base no movimento Modernista, mas por meio de uma revisão crítica de sua obra por meio de reflexões atuais sobre as primeiras décadas do século XX é, realmente, muito mais interessante.

Em síntese, a prosa de Adelino Magalhães pode ser compreendida como uma crônica da vida carioca na qual as tonalidades da cidade ganham forma na pintura literária que dela faz o autor. O que se deve levar em consideração é o que Magalhães, ao enfatizar os diversos tons proporcionados pela sua Sebastianópolis, reflete sobre a cidade e os fatos contemporâneos a ela, deixando, em sua prosa, uma literatura mais questionadora sobre uma sociedade que muitas vezes maquiava seus problemas.

Por tudo isso, é perceptível o peso que tem a nomenclatura pré-modernista sob nome do escritor. Atualmente, há várias teorias controversas sobre o período pré-22 que o

tentam nomear, classificar e linearizar cronologicamente. Por tudo isso, a obra de Adelino Magalhães parece também suscitar alguma polêmica quanto ao seu enquadramento em uma corrente, em uma estética, em uma escola ou em qualquer outra designação que possa ser atribuída à prosa do autor, como visto em sua presença nas Histórias Literárias. Assim, a revisão do período e, por conseguinte, da produção de Magalhães passa por muitas revisitações.

Antonio Candido (2000), em *Literatura e Sociedade*, ao referir-se à literatura entre 1900 e 1922 conceitua-a como uma literatura de permanência. Diz o crítico:

Comparada com a fase seguinte (1922-1945) a literatura aparece aí como essencialmente de permanência. Conserva e elabora traços do Romantismo sem dar origem a desenvolvimentos novos; e, o que é mais parece acomodar-se nessa com prazer nessa conservação. Uma literatura satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião, nem abismo (CANDIDO, 2000, p.104).

Ao praticar uma literatura de cunho mais sociológico e experimentalístico, Adelino Magalhães parece afastar-se dessa literatura de permanência. Nesse sentido, não é temerário afirmar que a obra de Adelino Magalhães está longe da literatura amena, sem surpresas formais e sem a preocupação social, distante também, de uma prosa renovada.

## 2.5 O ESCRITOR, O HOMEM E O INTELLECTUAL: POR ENTRE GRUPOS E NÃO-GRUPOS

Por tudo o que foi apresentado sobre a escritura mais sociológica e participante de Adelino Magalhães não seria espantoso considerá-lo um autor que se preocupava com o encaminhamento da vida extra literária, entendida aqui como a preocupação com os rumos da sociedade brasileira. Nesse sentido é que se afirma que o homem Adelino Magalhães buscava pensar o Brasil não somente no campo literário, mas também por via de debates intelectuais de valorização do nacional por meio da cultura nacional própria e isso, de acordo com o escritor, será tanto a proposta tanto das primeiras “Vesperais Literárias” quanto às propostas do C.C.B..

As “Vesperais Literárias” e o C.C.B surgiram como espaços de sociabilidade e de contatos entre os intelectuais do período. Adelino Magalhães estava inserido em um ambiente intelectual que permeava a sociedade carioca da época com os debates sobre o Modernismo, sobre as artes novas, sobre a modernidade, tendo ao fundo o projeto maior de nacionalização e de identidade nacional. Assim, o importante é conhecer o

mundo intelectual experimentado por Adelino Magalhães para inseri-lo no macrocosmo da rede de intelectuais cariocas do começo do século XX.

A partir de sua entrada oficial na vida literária, Adelino Magalhães forma suas redes de sociabilidade e passa a frequentar os cafés “Silvestre”, “Belas Artes” e “São Paulo”, fazendo também do comércio do pai, na rua do Ouvidor, ponto de encontro de muitos intelectuais-escretores. Isso se dava todas as tardes quando apareciam para um bate-papo Nestor Vitor, Andrade Muricy, Theo Filho, Murillo Araújo, Renato Viana, Tasso da Silveira, Carlos e Edgar Sussekind, Astrojildo Pereira, algumas vezes, Lima Barreto, tornando, a cada dia, mais substancial a vida intelectual e literária de Magalhães.

É por meio de sua primeira publicação que Magalhães se torna participante ativo das muitas rodas literárias, famosas no Rio de Janeiro daquele alvorecer de século, e foi por conta desse círculo de amizades que as “Vesperais Literárias” e o C.C.B., tornaram-se possíveis. Adelino Magalhães preocupava-se em discutir as questões relacionadas à vida literária, social, política, artística e cultural do país. Essa preocupação desdobrar-se-á nos futuros projetos das “Vesperais Literárias” e do C.C.B.

Essas redes de sociabilidade proporcionam a todos esses intelectuais-escretores, e não só a Adelino Magalhães, suportes para os projetos particulares de cada um deles, fossem eles literários, jornalísticos, culturais ou políticos. Isso se dava porque eram desses elos de contatos que os agrupamentos e agremiações eram formados, tornando viáveis os seus projetos, a permanência no mundo intelectual e as várias possibilidades de publicação de suas obras.

Os jovens escritores dos estados vinham ao Rio de Janeiro, de acordo com Brito Broca (2004), em busca de fama e da possibilidade de publicar seus livros, visto que a profissionalização começava a ganhar escopo e, por essa razão, eles teriam a possibilidade de viver de sua arte. Na maioria das vezes, essas ambições literárias não se concretizavam, restando, então, a esses intelectuais o recurso de se unirem nas chamadas “rodas literárias” secundárias. As “rodas literárias”, de que fala o estudioso, justificam-se por facilitarem aos jovens desempenhar uma “vida literária” minimamente expressiva e digna. A historiadora Ângela de Castro Gomes (1999, p. 42), em *Essa gente do Rio... Modernismo e nacionalismo*, ratifica argumentando:

o intelectual e, no caso, o intelectual-artista, que experimenta uma especialização acentuada, precisaria ser pensado como um *doublé* de teórico da cultura e de produtor de arte, inaugurando formas de expressão e refletindo sobre funções e desdobramentos sociais que tais formas guardariam. O esforço de inovação e a consciência explicitada desse esforço eram, inclusive, muito grandes nestes inícios do século.

Os debates giravam em torno das questões relevantes daquele período pós-guerra. Na porta das livrarias ou no “Grão turco, aqueles intelectuais teciam suas redes de sociabilidade e se preocupavam, sobretudo, com a manutenção de sua profissionalização ou até mesmo de sua pseudoprofissionalização.

Quando menciona o Modernismo, Ângela de Castro Gomes (1993) (1999) (2004) o faz entendendo que esse fora um movimento de ideias renovadoras, o qual estabeleceria fortes elos de contato com a arte e a política, principalmente, por caracterizar-se por sua heterogeneidade. Está longe das reflexões de Gomes concentrar o movimento levando em conta o seu marco simbólico, a semana de 22. Para a pesquisadora, a Semana de Arte Moderna é um evento fundador, que delimita os contornos de um meio intelectual. No entanto, o debate renovador começara antes do evento da Semana de Arte Moderna, já na primeira década do século XX. Com isso, puderam participar desse debate intelectuais de tradições anteriores, tais como os parnasianos e os simbolistas. Consta-se assim que “o Modernismo é um movimento de ideias que circula pelos principais núcleos urbanos do país desde a segunda metade dos anos 10, assumindo características cada vez mais diferenciadas com o passar das décadas de 20 e 30” (GOMES, 2004, p. 83).

A partir da visão de circulação de ideias, visão essa que vem a ser mais aceitável dentro do campo das ciências humanas, o Rio de Janeiro, marcado pela grandiosidade e pela eloquência de ser a capital do país, também tomava parte no debate sobre a renovação nas artes. Se por um lado havia a Academia Brasileira de Letras, tida como monumento oficial das letras, por outro, dentro de um movimento inverso, o mundo boêmio do Rio possuía seu espaço e formas de expressão intelectual que ao mesmo tempo abastecia a Academia Brasileira de Letras ou, então, procurava formar outras associações que rompiam com o monopólio daquela instituição (GOMES, 1993)

Adelino Magalhães também estava a par do debate modernista; ele próprio já estava imbuído de algumas marcas renovadoras por meio de suas narrativas e do reconhecimento por seus pares de que estava fazendo uma literatura diferenciada. No entanto, Adelino Magalhães, como intelectual que era, preocupou-se com a sua atividade política no intuito de formar uma nacionalidade realmente nossa e afastada das ligações alienígenas. Esse

nacionalismo será mostrado no estudo do C.C.B., local em que a atividade política de Adelino Magalhães tornou-se mais evidente.

O acontecimento da atividade política prática para Adelino Magalhães só foi possível porque ele manteve uma rede de sociabilidade que proporcionou sucesso em seus dois grandes projetos. No seu primeiro projeto, as “Vesperais”, de 1921, esse grupo era um grupo disforme, com grandes dificuldades de classificações específicas ou fechadas, principalmente por ser um não-grupo, ou seja, não constituírem de fato um grupo. O não-grupo pode ser entendido por aquele ajuntamento de atores que se unem num determinado espaço para determinado fim, e acabado aquele projeto, se rearticula e se molda em outro momento em outro espaço e mesmo com atores diferentes. Obviamente, poder haver coincidências de nomes, ao mesmo tempo, que há convergências e divergências entre eles.

Isso, provavelmente, tenha acontecido porque as primeiras “Vesperais” não pretendiam ter um caráter de permanência. O retorno delas só aconteceria em 1923, com a fundação do C.C.B. Lá sim, o grupo apresentou-se mais fechado. Por ser uma agremiação, com trabalhos direcionados, reuniões agendadas, tomou um caráter mais sério e menos mundano.

O grupo liderado por Adelino Magalhães, entendido aqui como aqueles que formaram as “Vesperais Literárias”, é o que se pode chamar de não-grupo, não-pertencente a uma célula específica, pois em um primeiro momento, Adelino Magalhães não tem um círculo uniforme, mas mantém contato com vários intelectuais embora nem sempre esse contato se tenha convertido em alguma forma de prestígio ou de maior circulação de Magalhães pelos circuitos mais privilegiados ou ditos oficiais.

Posteriormente, na análise das fontes primárias sobre as “Vesperais”, percebe-se que o círculo de amizade de Adelino irá expandir-se, fazendo com que as conferências da Biblioteca Nacional se tornem mais eficazes como meio de divulgação daquele não-grupo, porquanto eles se organizavam/ desorganizavam/reorganizavam de acordo com os interesses e ideologias de algum intelectual-escritor num dado momento.

Para conhecer um determinado meio intelectual, de acordo com Ângela de Castro Gomes (1993), é necessário, obrigatoriamente, conhecer a dimensão organizacional desse momento e espaço as suas redes de sociabilidade. As redes de sociabilidade são entendidas como formas de viver com os pares, assim, “as redes de sociabilidade são entendidas como formando um grupo permanente ou temporário qualquer que seja seu grau de institucionalização, no qual se escolha participar” (GOMES, 1993, p. 73).

Nesse sentido, podem-se perceber as relações mais próximas entre intelectuais que ao longo do tempo podem desfazer-se com a proximidade a outros intelectuais ou podem estreitar-se as relações em virtude das ideias em comum. É o que Ângela de Castro Gomes analisa como uma movimentação entre esses intelectuais cariocas do início do século XX e como esses atores se moviam em seus espaços particulares dentro do grupo, e se harmonizavam e como era o clima entre todos os grupos de intelectual durante esse período de grandes transformações no país, transformações essas de ordem sócio-político-cultural.

Essas transformações eram debatidas nos lugares de sociabilidade desses intelectuais, o que, nas palavras de Gomes, quer dizer que o debate de ideias é indissociável de formas de intervenção na sociedade e que, para o entendimento das obras dos intelectuais, é de suma importância entender as condições sociais nas quais elas foram produzidas.

Diante disso, seria impossível não relacionar os contos de cunho mais sociológicos como “A prisão da Candonga”, “A resolução”, “A greve”, entre outros, com o seu local de produção e o posicionamento crítico do autor diante dos fatos ocorridos na primeira República, principalmente nas três primeiras obras nas quais pode ser encontrado o fator crítico e questionador do autor. Tais características estão presentes em contos emblemáticos como “A greve”, “Gari”, “Nicota do Castelo”, entre outros, o que vem harmonizar com as palavras de Gomes ao constatar que as obras dos intelectuais, nesse caso específico, de Adelino Magalhães, foram produzidas enquanto parte integrante de certo campo político-social.

Terá sido também nos locais formais, como instituições e revistas, bem como nos não-formais, como os bares, confeitarias e livrarias que se estabeleceram as relações de Adelino Magalhães com a intelectualidade carioca de seu tempo e ele pôde exercer sua atividade política. Como já mencionou Brito Broca (2004), a vida literária no começo do século XX, se não era mais importante que as produções literárias, estava perto. Nesses lugares sociais é que os intelectuais teciam suas redes de contatos que lhes dariam maior ou menor visibilidade.

No caso de Magalhães, a vida começara a ficar um tanto quanto agitada. O autor tinha vários contatos nos mais diferentes meios nos quais podia divulgar sua produção, não se esquecendo que, sendo esses lugares frequentados por pessoas diversas, diversas também eram as ideologias sobre questões tão em voga como a modernização do país, a República ainda pueril e questões mais específicas ao mundo literário tais como a literatura

brasileira e sua brasilidade ou a modernidade e o Modernismo. Assim, a fala de Gomes (1993, p. 64) esclarece:

De maneira mais operacional, o que se procura é mapear as ideias, os valores e os comportamentos que alicerçavam a formação de grupos intelectuais, objetivando compreender melhor as genealogias que então são inventadas, os formatos organizacionais que são eleitos e as características estéticas e políticas dos projetos formulados.

Nesse ponto, não é temerário supor quão importante era a vontade de Adelino Magalhães em poder exercer sua atividade política, expondo o seu conceito de nacionalismo. As “Vesperais Literárias” foram as portas para que o C.C.B. pudesse ser uma realidade, pois, o espaço mais bem organizado e sistematizado, o C.C.B., no qual se discutiam as questões artísticas, literárias e culturais, mas se procurava debater as questões nacionais, foi o coroamento dos anseios de Adelino Magalhães para ele tornar o Brasil que ele queria mais nacional.

É interessante notar que nem as “Vesperais Literárias” e nem o C.C.B são mencionados nos estudos acerca de Adelino Magalhães. O que proponho ao trazer para a discussão os objetivos dos dois projetos é não só refletir até que ponto seus idealizadores estavam conscientes do momento histórico brasileiro, mas também imaginar qual seria a ideia central dessas duas abordagens. As “Vesperais”, com um caráter mais de evento festivo para um público animado e o C.C.B. com uma programação mais voltada para discussões do Brasil da época.

### CAPÍTULO 3

#### “AS VESPERAIS LITERÁRIAS”, OU AS PALETRAS DOS NOVOS

##### 3.1 ADELINO MAGALHÃES, O RIO DE JANEIRO E O MODERNISMO

Ao longo da pesquisa nos cadernos-arquivo de Adelino Magalhães pude notar que um dos temas bem caros ao escritor, por ter dedicado especial atenção a eles, foi o Modernismo no ambiente literário do Rio de Janeiro. Os artigos selecionados por Adelino Magalhães procuraram mostrar como aquele ambiente vivenciou o movimento e, em maior número, como o próprio Adelino Magalhães foi sendo classificado dentro dele, de precursor à modernista.

Como o objeto deste trabalho é o arquivo de Adelino Magalhães e suas escolhas ao arquivar, tentarei ler o Modernismo carioca e, dentro dele, a figura do escritor à luz de seu acervo, isto é, de acordo com as fontes que Magalhães achou importante. Em vista disso é possível entender de que forma o escritor foi construindo a sua imagem, ou seja, de como ele gostaria de ser lembrado no futuro. Infelizmente, não será possível uma cronologia exata dos artigos retirados do arquivo de Adelino Magalhães visto que, em muitos, não há referências.

Adelino Magalhães guardou em seu arquivo a crônica “Quando teria começado o modernismo”, de Brito Broca, infelizmente, não datada. Nela, o crítico estuda os caminhos trilhados pelo Modernismo brasileiro enfatizando, sobremaneira, o fato exagerado de se considerar a década que precedeu o movimento modernista como de estagnação e marasmo. De acordo com Broca:

Depois de 1902, ano que assinalou a publicação de “Os Sertões” e Canaã, tivemos realmente um pequeno período de refluxo. Mas em 1909 surge, quase sem ser percebido o primeiro romance Lima Barreto, “Recordações do escrivão Isaías Caminha”. E começa então. A segunda década do século não somente com o sucessivo aparecimento de valores novos, como também com evidentes indícios de espírito não conformista e revolucionário nas letras.

Broca continua suas considerações afirmando que a rebeldia modernista, embora assumindo um posicionamento muito radical frente aos seus precursores, já estava sendo anunciada desde 1910, por obras de autores que “insurgiam contra a rotina, a literatura desligada da vida, o alheamento da realidade brasileira, tudo aquilo que o movimento modernista ia tenazmente combater.”

Na mesma linha argumentativa, Broca reflete que o Parnasianismo, que continuava a dominar, nunca tinha sido realmente suplantado pelo o Simbolismo. Muito pelo contrário visto que a “prosa simbolista, ultrapassando em mal gosto a parnasiana, exerceu maléfica influência em nossas letras” e ainda como é curioso o fato de que “as boas heranças da poesia simbolista, poucos a acolheram, enquanto as más heranças da prosa encontraram terreno fértil e propício para desenvolver entre nós.” Broca aponta que o principal alvo dos modernistas foi a “assimilação desse pior simbolismo pelo pior parnasianismo, e o tipo perfeito desse mal da literatice.”

No entanto, esse cenário começou a ser mudado, segundo Broca, quando começou a esboçar uma mentalidade contrária àquelas fórmulas. Tudo começaria com João do Rio que fez da reportagem um gênero literário e que tiraria de circulação “as abstrações da crônica parnasiana e simbolista por uma concretização de fatos.” Salvo alguns escorregões cometidos por João do Rio como os efeitos verbais, o fato é que o escritor sempre “visava ‘reportar’ alguma coisa, procurando documentar a evolução dos costumes, com o olhar agudo de um observador que à malícia e a ironia juntava frequentemente o lirismo.”

De outro lado, Broca cita Lima Barreto, Antonio Torres e Gilberto Amado como exemplos de autores que faziam da crônica um instrumento social de crítica e de combate, “contra tudo quanto entre nós exprimia artificialidade, imitação estrangeira, frivolidade, literatice, vieram se abatendo, em crônicas assíduas na imprensa carioca, Antonio Torres e Lima Barreto.” Em Antonio Torres elogia “a boa sedimentação clássica, simples, direto, preciso, energético, dispondo de todos os recursos e aptidões para polêmica.” Em Lima Barreto, enxerga o homem de esquerda que se bandeava para o anarquismo em voga no país, “num estilo irregular, sem harmonia, tendo em força e sinceridade o que lhe faltava em arte” tomando “posição em face a todos os acontecimentos da vida brasileira, desde 1910, mais ou menos, até a sua morte, em 1923.”

Lima Barreto recebeu um exemplar de *Klaxson* de Sérgio Buarque de Hollanda e ao lê-lo mostrou-se completamente contrário aos modernistas de São Paulo. Segundo Broca, essa atitude não exprimia um julgamento definitivo e “o certo é que Lima Barreto, com a pugnacidade do seu não-conformismo preparou terreno para a obra demolidora do Modernismo.”

Na poesia, Brito Broca aponta que a obra de Hermes Fontes já se distinguiu por um caráter de rebeldia anos antes do Modernismo, mas “passaria, no entanto, a ser a expressão típica da reação parnasiana, pelos modernistas” não levando em consideração que

o excesso de temperamento que nele havia, superava as medidas do parnasianismo, e poeta desmandava-se em construções extravagantes e bizarras, em malabarismos métricos, na procura ansiosa de novos ritmos. Sua obra assim distinguia por um caráter de rebeldia, antes do Modernismo.

Já na prosa, a busca pela novidade ficou a cargo de Adelino Magalhães. De acordo com Brito Broca, o escritor levaria essa novidade em um grau muito elevado na ficção. Sobre a escrita de Magalhães, comenta Broca:

É a desarticulação das formas clássicas da narrativa, as sínteses ousadas, o estilo fragmentário que o Modernismo ia por em moda mais tarde. Um humor estranho, roçando às vezes pelo macabro e um super-realismo cruel que vai até a exatologia.

Por conta de todas essas constatações, Brito Broca afirma que o Movimento Modernista não surgiu, repentinamente, “como uma eclosão de forças ainda ignotas” mas que o surgimento do Modernismo deve ser visto e estudado com uma consequência lógica e que “se a Semana de Arte Moderna marca o início ‘oficial’ de uma nova era para as letras, é difícil precisar quando ela teria verdadeiramente começado.”

Galeão Coutinho escreve para *O Jornal*, em 1946, artigo “A ‘ilha’ Adelino Magalhães”, também pertencente ao arquivo de Adelino Magalhães. O artigo faz um balanço da trajetória literária de Adelino Magalhães, enfatizando suas características inovadoras e, até mesmo, inclassificáveis, pegando emprestado o termo “ilha”, de Eugenio Gomes, para comentar a obra do autor.

No longínquo ano de 1916, plena era do soneto bilaqueano e da prosa florida de Coelho Neto, a estreia de Adelino Magalhães era quase uma loucura. Que moço era aquele que, desdenhando todas as regras de estética marmórea dos parnasianos, do convencionalismo vernáculo de nossos prosadores, descia ao povo e nos dava uma série de quadros de um realismo cru, mas onde a notação mais escabrosa se alia ao lirismo mais entorpecedor (COUTINHO, 1946)

Coutinho (1946) conta ainda que quando ele próprio, na época, quis chamar atenção de “alguns pavões da literatura bem comportada, e ainda hoje mantidos em evidência a golpes de cabotismo”, para obra de Adelino Magalhães, todos recuaram. Nesse sentido, de acordo com Coutinho, a obra passou a ser vista como “uma perversão de gosto” ou, ainda, que outros viram essa atitude como “desejo de ferir pelo escândalo.”

O fato de Adelino Magalhães ser avesso à propaganda própria deu-se pela timidez e pelo pudor do escritor, que nunca reclamou para si posto de precursor que lhe pertencia, somente atribuindo-lhe valor um grupo que de fato o conhecia:

Dizer que Adelino foi um incompreendido, e que somente agora os seus livros vão interessar em nosso país, não é dizer a verdade integral. Um grupo houve, no Rio, do qual faziam parte Andrade Muricy, Nestor Vitor, Lima Barreto, Tasso da Silveira, para quem a obra de Adelino Magalhães foi sempre posta em destaque (COUTINHO, 1946).

“O Precursor de 22”, de Walter Siqueira, provavelmente do ano de 1957, pois fala de septuagésimo aniversário do autor, também está guardado no arquivo do escritor. No texto há, uma vez mais, a predominância na crítica de mostrar Adelino Magalhães como um autor entre “o simbolismo em decadência e o modernismo em perspectiva.” Nesse sentido, Siqueira afirma que o Adelino Magalhães já se antecipara à revolução estética, cabendo ao Rio de Janeiro a primazia de ter o primeiro modernista, visto que o autor “fora um hífen revolucionário na monotonia revolucionária do começo do século; antecipando-se ao acontecimento de 1922 sem fazer alardes, envelhecera deserdado das glórias.”

Também com a data provável de 1957, é o estudo “Qual o Precursor do Modernismo no Brasil?”, de Basílio de Magalhães. Em linguagem muito enfeitada, o crítico procura mostrar a relação entre o Modernismo e Adelino Magalhães. Para isso, o autor refere-se ao fato de que a grande lacuna da história literária brasileira se dá pela falta de estudos que apontassem quais são os verdadeiros precursores dos grandes movimentos intelectuais nacionais. O crítico tece suas ideias passando por todas as escolas literárias até chegar a seu objetivo, a saber, o Modernismo brasileiro. Assim, diz o autor:

Chego agora ao caso do modernismo. Antes do grito com que Graça Aranha estremeceu os estuques da cúpula da Academia Brasileira de Letras em 1922, não faltavam alguns patrícios nossos, tanto aqui, nesta Cidade Maravilhosa, quanto no extremo norte do nosso país, que perpetravam em prosa e verso singularidades prenunciadoras da nova corrente espiritual.

A partir de então, Basílio de Magalhães conta que tomou contato com a obra de Adelino Magalhães o qual teve suas três primeiras obras publicadas antes da “celeuma provocada por Graça Aranha na Casa de Machado de Assis.” O crítico prossegue, em tom elogioso, sua análise da importância precursora de Adelino Magalhães, citando diversos estudos que legitimam a sua visão do escritor como merecedor do título de primeiro precursor do Modernismo brasileiro.

Em “Evolução e revolução Modernista”, de 1963, Murillo Araujo descreve sua primeira ida à cidade de São Paulo, poucos anos depois de 1920, comparando-a ao Rio de Janeiro. Murillo apresenta a cidade como intelectualmente provinciana e pacata onde o Simbolismo ecoou menos que no Paraná ou em Minas Gerais. Segundo Araujo, a poesia paulista era ainda totalmente parnasiana, diferentemente do Rio de Janeiro, onde a atmosfera era outra,

Se dominavam ainda os velhos parnasianos, já passara sobre eles a primeira onda do simbolismo e a segunda com Álvaro Moreira, Felipe de Oliveira, Rodrigo Otávio Filho... e rolava a terceira, mais raivosa e insubmissa que as outras duas, avançando à procura de praias novas.

Augusto dos Anjos surgira bárbaro no fundo e Hermes Fontes bárbaro na forma. Em 1920, já Adelino Magalhães publicara *Visões, Cenas e Perfis*, livro de uma rebeldia que até hoje desorienta a crítica (ARAUJO, 1963)

O poeta mostra ainda que o seu primeiro livro *Os Grilhões*, de 1917, já contava no prefácio com a palavra “futurismo” e que somente nas artes plásticas São Paulo ultrapassara o Rio de Janeiro. No campo das artes plásticas, portanto, diante de Anita Malfatti e Brecheret, todos os artistas cariocas pareciam velhos demais.

Quando chega o ano de 1922, São Paulo já deixara esse seu lado provinciano e saltara para o progresso, dando seu “grito selvagem, que foi a Semana de Arte Moderna”, anunciando uma revolução, enquanto que no Rio de Janeiro, de acordo com Araújo (1963), se daria uma evolução.

Revolução tão repentina que teve que contar com ajuda de fora. E, na Semana de Arte Moderna, se o maior sucesso – nas artes plástica foi dos locais, na música e na literatura, preponderaram os elementos do Rio: Villa-Lôbos, moderno muito antes da Semana, moderno desde que nasceu, Graça Aranha, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho...

Com uma ponta de amargura, Murillo Araújo (1963) se ressentiu do fato de que o movimento de São Paulo, “como tudo que de São Paulo, teve importância indiscutível. Mais uma vez ‘pelo Brasil fizeram os paulistas fizeram grandes coisas’”. Ainda de acordo com Araújo, no Rio de Janeiro muitos modernistas não conseguiram se impor, como Adelino Magalhães, Tasso da Silveira, Andrade Muricy e, até mesmo, Nestor Vitor.

Outro artigo preservado por Adelino Magalhães que versa sobre a questão modernista no Rio de Janeiro é “Rio ‘modernista’ seis anos antes de São Paulo”, de Ary Vasconcelos (1964). O texto apresenta um tom irônico ao referir-se aos modernistas paulistas,

colocando em destaque o fato de que “na bota sete léguas dos modernistas de São Paulo, que pretendem ter feito a literatura brasileira dar um gigantesco passo à frente, há uma pedrinha carioca: o escritor fluminense Adelino Magalhães.”

Os “seis anos antes” do título faz menção ao aparecimento da primeira publicação de Adelino Magalhães. Vasconcelos afirma que desde 1916, portanto, Adelino Magalhães já vinha produzindo um estilo moderno, no Rio de Janeiro e que o escritor não estava sozinho visto que “não constituía um caso isolado, mas integrava um ‘grupo carioca’”. De acordo com Vasconcelos, o grupo tinha como integrantes: Gilka Machado, Tasso da Silveira, Murillo Araújo, Andrade Muricy, entre outros.

O autor alude ainda que o movimento modernista, ao invés de abrir caminho para a obra de Adelino Magalhães fez o caminho inverso, ou seja, abafou sua produção. Nesse mesmo artigo, há uma entrevista com Adelino Magalhães (1964) e ele próprio traz sua versão da questão do modernismo no Rio de Janeiro:

Considero o modernismo de São Paulo como um belíssimo movimento literário. Todavia insurjo-me contra a visão unilateral, muito corrente, de que ele foi a única e preponderante manifestação de renovação literária entre nós. Efetivamente, já aqui no Rio, antes da Semana de Arte Moderna, havia surgido escritores e poetas que traziam uma mensagem nova, diferente do espírito realista e parnasiano que dominava quando estreei em 1916.

Na fala seguinte, Adelino Magalhães (1964) reafirma a existência de um grupo carioca independente de correntes estéticas estrangeiras o que, para ele, não aconteceu com o grupo paulista. Nesse ponto, o escritor afirma o posicionamento nacionalista que sempre o guiou, dizendo:

O grupo carioca não produziu um movimento retumbante como o paulista mas, em compensação, os seus expoentes representavam um valor mais original, mais independente de correntes alienígenas, o que não se deu de maneira geral, com o movimento da Semana de Arte Moderna.

Sobre as relações de amizade com o grupo paulista, Adelino Magalhães (1964), polidamente, como se pôde perceber em suas entrevistas, conta:

Dos modernistas paulistas guardo grata lembrança de dois únicos e ligeiros encontros com Mário de Andrade, sendo o menos curto o que tive com o distinto homem de letras em uma exposição da Escola de Belas Artes, estando nós ambos com outros amigos. Mário produziu-me uma impressão agradável de modéstia e cordialidade.

Para finalizar, Vasconcelos pergunta a Adelino Magalhães (1964) se ele considerava que o grupo carioca já era modernista antes do Modernismo. O escritor responde que sim e continua:

Duque Costa (que não chegou, infelizmente, a publicar livros), Gilka Machado, Murillo Araújo, Albertina Berta, Barreto Filho, Cecília Meireles, Andrade Muricy, Tasso da Silveira e vários outros que me poderão ter escapado eram dos que já produziam em espírito e estilo diferentemente dos paulistas. Convém não esquecer ainda os casos anteriores e tão interessantes de Augusto dos Anjos e Hermes Fontes, que já tinham trazido uma nota nova à poesia brasileira.

Quase vinte cinco anos depois dessa entrevista, José Murilo de Carvalho (1988), em seu importante estudo sobre o período refletindo sobre o Modernismo carioca e o Modernismo paulista aponta para o fato de que os escritores cariocas, mesmo capazes de uma explosão estética inovadora, volta e meia, retornavam aos contatos oficiais por conta da necessidade de estabelecer seu trânsito no meio intelectual e político. José Murillo de Carvalho (1988, p. 20) afirma que “a intelectualidade paulista era muito menos vinculada ao Estado do que a do Rio de Janeiro”. É possível ampliar esse conceito de Estado para todas as formas oficiais de legitimação de poder seja pelo próprio Estado, seja pela Academia Brasileira de Letras, ou garantindo-se a participação em jornais e revistas, seja, pelo próprio mercado editorial capitalista que impulsionava o giro das obras de melhor aceitação.

“Bandeira e o grupo do Rio”, de Arnaud Pierre, também faz parte dos artigos sobre o Modernismo carioca mantido no arquivo de Adelino Magalhães. O artigo faz uma comparação entre o Manuel Bandeira e o grupo do Rio de Janeiro, principalmente, com Adelino Magalhães.

No desenrolar do texto, Pierre relata que Manuel Bandeira achava que “antes de 22 eram bem distintos, no Rio, dois grupos de ‘para-modernistas’, ambos inoperantes e eclipsados, nas revistas, jornais e na sociedade, pela parnasiana e obtusíssima Academia.” Na mesma linha de pensamento, Pierre relata que Adelino Magalhães já dissera uma vez que o “Modernismo se imporia no Rio antes de São Paulo, se aqui não estivesse a famosa companhia.” Assim, Pierre também concorda com ambos escritores e enfatiza o poderio da Academia Brasileira de Letras contra os novos modelos estéticos:

Bandeira, de certa forma, o confirma ao dizer que foi a influência estrangeira direta que deu aos paulistanos aquela primazia. Aqui, se abafava. Uma ou outra opinião amiga nos jornais (José Oiticica, Euclides de Matos) não era suficiente para lançar um novo. E a época até que não era infensa aos novos, antes propícia. De sangue novo precisavam os acadêmicos, onde se mirar. Mas novo e liso, não crespo. Aceitava-se um tanto original à simbolista, como Álvaro Moreira e Ribeiro Couto, as duas primeiras influências de Bandeira. O ideal, no entanto, era um novo como Olegário Mariano... Ou como Ronald de Carvalho, dócil ao vento mais forte.

Com a repercussão de *As cinzas das horas*, Bandeira, de acordo com Pierre, aproximou-o dos novos: Castro Menezes, Ribeiro Couto, Álvaro Moreira, Renato Almeida, Ronald de Carvalho e outros. Contemporâneo a esse grupo do qual fazia parte Manuel Bandeira, havia outro, o grupo de Adelino Magalhães, formado por Murillo Araújo, Andrade Muricy, Tasso da Silveira, Gilka Machado, “então mais evoluído literariamente do que aquele que se ligara o poeta quase parnasiano que ele era.”

O grupo de Adelino, no entanto, era menos atuante que o outro. E manteve-se fiel à tradição literária nacional, organizando-se em 1921 uma sociedade (fundada por Adelino) que cultuava figuras como Farias Brito e Alberto Torres.

Ainda de acordo com Pierre, a sorte do grupo de Bandeira foi o contato com os paulistas, principalmente por meio de Guilherme de Almeida e Di Cavalcanti, os quais “aceitavam de braços abertos tudo que pudesse enriquecê-los, desde o expressionismo de Anita Malfatti e Brecheret até a “Estética da Vida” (de que depois se riam um bocado), de Graça Aranha.

Há uma especulação de uma suposta discussão entre Manuel Bandeira e Adelino Magalhães. Sobre ela Pierre conta que Bandeira, por volta de 1920, ainda não estava tão atualizado com o que se fazia em termos estéticos fora do país. Esse fato pode ter contribuído para a sua briga com Adelino Magalhães, em um bonde de Santa Teresa, que teve como motivo, Ribeiro Couto. Adelino Magalhães e Manuel Bandeira conheceram-se na casa de Gilka Machado,

mas a amizade estava nascendo depois que Bandeira foi morar em Santa Teresa, em 20. Para Adelino, que já tinha três livros de contos – contos mesmos – aquelas historinhas meio sentimentais meio simbolista de Ribeiro Couto pareciam bem ruins. O poeta, no entanto, é grande amigo dos amigos. E julgando-os costuma mandar a justiça (e os leitores) às favas.

Para Pierre, Bandeira ainda não aceitava a nova prosa em 21, ano que conheceu Mário de Andrade, embora já tivesse avançado muito em suas feições estéticas com *Carnaval*, de 1919:

Se não moderna, ao menos antiacadêmica. E isto já bastava, era muito para os paulistas, em 21. Daí o sucesso do livro entre eles. Naquele ano, e ainda muito depois, quem sabia o que vinha a ser “moderno”?

Dentro dessa mesma linha de pensamento, outro título que se encontrou no arquivo de Adelino Magalhães sobre o assunto foi o artigo “Um rosto e as máscaras”, de Murillo Araújo. No texto não há nenhuma referência à fonte ou à data. Araújo argumenta que na revolução modernista houve elementos de três ordens: “os que não tinham face a mudar; os que já a haviam mudado, e os que já tinham nascido mudados.”

O escritor define cada uma de suas três ordens de modernistas, afirmando que os da primeira seriam aqueles que não possuíam traço próprio e que, curiosamente, “foram os mais radicais e ortodoxos na reforma: sem esforço se fizeram os mais novos – eles os mais antigos... justamente porque é mais fácil mudar a máscara do que o rosto.” Os da segunda ordem seriam aqueles que foram afirmando dia a dia as características estéticas mais inovadoras e “se alteraram lentamente, em transformação natural e lógica.” Os de terceira ordem já se definiram peculiarmente e “pouco mudaram pois tinham a evolução completas.”

A ênfase de Murillo Araújo será sobre os escritores da terceira ordem de sua classificação visto que, para ele, aqueles escritores foram injustiçados por possuírem a evolução completa sendo “até postos à margem e acusados de retardados, quando tinham sido afinal os batedores dos caminhos novos.” Adelino Magalhaes, Hermes Fontes e Gilka Machado são, de acordo com Araújo, escritores da terceira ordem e a partir desse ponto enfatizará de modo particular a poetisa Gilka Machado visto que “a Grande Musa, mal conhecida dos novos, surgiu completa, com individuação completa.”

Das considerações feitas por Murillo Araújo, é possível afirmar que, para ele, o Modernismo tenha começado a ser esboçado, no Rio de Janeiro, da mesma forma que salientou Pierre Arnaud, tendo em vista dois escritores: Adelino Magalhães e Hermes Fontes.

A relação entre os Modernismos carioca e paulista e Adelino Magalhães também é tema da entrevista do escritor dada a Jefferson Leão de Almeida para o *Notícias Extras*, de 1967, intitulada “Luz que ressurgue da Penumbra”. A primeira pergunta feita pelo jornalista a Adelino Magalhães é sobre o voluntário desaparecimento do escritor em virtude

de um possível ressentimento contra os movimentista de 1922. A questão é esclarecida de forma protocolar por Adelino Magalhães (19667):

O meu tão discutido obscurecimento se deveu a vários fatores: um deles, está ligado a motivos de ordem profissional; outro, de caráter puramente pessoal, ou seja, o casamento com d. Nair, em 1931. Casado, afastei-me das rodas literárias, dedicando todo o meu tempo ao estudo das matérias que lecionava (história e geografia), e procurando, simultaneamente, dar uma assistência moral e material mais completa ao meu novo lar, ao lado de minha carinhosa e dedicada esposa. A partir daí, não quis seguir mais a fórmula literária que, até então, me havia sido própria.

Em “A ficção no modernismo carioca”, Andrade Muricy, também faz um balanço de que como se deu a ficção narrativa, ainda que pouco numerosa, de acordo com o crítico, dentro do Modernismo no Rio de Janeiro. Colocando em evidência nomes pouco lembrados hoje em dia bem como colocando Adelino Magalhães como um modernista antes de 22, diz Muricy:

Foi, entretanto, no Rio de Janeiro que ocorreu o acontecimento inicial desse movimento no Brasil: a publicação de *Casos e Impressões*, de Adelino Magalhães, em 1916. Nesse livro, Adelino Magalhães não somente preludiava a todo movimento de renovação, como com base em fundações ainda nitidamente simbolistas, realizou obra em radical ruptura de correspondências com as demais ficções brasileiras sua contemporânea.

Andrade Muricy classifica Adelino Magalhães já como um modernista que há muito já tinha rompido com qualquer viés menos moderno. Além de Magalhães, são representativos da narrativa modernista carioca: Cornélio Pena e Octávio de Farias. O crítico discorre sobre cada um deles, no entanto, para este trabalho, a parte direcionada a Adelino Magalhães é mais importante. De acordo com Muricy, o escritor

abre com prestigioso realismo paroxístico o ciclo inteiro do Modernismo brasileiro. O seu influxo pode notar-se, direto, em seus torneios de frases e em seus modismos característicos, até em livros como *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924), de Oswald de Andrade, no qual se refletem os cacoetes típicos de Adelino Magalhães completamente afirmados em *Casos e Impressões* (1916), *Visões, Cenas e Perfis* (1918), *Tumulto da Vida* (1920) e *Inquietude* (1922).

Assim, o que se pode perceber, nesses recortes de textos feitos por Adelino Magalhães, é como ele foi classificado pela crítica que circulava nos jornais cariocas, nos anos posteriores a 22. Nesses artigos escolhidos do arquivo do autor, é, portanto, possível

construir a sua imagem em relação ao Modernismo pelo viés da crítica carioca, por meio de narradores que fizeram parte da vida intelectual carioca e de críticos que mantiveram alguma convivência com Adelino Magalhães nos anos das “Vesperais Literárias” e nos anos anteriores a elas.

### 3.2 “AS VESPERAIS LITERÁRIAS”: O EVENTO SOCIAL E MUNDANO

No dia 18 de setembro de 1921, Nestor Vitor escreveu um artigo no *Jornal dos Debates*, de São Paulo, tendo como tema, a vida literária no Rio de Janeiro e, mais particularmente, referindo-se às “Vesperais Literárias”, isto é, aos encontros literários realizados em algumas tardes de sábado entre julho e outubro de 1921, nos salões da Biblioteca Nacional. O artigo fora escrito após o término da penúltima vespéral e fez um balanço, ainda que acanhado, dos encontros, enfatizando a maneira o convívio dos “novos” e os grandes vultos da história literária brasileira.

Os encontros literários, ou ditos saraus literários, não eram nenhuma novidade dentro da sociedade carioca. Eles eram um hábito herdado do Romantismo, que teve nos salões franceses seu grande modelo. As portas das casas de grandes mecenas, de alguns escritores ou de pessoas endinheiradas da sociedade, que desejavam ser reconhecidas mais pelo seu gosto erudito do que pela fortuna que possuíam, se abriam a esses encontros que tinham como pano de fundo as apreciações literárias, mas que, obviamente, não deixavam de ser um lugar de sociabilidade entres os donos dos salões e seus convivas.

Nessas reuniões, políticos, intelectuais, escritores e senhoras da sociedade degustavam boas bebidas e cardápios variados, desfrutavam do convívio com pessoas elegantes e teciam amizades, estabelecendo relações com diferentes pessoas, de diferentes áreas.

No Rio de Janeiro, um famoso salão literário foi o de dona Laurinda Santos Lobo, a *Vila Murtinho*, situado em Santa Teresa, o qual abria suas portas para os concorridos encontros à tarde com um serviço de chá e com discussões literárias que se estendiam até a noite quando se dava início aos bailes, sendo então o ambiente mais boêmio. Também no Rio de Janeiro eram muito procurados e comentados, na imprensa da época os encontros na casa do escritor Coelho Neto. Tal salão não tinha o charme do salão de Santa Teresa, mas fazia parte, também, do caráter mundano das festas literárias cariocas. Já em São Paulo, o salão mais conhecido e mais lembrado até hoje é a *Villa Kyrial*, do mecenas e dublê de poeta José de Freitas Valle.

Então, o que havia de diferente não só nas reuniões literárias de Adelino Magalhães para que fossem tão noticiadas pela imprensa e fossem eleitas, anos depois, por Wilson Martins como a “Semana de Arte Abortada”, mas também das declamações e apreciações culturais dos saraus nas casas?

Em primeiro lugar, ao acontecerem nos salões da Biblioteca Nacional, as ditas “Vesperais Literárias” perdiam, até certo ponto, esse caráter de encontro social e privado, passando a ter, oficialmente, um propósito especificamente literário. Isso quer dizer que o espaço legitimado da Biblioteca Nacional já era destinado à leitura e, portanto, não cabiam os bailes. Por outro lado, talvez, ao não se vincularem com um “dono” do salão, as “Vesperais Literárias” pudessem ter maior liberdade para tratar de temas, autores e livros sem a obrigação de agradar a esse ou aquele convidado ou de serem proferidas palestras de acordo com o mecenas em questão.

É claro que as escolhas não são livres do jugo ideológico do grupo que as escolhem, já que eram conhecidos com “os novos”; no entanto, o grupo realizador, ao escolher um espaço público, deu aos convidados a permissão implícita de poderem, sem medo de ofensas diretas ou sem medo de arruinar a noite cerimonial, fazer qualquer tipo de interferência nas palestras fossem elas para concordar fossem para refutar.

As “Vesperais Literárias”, mesmo que não oficialmente ou pela vontade de seu idealizador, também podiam ser consideradas ou confundidas como parte dessa vontade de mostrar os valores nacionais ou como mostra Vítor (1972, p.449):

Os moços vivem hoje, como eu dizia, tratando muito bem os acadêmicos, mas estes, por sua vez, ainda os mais caracteristicamente “velhos”, quero dizer, mais genuinamente parnasianos, ou naturalistas, têm de mostra-se tolerantes até com a memória dos que são verdadeiros ídolos desses jovens estetas-políticos.

Ora, o país estaria comemorando cem anos de sua Independência; precisava-se mostrar a todos o que tais cem anos significaram para essa terra. Assim, nada melhor que buscar nos vultos passados o engrandecimento do povo independente, intelectualizado, civilizado. Assim, as “Vesperais” começam a ser noticiadas como um movimento dos “novos” que não querem esquecer os antigos mestres. Então, o passado deveria estar presente como forma de continuidade para a renovação. Dessa forma, todos os autores homenageados nas “Vesperais” de 21 já haviam falecido e, portanto, para aquele grupo, deixaram sua contribuição ao país.

Dessa forma, o artigo de Vítor faz sentido ao enfatizar a relação entre os “novos” e os “velhos” ou entre os progressistas e os conservadores ou entre os modernistas e os passadistas ou como qualquer outra dualidade que o valha. Certo é que a linha ideológica entre os atores intelectuais desse período são igualmente tênues. As colocações de Vítor mostram o encontro dessas duas gerações que se apresenta ora amistoso ora com uma ponta de hostilidade. Para tanto conta que quem fizera o discurso em homenagem ao simbolista Emiliano Pernetá, em 19 de abril de 1921, à sua memória por ocasião dos seus três meses de falecimento, foi o parnasiano Alberto de Oliveira.

A homenagem a Pernetá corria bem com louvores simbolistas e o acolhimento compreensível da ala dita conservadora até que Bueno Monteiro colocasse em pauta o rigor acadêmico e envelhecido de certos poetas, o que levou Vítor (1972, p. 450) a questionar:

que necessidade tinham aqueles rapazes de ver Alberto meio conturbar-se na sua linha tão simpaticamente olímpica, Rodrigo ficar mais vermelho do que costuma ser na moldura ainda quase todas persistente loura barba que lhe vai tão bem e Goulart remexer-se na cadeira?

Certo é que tal contratempo aconteceu mais por galhofa juvenil e menos por vontade de um verdadeiro embate entre ideologias estéticas opostas, uma vez que o clima era verdadeiramente amistoso entre os convidados e, a propósito, os antigos se deixavam levar muitas vezes pelos impulsos dos novos para que não perdessem o contato com o tempo, mesmo que isso lhes custassem algumas amolações.

Aqui vale retornar à impossibilidade de dualidade que muitas vezes é retratada de forma emblemática pelos estudos literários, principalmente se estes tiverem como campo de estudo os círculos de sociabilidade dos escritores que teciam suas redes na capital federal. Não eram relações estanques e eternas porquanto mudavam de direção de acordo com os ideais de afetividade que dominam os relacionamentos.

Adelino Magalhães, não obstante sempre associado ao grupo que girava em torno do periódico *Festa*, pode ser compreendido como avesso a esses agrupamentos. Será nessa linha de pensamento coerente que nascem as ideias das “Vesperais Literárias”. Curioso notar também que Adelino Magalhães nunca se autoproclamou ou chamou para si o apanágio de percussor de Modernismo ou mesmo de autêntico modernista, mas fica evidente diante das escolhas feitas por determinados artigos em seu arquivo, de como desejaria de ser reconhecido por sua escrita singular e por seu papel no Modernismo brasileiro. Por sua figura

tímida talvez tenha, por modéstia, deixado a tarefa de ser definido por sua obra para os outros. Polido, não se envolvia abertamente em muitos debates.

Foi com surpresa que muitos receberam a notícia de que as tardes literárias na Biblioteca Nacional tinham sido pensadas pelo escritor. Sobre o assunto, Adelino Magalhães, em uma entrevista de 1953, afirma que, embora tenha vivido apartado da vida literária e longe das “igrejinhas”, não era contrário a elas, posto que representavam a reunião de elementos da mesma tendência; no entanto, elas são “censuráveis quando as lutas entre elas tomam a forma de mesquinhas lutas de acusações ou depreciações a outros grupos.”

Nessa mesma entrevista, Adelino Magalhães (1963) reafirma a necessidade de valorizar os escritores, levando mais uma vez em conta a importância de valorizar o passado, que sempre esteve no cerne das “Vesperais Literárias”. Para exemplificar, o autor traz para a conversa o nome de Coelho Neto, poeta e romancista símbolo do passado embolorado e que precisaria ser extinto:

Muita gente de seu tempo, achava o prestígio de Coelho Neto exagerado. Pela minha parte, apreciava o romancista do qual aliás recebi gentilezas, elogios amigos, coisa que naturalmente muito me sensibilizava. Atualmente, vejo com pesar uma campanha com fim de anular o valor do romancista de *Inverno em Flor*, o qual, a meu ver, tem qualidades estilísticas e de observação perfeitamente perduráveis.

Em outra entrevista encontrada no arquivo de Adelino Magalhães, em que o autor tece comentários sobre o sucesso das “Vesperais”, novamente enfatiza que não se importava de chamar para tomar parte das tardes festivas literatas que ele não conhecia ou que não eram simpáticos às suas obras. Para Adelino Magalhães, o interesse da cultura literária do país era mais importante do que qualquer picuinha entre grupos. Escreve, Magalhães (1963):

Só lhe tenho a dizer que tudo tenho feito para generalizar o movimento, chamando a colaborar nele até literatos que eu não tinha o prazer de conhecer, e sem indagar absolutamente se são ou não simpáticos às minhas três obras!...  
Isso me é indiferente... Acima de tudo está o interesse da cultura literária do país.

Tal fala de Adelino Magalhães assume um papel importante dentro do contexto das “Vesperais”, dentro também do que já se falou a respeito do grupo que tomar parte daquele acontecimento. Confirma-se a hipótese do não-grupo, ou seja, os atores que

tomaram parte das conferências muitas vezes não conheciam Adelino Magalhães, ou não se conheciam entre si.

Na mesma entrevista, Adelino Magalhães queixa-se que as conferências teriam tido maior sucesso se houvesse mais comprometimento da intelectualidade e, diz que nunca foi interesse dele fundar uma academia para duelar com a instituição oficial, a Academia Brasileira de Letras. Finaliza Magalhães (1963) sobre uma Academia dos Novos:

Academia dos Novos... Deus nos livre!  
Veriam logo uma hostilidade a Academia Brasileira de Letras (o que seria estapafúrdio) e a “prudência” seria bastante para nem se poder explicar os intentos superiores de uma solidariedade de moços que fazem uma arte com determinadas tendências.

Mais uma vez, as palavras de Adelino Magalhães corroboram o que vem se defendendo até aqui sobre as “Vesperais Literárias”, ou seja, que elas tinham o intuito de não deixar morrer os prosadores e poetas que fizeram parte da literatura nacional. Em nenhum momento, Adelino Magalhães propusera uma agremiação fechada; houve sempre a preocupação com a valorização dos escritores nacionais, independentes de correntes estéticas ou de grupos já consolidados.

### 3.3 A DIVULGAÇÃO DAS “VESPERAIS LITERÁRIAS”: OS PRIMEIROS HOMENAGEADOS

Em uma entrevista de 1953, Adelino Magalhães resume aquelas reuniões de 1921, dizendo serem elas como que

o fogo sagrado da legítima cultura nacional, sustentado, aliás por gente de valor, *novos e antigos*, sem nenhum preconceito de grupos e aliciando artistas e até cientistas de várias matizes intelectuais. *Novíssimos ombreavam com acadêmicos*, naquelas “festas de arte”. (grifos meus)

Isso significa que as tardes de 21 fomentariam as discussões sobre a cultura brasileira, sobre o nacionalismo e sobre o futuro do país. Elas se tornaram o aperitivo para o sonho maior de Adelino Magalhães que era o de pensar o país à luz da cultura nacional. Mesmo com a fundação do C.C.B., as “Vesperais Literárias” ainda continuariam a existir, eram a parte mundana e divertida do C. C. B.

Assim, com a realização das “Vesperais”, Adelino Magalhães testa seu arsenal bélico no campo literário no sentido de ideias literárias e no sentido de aceitação de

seu nome no campo de sociabilidade e de transição para que pudesse almejar algo mais substancial do que as palestras que poderiam ser erroneamente confundidas como meras conferências mundanas sem o valor ideológico que propunha dar a elas. Vale lembrar que as palestras de 21 foram elaboradas com perfil puramente literário, ao contrário do que se verá a respeito do C.C.B. quando as conferências artísticas se intercalavam com as questões sociais e políticas brasileiras.

A par de tudo isso, a primeira chamada na imprensa da época para as palestras que movimentariam o inverno carioca de 1921, apareceu na revista *Careta*, de 11 de junho de 1921. O título divulgado: “As palestras dos Novos”. Nessa primeira publicidade das “Vesperais Literárias”, o organizador das palestras e seus convivas são nomeados como “intelectuais dos mais modernos”. Fica claro que o adjetivo moderno aqui implica aqueles escritores que começaram a romper, em sua escrita literária, com a literatura predominante naquele momento, qual seja, a literatura que não tinha os rompantes modernistas que começavam a aparecer, como o rompimento com a rima e a métrica, novos procedimentos narrativos como, por exemplo, a narrativa fragmentada já realizada pelo próprio Adelino Magalhães anteriormente.

Nota-se também que o adjetivo “moderno” é usado como sinônimo de modernista; parece que para o jornalista os dois vocábulos têm a mesma concepção, já que o termo modernista para designar os autores que buscavam uma ruptura total com o velho modelo literário ainda não fazia eco; não levando em conta que o termo moderno aparece muito antes das vanguardas.

Os escritores modernistas eram aqueles que, em seus diferentes processos de ruptura, ora em maior, ora em menor grau de ousadia, buscavam um tratamento mais de acordo com o momento pós-Primeira Guerra Mundial, que havia deixado o mundo perplexo e assombrado, diante do poder destrutivo. Assim, o homem abria-se para um novo século. Portanto, mais do que ligado a um movimento específico, o moderno designava um tratamento linguístico, estilístico e literário às obras de arte. A nota, muito pequena, notícia que nas futuras conferências literárias seriam lidos os versos de Tasso da Silveira, Murillo Araújo e Raul de Leoni. Informa a revista:

O salão de conferências da Biblioteca Nacional vai dar a nota mais interessante e fina do inverno.

Para isso, alguns intelectuais dos mais modernos apoiando a iniciativa dos escritores José Vieira, Adelino Magalhães e Andrade Muricy estão organizando palestras literárias, nas quais serão divulgados trabalhos de escritores novos.

Nas primeiras dessas palestras, que serão iniciadas em julho, será lido um ligeiro estudo crítico sobre Hugo de Carvalho Ramos, o jovem e ilustre prosador recentemente falecido e recitados versos de Tasso da Silveira, Damasceno Vieira, Murillo Araújo e Raul de Leoni.

No entanto, durante a organização para as primeiras palestras, ficou decidido que só seriam homenageados escritores falecidos. Sendo assim, os versos dos poetas acima mencionados não foram lidos.

As “Vesperais Literárias” também são amplamente divulgadas na *Revista Fon Fon*, de 25 de junho de 1921. O mesmo tom de modernidade que se via em *Careta* era dado também nesse outro periódico. De diferente, apenas a ampliação dos nomes dos idealizadores como os de Barreto Filho e de Duque Costa e o local onde elas se realizariam, a Biblioteca Nacional.

Na edição de 25 de junho de 1921, de *Careta*, estão mais amplas as informações sobre as tão faladas palestras: a data de início é divulgada, 9 de julho bem como a divulgação da ampliação das atividades que contarão não somente com a leitura de poemas nas vozes masculinas mas haverá uma parte destinada a poetisas e escritoras femininas. Informa a nota:

Sendo dos Novos a festa, não podiam as nossas jovens poetisas e escritoras deixar de nela tomarem parte, e realmente, aceitarem com justa satisfação o convite que lhes era feito, de modo que também farão ouvir na declamação as senhoritas Ernestina Lobo, Maria Sabina, Hebe Cunha e Nair F. de Oliveira.

Nota-se que a primeira ideia do grupo era que fossem lidos também produções de escritores que estavam sendo considerados modernos. No entanto, como se verá nas próximas notas, o programa mudará e somente foram lidos trabalhos em homenagem a poetas já desaparecidos.

Após a notícia do dia 25 de junho, há um intervalo entre este e o dia 23 de julho, quando a *Revista Careta* informa sobre o sucesso que estavam tendo as conferências literárias de Adelino Magalhães e que mais uma conferência iria ser apresentada, no próximo dia 30 de julho.

Os Novos que com a iniciativa do escritor Adelino Magalhães organizaram os torneios literário deste inverno na sala de conferências da Biblioteca Nacional anunciaram para a tarde do dia 30 uma patriótica homenagem a poetas mortos. Serão estudadas as individualidades de B. Lopes, Augusto dos Anjos, Mário Pederneiras e Adolfo Caminha.

As senhoritas Margarida Lopes de Almeida, Brizita, Vera Santoro, Grizella Costa Macedo, Maria Sylvana Santos Pires e Zaira Aguiar dirão versos desses poetas

Não obstante haver o risco de querer se enfatizar a tendência de escolher determinados nomes em detrimentos de outros, essas escolhas não podem ser ignoradas, pois todas as seleções pressupõem deixar de lado outras tantas, por não serem elas aleatórias e muito menos ingênuas.

O que se presencia é a escolha de três poetas simbolistas que remete a duas questões importantes: a primeira diz respeito ao fato que o grupo de Adelino Magalhães é, mais tarde, considerado como neo-simbolista de fundo espiritualista em torno da revista *Festa*. Mesmo que Adelino Magalhães fuja a rótulos e à formação de agrupamentos, não dá para negar certo vínculo dele com os seguidores dessa vertente estética. Fecha a seleção Adolfo Caminha, o escritor de *Bom Criolo*, representante do naturalismo, estética que perdia força desde os primeiros anos do século XX. Caminha traz para as primeiras “Vesperais Literárias” o sopro do passado, que seu grupo idealizador não gostaria que fosse esquecido. Ele é a voz destoante, posto que não era considerado simbolista como os demais nomes escolhidos, mas que também construíra a trajetória literária brasileira de valor, de acordo com o julgamento de Adelino Magalhães, e, portanto, não deveria ser esquecido ou mesmo depreciado. E como já disse Adelino Magalhães, as “Vesperais Literárias” não descrimaram nenhum escritor.

Sobre essa mesma vesperal, isto é, a do dia 30 de julho, a revista *Fon Fon*, de número 31, de 1921, traz a mesma nota informando os nomes dos intelectuais que discorreriam sobre cada autor a ser estudado. Assim, o escritor anarquista José Oiticica falaria sobre Augusto dos Anjos, Brenno Arruda discorreria sobre Mário Pederneiras e Rodolpho Machado comentaria a obra de B. Lopes. Infelizmente, nenhuma das palestras desse dia pode ser localizada, no arquivo de Adelino Magalhães, excetuando a que homenageou Mário Pederneiras que foi publicada na íntegra pela mesma revista *Fon Fon*. Nessa palestra houve uma mudança na programação: Brenno Arruda fez sua palestra sobre Adolfo Caminha e Claudio Gans falou sobre Raul Pederneira.

Aliás, não existe um arquivo das palestras proferidas naquelas “Vesperais” a não ser quando há certo envolvimento afetivo entre a palestra realizada e algum meio de comunicação, como no caso de Pederneiras ou quando o palestrante as reúne por conta própria, o que aconteceu com Mário Vilalva, que compilou suas conferências em um livro. O

fato de não haver o arquivamento das primeiras “Vesperais Literárias” torna o trabalho de preenchimento das lacunas um tanto quanto árduo, deixando muitas em branco.

Embora isso seja uma perda, pode-se supor que, por sua característica, as “Vesperais Literárias” tinham a finalidade de homenagear vultos falecidos e considerados importantes para Adelino Magalhães dentro da historiografia literária. Elas também ofereceram um panorama importante de parte da história cultural brasileira, bem como, entender como elas foram importantes para o projeto maior do escritor, pois das “Vesperais Literárias” nasceria o C.C.B.

É interessante notar que ao mesmo tempo que Adelino Magalhães fazia suas “Vesperais” literárias homenageando os poetas mortos, em outro local público, no Fluminense Football Club, o aclamado escritor Coelho Neto fazia uma festa artística contrapondo-se a da Biblioteca Nacional. Na vespéral de Coelho Neto, o poeta homenageado era Guilherme de Almeida. Mesmo não podendo dizer que o poeta tenha sido um grande realizador da proposta modernista, o fato é que ele tentou. Assim, mais uma vez o que se vê é que grupos aparentemente antagônicos podiam conviver pacificamente entre si. São os interesses de permanente evidência no campo literário e a vontade de reconhecimento e prestígio que contribuem para esse jogo menos literário do que político.

A próxima chamada foi a de 13 de agosto e chamava para o encontro de 20 de agosto. Essas “Vesperais Literárias” parecem ter sido realizadas nos mesmos moldes das anteriores. Figuravam nomes mais tradicionalistas, representados por Francisca Júlia, ao lado dos nomes de Gonzaga Duque e Cruz e Souza, comentado por Tasso da Silveira, mais de acordo com os pressupostos inovadores. Segundo a chamada, “o grupo de jovens intelectuais que dirige com o escritor Adelino Magalhães à frente as homenagens aos nossos escritores mortos organizou para a tarde de 20 mais uma festa literária.”

As próximas “Vesperais Literárias” de que se têm notícias ocorreria em 03 de setembro de 1921. O formato continuava o mesmo e os poetas homenageados seriam Marcello Gama, Auta de Souza, Antonio Lobo e Alphonsus de Guimaraens. De novidade surge a figura de Jackson Figueiredo, crítico literário de militância católica. A amizade entre ele e Adelino Magalhães levou muitos a julgarem erroneamente a vinculação católica do último. Vale ressaltar, uma vez mais, que Adelino Magalhães nega qualquer envolvimento ideológico quer no campo político quer no campo espiritual.

Por fim, nas edições de número 692, de 24 de setembro de 1921 e de número 693, de 01 de outubro de 1921, o que se vê são as últimas notas a respeito das “Vesperais Literárias” que foram realizadas com grande sucesso de público no Rio de Janeiro.

Ambas as notas são recheadas de elogios ao seu idealizador e a todos que participaram quer como palestrantes, quer como homenageados quer, ainda, como público que tornou possível tamanho evento. Nessas duas notas finais, maiores do que as outras anteriores, há um balanço geral do que foram realmente as “Vesperais Literárias”, ou seja, que espírito os donos da festa quiseram imprimir naqueles encontros festivos.

Vale salientar que a insistência pelos adjetivos “novos” e “modernos”, que sempre acompanhavam os nomes dos realizadores das palestras, corresponde à imagem que eles próprios queriam passar a de modernos mas que, no entanto, não esqueciam do passado. Isso posto, percebe-se que, tanto para Adelino Magalhães quanto para os demais organizadores, o peso do passado literário não incomodava, uma vez que, para eles, o reconhecimento desse passado não precisaria necessariamente rimar com atraso e com isso puderam fazer uma visita menos corrosiva a ele.

A nota do dia 24 de setembro, dia da última palestra, demonstra a necessidade da continuação de tão importante evento. O texto traz pontos que merecem destaque: o primeiro diz respeito às homenagens aos poetas de linhagem simbolistas, que por sua importância, não deveriam nem poderiam ser esquecidos; o segundo momento ressalta a importância da tradição literária que, mesmo distante das novidades pungentes, merecem consideração; o terceiro ponto talvez seja o mais emblemático daquilo que se vem mostrando ao longo dos estudos das “Vesperais Literárias”, do grupo de Adelino Magalhães e das redes de sociabilidade dos literatos do Rio de modo geral, qual seja, o trânsito de todos esses atores pelos diversos espaços públicos e privados por eles compartilhados. Diz a nota:

Além disso, pondo-se de parte, Adelino apresentou ao grande público raras organizações literárias de moços, de novos verdadeiramente como Murillo Araújo, Tasso da Silveira, Perillo Gomes, Andrade Muricy, após outros mais velhos, muito dos quais já sobejamente conhecidos do público que se interessa por essas coisas.

Chega-se, por fim, à última nota, e se dão por encerradas as tardes literárias da Biblioteca Nacional. Elas só retornariam a acontecer no ano de 1923, quando se inaugura oficialmente o C.C.B. Nesse contexto, as “Vesperais” tornaram-se um evento dentro dessa agremiação, cujo programa não só abrangia o campo literário, mas a cultura nacional, de modo bastante amplo.

Como não houve um programa impresso sobre essas primeiras palestras, fiz um quadro de caráter didático para que cada uma delas ficasse mais bem visualizada.

*VESPERAIS LITERÁRIAS - 1921*

LOCAL: SALÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL

AOS SÁBADOS, às 16 HORAS

30/07/1921	B. Lopes – Rodolfo Machado Augusto dos Anjos – José Oiticica Mário Pederneiras – Cláudio Gans Adolfo Caminha – Breno Arruda Hugo de Carvalho Ramos
20/07/1921	Francisca Júlia Gonzaga Duque – Murillo Araújo Cruz e Souza – Tasso da Silveira
03/09/1921	Marcelo Gama Auta de Souza Antônio Lobo Alphonsus de Guimaraens
24/09/1921	Ferreira de Araújo – Mário José de Almeida

Seria necessário, em outro momento, uma pesquisa que pudesse tentar localizar, ao menos em parte, essas primeiras palestras de 1921. O que sobrou desse passado foram as notas referentes a elas nas revistas da época; elas são mencionadas também quando o assunto é o C.C.B. Outro ponto que merece destaque é que não houve nas “Vesperais Literárias”, de 1921, a impressão dos programas-conferências que haveriam nas de 1923 a 1926.

Disso parece acertado dizer que Adelino Magalhães talvez não esperasse que elas obtivessem o sucesso que tiveram. Como se viu na biografia do autor, Adelino Magalhães já tinha tentado organizar algumas conferências que não foram muito bem recebidas. Assim, em 1922, quando esse mesmo grupo oferece um curso de literatura brasileira, também na Biblioteca Nacional já se pôde encontrar nos arquivos de Adelino Magalhães o programa formalmente impresso.

Então, o sucesso das “Vesperais Literárias” sugere que elas tenham dado um fôlego ao escritor que as idealizou, proporcionando uma ampliação de suas expectativas que seria o C.C.B.

### 3.4 AS REUNIÕES DAS “VESPERAIS LITERÁRIAS” DE 1921: O COMEÇO DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA

De acordo com Nestor Vítor (1972, p. 451), que de perto pôde sentir o clima das “Vesperais Literárias”, este foi assim descrito por ele:

O salão tem ficado cheio, tão cheio que é preciso chegar-se antes das quatro para obter bom lugar. Boa parte do elegante Botafogo tem estado ali de pé firme, dando a tudo a graça incomparável que só o elemento feminino é capaz de dar.

Já se vê que devem os rapazes, em grande parte, o sucesso alcançado principalmente a serem essas “vesperais” presididas, ora por D. Ângela Vargas Barbosa Viana, ora pela senhorita Margarida Lopes de Almeida, as duas exímias intérpretes que todo o Rio admira. Elas presidem e colaboram, pessoalmente e com suas discípulas, nessa obra de justiça e cultura.

Pelo que se pode deduzir, as palestras não tinham um ambiente muito formal, embora elas se fizessem nos salões nobres da Biblioteca Nacional. Isso pode caracterizar-se por elas terem ainda um certo caráter mundano existentes no salões literários da época. A presença feminina e de crianças, como se pode ver nas fotos do arquivo de Adelino Magalhães, demonstram que, mesmo a contragosto, essas primeiras “Vesperais Literárias” ainda estariam muito próximas, quanto ao seu caráter, ao que ocorreria nos entretenimentos. Sobre elas, Adelino Magalhães conta que o objetivo era fazer com que as pessoas desenvolvessem o gosto pelas letras brasileiras, “De fato, a notícia dos recitais vem despertando interesse, tanto mais que eles têm um objetivo superior, tal seja estimular o gosto da nossa elite social pelas letras nacionais” (MAGALHÃES, 1921).

Como foi dito anteriormente, essas primeiras “Vesperais Literárias” não tiveram um programa-convite, como aconteceu com os recitais dos anos posteriores, já vinculados ao C.C.B. Essas “Vesperais Literárias” funcionaram como um ensaio do que Adelino Magalhães almejava que fosse realmente a celebração da cultura nacional. Assim, como também já ressaltado, o autor não imaginou que as conferências fossem alcançar sucesso sendo propostas de última hora e sem um programa a ser seguido.

Murillo Araújo (1956), escrevendo sobre os 50 anos de *Casos e Impressões*, para o *Correio da Manhã*, também comenta sobre como foram as “Vesperais Literárias” de 1921. Diz ele

Por volta de 1921 encetou ele o grande movimento espiritual que foram as Vesperais da Cultura Brasileira. Eram cursos de literatura realizados com larga publicidade e casas repletas. Eram apresentações de poetas novos ou evocações de autores mortos feitas pelos jovens autores. De uma delas, em que fui incumbido de falar sobre Gonzaga Duque, desaparecido havia dez anos, resultou mesmo o meu casamento com a filha do grande mestre simbolista.

Inúmeros poetas e prosadores brilharam nessas festas da inteligência. Um apenas se omitiu e se anulou: o seu criador e animador – Adelino Magalhães.

Em seus cadernos-arquivos, perdidos em meio a muitos recortes, há uma entrevista na qual Adelino Magalhães faz o balanço, ainda que tímido, do que foram aquelas primeiras “Vesperais Literárias”. A entrevista pode ser considerada bastante rara, uma vez que são pouquíssimas as narrativas referentes ao acontecimento de 1921, e mais raro ainda foi encontrar uma entrevista do autor sobre as “Vesperais”. Mais comuns são as notícias das “Vesperais” e do C.C.B. após o ano de 1923.

Por ela pode ter-se a noção do que o escritor almejou quando as planejou. Há também a possibilidade de tentar localizar, em seu arquivo, as palestras, senão todas, pelo menos algumas. Isso só será possível com um tratamento adequado do arquivo.

Na entrevista intitulada “As Vesperais Literárias – A nova geração e verdadeiro conceito da nossa finalidade intelectual” – provavelmente de 1925, Adelino Magalhães referiu-se a elas como a “5ª série de vesperais”, considerando-se que as primeiras foram em 1921. Antes do início da entrevista, o jornalista responsável por ela traça o cenário em que foram realizadas.

O povo carioca está lembrado do ruidoso e merecido êxito que tiveram ano passado, as vesperais literárias e artísticas organizadas por Adelino Magalhães. O sucesso obtido prova que não há indiferença do povo pela nossa literatura, dado que se trate de ativá-lo sem preocupações exclusivistas e de prestar homenagem àqueles que as merecem

O jornalista, ao elogiar a iniciativa de Adelino Magalhães, chama a atenção para o uso de dois adjetivos muito em uso naquela época: passadista e futurista. Por passadista pode ser entendida toda estética considerada envelhecida, como o Parnasianismo, e, por futurista, antes de serem denominados modernistas os novos eram assim considerados, pode

ser entendida como uma estética renovada, longe dos padrões rígidos parnasianos. Para que não haja desconforto entre ambos os grupos, uma vez que Adelino Magalhães não queria que houvesse separação entre o novo e o considerado antigo, o jornalista comenta “O talento não é passadista nem futurista. É mais do que isso. É eterno”.

Para as novas vesperais, Adelino Magalhães continua ressaltando a independência ou qualquer vínculo com um grupo específico.

Será, a deste ano, a 5ª série das vesperais que tenho tido a honra de organizar, de colaboração com intelectuais de valor e desejo realçar tal verdade – sem a menor tendência de grupelhos literários.

Nenhum espírito que se preze deve concorrer para a confusão de valores, ou pra a apreciação tribal deles: isto é, não deve agrupar valores em falsos ou reais, conforme pertençam a tal ou qual “tribu”, chefiada por esse ou aquele pajé.

Adelino Magalhães mantém nesse depoimento o mesmo perfil daquele que já foi enfatizado, qual seja, de que ele chamou para tomar parte dos recitais intelectuais novos e velhos, bem como os homenageados pertenciam a diferentes escolas literárias. Adelino Magalhães continua fazendo seu balanço explicando por que teve a intenção de realizar essas palestras. Segundo o autor isso se deu quando, em 1920, percebeu como o passado literário estava sendo tratado.

Numa entrevista que tive a honra de dar à “A Pátria”, em 1920, antes de iniciar as primeiras vesperais, referia-me eu ao menosprezo em que eram tidos alguns dos nossos maiores poetas, tais como Cruz e Souza, Augusto dos Anjos, Mário Pederneiras, Auta de Souza, Gonzaga Duque, B. Lopes, etc.

Adolfo Caminha não se vendia; Gonzaga Duque era “torrado” por 500 reis, no Alves; B. Lopes não se editava mais como Cruz e Souza; um escritor moço, Carvalho Ramos, suicidou-se e os jornais noticiaram a morte do “jovem advogado”.

O suicídio de Hugo de Carvalho Ramos provoca forte abalo no escritor e o leva a fazer a primeira palestra, como se pôde ver, em sua homenagem. Em seguida, Adelino Magalhães enfatiza que sozinho não teria tido tanto êxito, pois foram os amigos e o grupo feminino que recitavam os versos que deram um toque a mais de encanto àquelas tardes.

Logo, na primeira investida tive Pereira da Silva, o aplaudido autor de “Beatitudes”, sempre solícito para as campanhas nobres! Tive ainda Murillo Araújo, o poeta novo, campeão destemido do Modernismo, desde aquele tempo; tive Tasso da Silveira, generosa alma moça e um dos mais lindos espíritos da geração; tive Viriato Corrêa, o João do Norte, o Lima Barreto...

Ainda na mesma entrevista, toma parte Murillo Araújo que junto com Adelino Magalhães, idealizou as “Vesperais Literárias”. Do mesmo modo que Magalhães enfatizara a presença dos passadistas sem menosprezo às suas ideias, Araújo também considerava como importante esse ponto que permeia todas as palestras. Isso demonstra que ambos, embora fizessem parte de uma nova geração que começava as novas experimentações estéticas, não tinham qualquer problema com a valorização do passado literário brasileiro. De acordo com Murillo Araújo, as “Vesperais Literárias” primavam por “um caráter brasileiro antes de tudo. A modernidade sem o menosprezo do passado, esse nosso passado tão curto e novo que quase chega a ser presente.”

Murillo Araújo confirma que houve realmente o Curso de Literatura Brasileira, em 1922, em comemoração ao centenário da Independência. Existe arquivado somente o programa do curso que também foi realizado na Biblioteca Nacional, mas nada mais pôde ser encontrado a respeito dele, nem no arquivo de Adelino Magalhães nem na Biblioteca Nacional.

Disso pode ser apreendido que as “Vesperais Literárias” foram muito importantes para que Adelino Magalhães pudesse colocar seu nome entre os intelectuais que se importavam em pensar a literatura brasileira. Serviram para que Adelino Magalhães fosse visto não apenas como um autor imoral, pornográfico ou mesmo um escritor em sintonia com as novas experimentações estéticas, devido à inovação de seus contos.

Do mesmo modo, as “Vesperais Literárias” indicam que para Adelino Magalhães os rompantes modernistas estavam longe de suas preocupações. Para ele, não haveria a necessidade do distanciamento do passado. Sobre isso, a questão do Modernismo e da Modernidade, para Adelino Magalhães não estava ligada às vanguardas ou às suas experimentações. Conquanto o autor não tenha discorrido sobre o tema, não é impossível afirmar, tendo em vista do que foi dito sobre a seleção dos nomes para as “Vesperais”, que Adelino Magalhães apreciava a boa literatura. Cabendo aqui um importante argumento sobre o papel do escritor naquele momento específico.

Embora modernidade e vanguarda não sejam sinônimos, a vanguarda, no entanto, não pode ser pensada fora do quadro de uma sociedade moderna política e economicamente. A vanguarda é uma função possível da modernidade do século XX e seu traço definidor deve ser buscado na consciência que o artista tem do próprio papel histórico ( FABRIS, 1994, p. 18).

O que fica das “Vesperais Literárias” é a vontade de Adelino Magalhães em valorizar a cultura nacional por meio da literatura. Será no C.C.B. que se poderá perceber ainda mais o caráter nacionalista do escritor. Portanto, as “Vesperais Literárias” colocam o escritor ainda mais em evidência como intelectual comprometido com a cultura nacional. E a partir delas e por seu viés sem preconceitos por nomes e estilos, que seria possível a nova investida de Adelino Magalhães.

## CAPÍTULO 4

### CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA

#### 4.1 ANTECEDENTES DA FUNDAÇÃO DO C.C.B.

Terminado o ano de 1921 e com ele as aventuras das “Vesperais Literárias”, o que havia pela frente na vida profissional de Adelino Magalhães era a possibilidade de uma nova publicação. A promessa realizou-se como aparecimento de *Inquietude*, em 1922, com a tiragem de mil exemplares. O livro seria o penúltimo de uma série de narrativas experimentalísticas e ousadas que começaram em 1916 e se encerrariam em 1926, com *A Hora Veloz*.

As ideias das “Vesperais” se transformaram em um curso de Literatura, também realizado nos salões da Biblioteca Nacional. Pelo que se pôde perceber, por meio da análise do arquivo do escritor, o curso não teve muita repercussão. Adelino Magalhães não apresentou em seus cadernos-arquivos nenhuma notícia referente ao evento, limitando-se a guardar somente o programa das conferências.

O “Curso de Literatura” teve um programa próprio e iniciou-se em 21 de setembro e finalizou-se em 10 de novembro de 1922. O curso seria sempre às quintas feiras, no salão do Centro Paulista. O programa-convite indicava que o evento era “organizado por um grupo de intelectuais da moderna geração (críticos literários, poetas, jornalistas, pensadores e romancistas) sob a direção do escritor Adelino Magalhães.”

As conferências tiveram como propósito estudar a história literária brasileira desde a fase quinhentista e seiscentista até a fase simbolista. O programa contava também com conferências sobre a literatura teatral, a literatura paulista e o novo espírito da literatura brasileira.

As conferências foram divididas em:

#### **1ª vespéral – (21 de setembro)**

Fase quinhentista e seiscentista – Austregesilo de Athayde

Gregório de Matos – Agripino Grieco

Mathias Aires – Cláudio Ganns

#### **2ª vespéral ( 28 de setembro)**

Escola Mineira. Basílio da Gama e Durão – Victor Vianna

Marília, Moema e Lindoya – Povinas Cavalcanti

O espírito literário dos jornalistas brasileiros – José Felix

**3ª vesperal (05 de outubro)**

Fase romântica (os principais romancistas) – Brenno Arruda  
 Manoel de Almeida – José Vieira  
 Macedo, Alencar e Machado de Assis, cronistas – Fenelon Lima

**4ª vesperal (12 de outubro)**

Fase romântica (os principais poetas) – Pereira da Silva  
 A Literatura feminina no Brasil – Gilka Machado  
 Hypollito, Evaristo, Pratócínio e Quintino – José Guilherme

**5ª vesperal (19 de outubro)**

Fase naturalista – Viriato Corrêa  
 O regionalismo – Mário Hora  
 Alberto Torres e o nacionalismo – Porphyrio Soares Netto

**6ª vesperal (26 de outubro)**

Fase parnasiana – Andrade Muricy  
 A crônica no último trilhênio – Horácio Cartier  
 De Tobias a Farias Brito – Oswaldo Orico

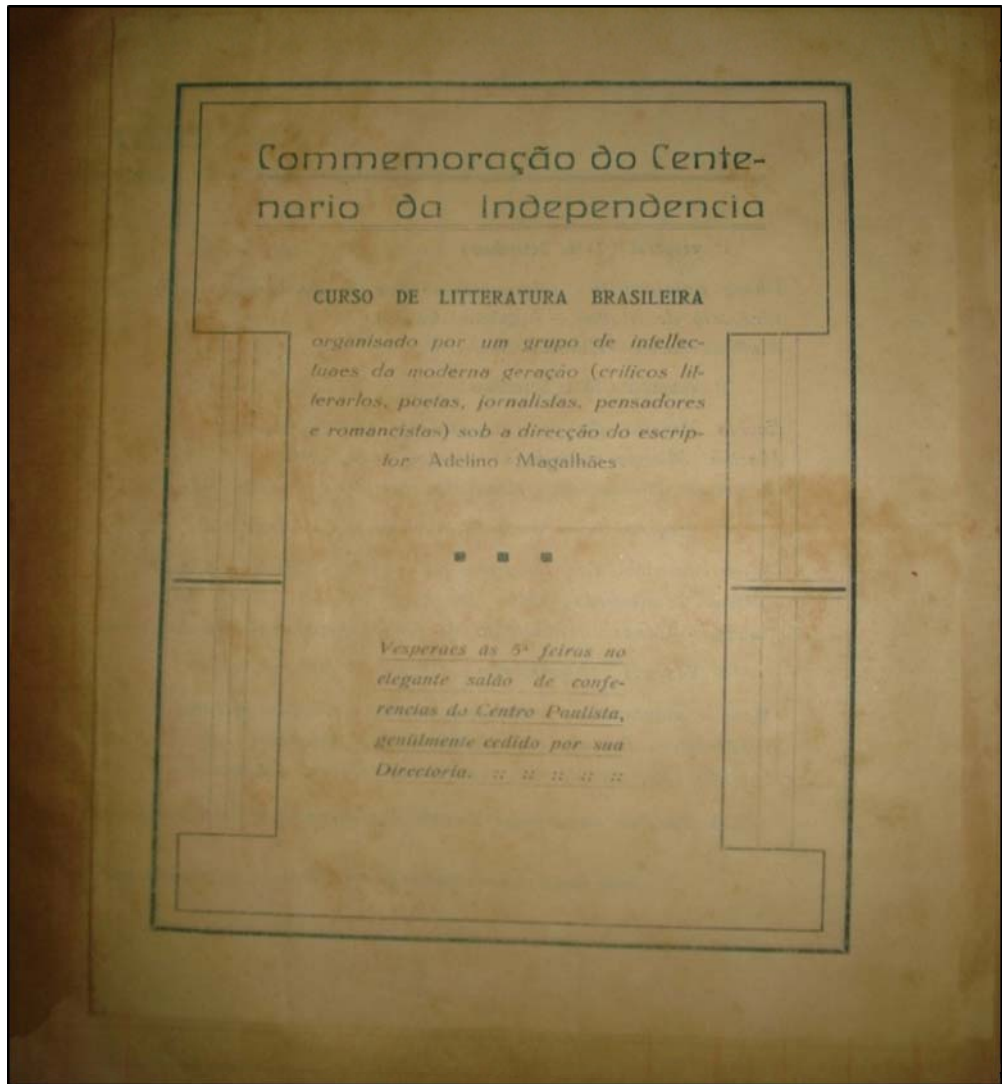
**7ª vesperal (03 de novembro)**

Fase simbolista – Tasso da Silveira  
 A arte nova de Cruz e Souza e Augusto dos Anjos – Américo Facó  
 Psico-patologia dos heróis de Pompéia e Caminha – Henrique Roxo

**8ª vesperal (10 de novembro)**

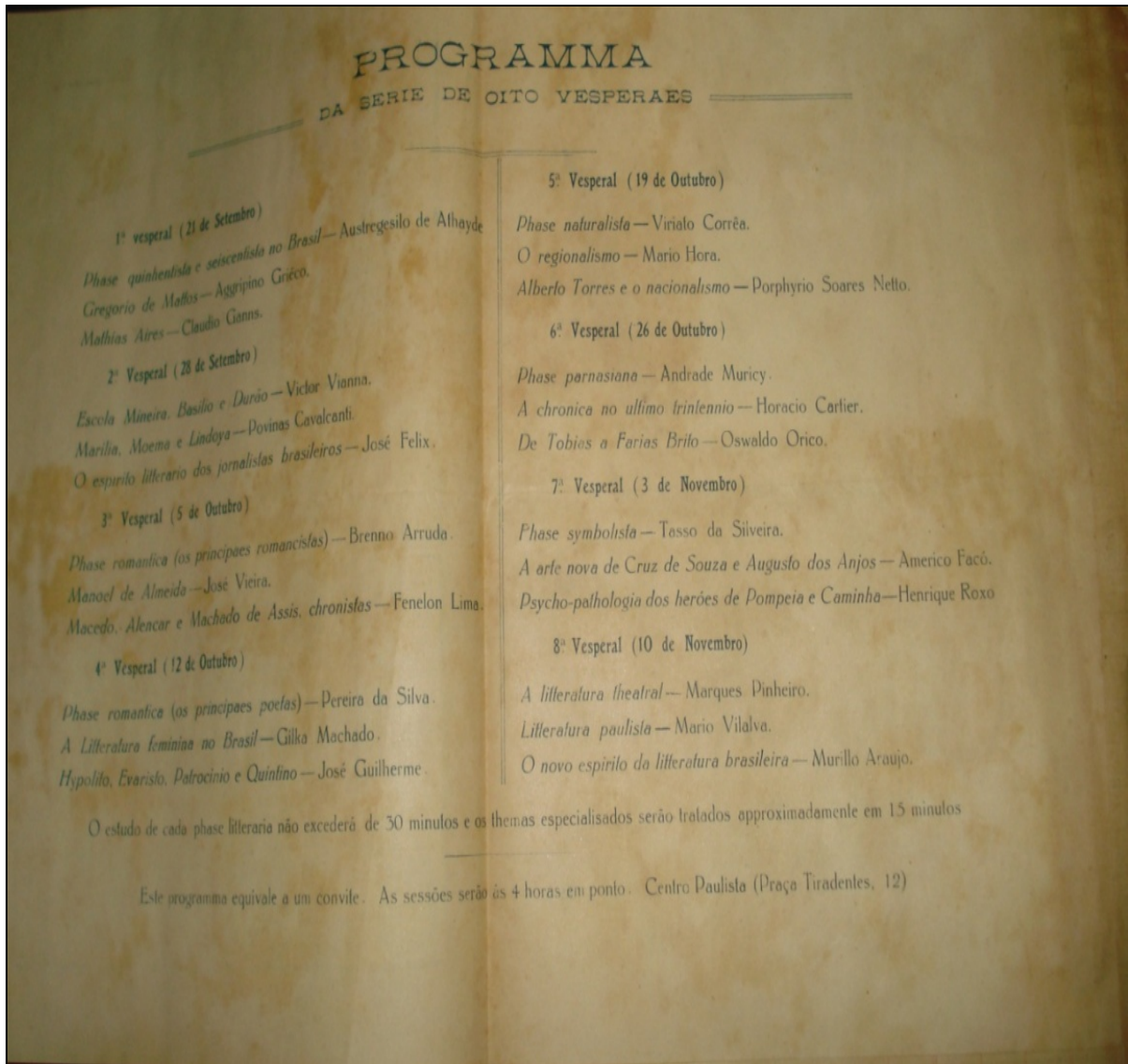
A literatura teatral – Marques Pinheiro  
 Literatura paulista – Mario Vilalva  
 O novo espírito da literatura brasileira – Murillo Araújo

**Figura 1** – Capa das conferências do “Curso de Literatura” realizadas em 1922, por ocasião das Comemorações do Centenário da Independência.



**Fonte:** Arquivo Adelino Magalhães

**Figura 2** – Programa do “Curso de Literatura”, promovido pelo grupo de Adelino Magalhães, em 1922, por ocasião das comemorações do Centenário da Independência



**Fonte:** Arquivo Adelino Magalhães

Portanto, a ideia das novas palestras prometidas ao fim das “Vesperais Literárias”, no ano anterior, manteve-se em banho-maria durante todo aquele ano. Para Adelino Magalhães, o ano de 1922 não teve o significado modernista como teve para muitos. Excetuada a publicação de seu novo livro e o fato deste ter sido ignorado pelos símbolos considerados oficiais do novo movimento, o ano serviu para o escritor como a fermentação de suas novas preocupações: a questão da nacionalidade.

As experimentações estéticas de Adelino Magalhães já eram conhecidas desde seu primeiro livro e o que poderia ser novidade para muitos, em 1922, já estava sendo feito desde as primeiras décadas do último século. Com isso, a preocupação do escritor

voltava-se então para a nacionalidade e seu tratamento. Até daria para supor que Adelino Magalhães estivesse sempre um passo à frente: ousadas em 1916, quando Mário de Andrade ainda era Mario Sobral de *Há uma gota de sangue em cada poema* e nacionalista, anos antes de movimentos como o verde-amarelo ou qualquer outro de cunho nacionalista em busca de identidade nacional.

Na verdade, a nacionalidade de Adelino Magalhães não se vinculava apenas e tão somente ao aspecto do fazer literário, aquele que incluía a vontade de nacionalizar a literatura com temas diretamente ligados à questão da brasilidade com assuntos e linguagem nacionais. Com efeito, o que Adelino Magalhães propunha era ligar o pensamento nacionalista a algo mais concreto para valorização do nacional, o que poderia ser feito por meio das ações conjuntas entre a política e a educação.

A política seria visada ao longo da vida de C.C.B com muitos memorandos e recomendações aos Poderes Legislativo e Executivo; e a educação seria a porta de entrada para a construção de um povo que valorizasse o que era autóctone. Vale lembrar que a profissão de Adelino Magalhães era a de professor de História e Geografia, profissão em que viria a se aposentar. Assim, as ações afirmativas educacionais faziam parte do cotidiano do autor e, acrescentando-se, muitos dos seus colegas professores foram integrantes do C.C.B. Todas essas preocupações estarão bem expostas nas futuras diretrizes do C. C. B, como poderá ser visto na apresentação das atas.

A questão da construção da nacionalidade ganhou um debate muito amplo na Primeira República, que se inicia com a Proclamação em 15 de novembro de 1889 até a Revolução de 1930. Sobre isso é importante frisar que as atividades iniciadas logo após o ano limite de 22 e que terminou em 1927, três anos antes da Revolução e um ano antes do fim definitivo do periódico *Festa*, foram de grande importância para o C.C.B..

O pensamento de Adelino Magalhães não estava focado na construção da nação brasileira alicerçada em três raças ou em “três raças tristes” alardeadas com muita veemência nas duas primeiras décadas do século XX. Pelo que se pôde entender pelas atas e jornais, não era intenção da agremiação sistematizar um estudo sobre a formação do povo brasileiro, como ocorreu mais tarde com Oliveira Vianna, em *Evolução do povo brasileiro*; Caio Prado Jr., em *Evolução política do Brasil*; Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*; Gilberto Freyre, em *Interpretação do Brasil*; Raimundo Faoro, em *Os donos do poder*; Florestan Fernandes, em *A revolução burguesa*; Clovis Moura, em *Rebeliões da senzala*; Celso Furtado, em *Brasil: a construção interrompida*.

O C.C.B. aparentemente buscou ações mais pontuais e imediatas que visavam, sobretudo, o reconhecimento da tradição na formação da cultura brasileira, bem como a valorização da língua e da cultura nacionais. Assim, em que perspectiva poder-se-ia enquadrar o C.C.B., uma vez que ele não sistematizou seus estudos, e restaram para a sua compreensão apenas suas atas e recortes de jornais organizados ao longo dos anos de sua existência pelo seu fundador? A resposta está nas reflexões tiradas das adormecidas páginas de seu arquivo, de onde a ideologia daqueles que participaram do C.C.B. pode ser pouco a pouco desnudada. Ainda que as respostas sejam suposições, sempre com a sombra incômoda da dúvida, vê-se aqui a grande importância do estudo do arquivo de Adelino Magalhães. Certo é que o afastamento no tempo colabora com as várias possibilidades de conclusão, que poderão ser esclarecidas e complementadas com outros materiais e outras tantas intervenções.

Para entender os ideais do C.C.B. é fundamental que sejam evitados dois mitos que giram em torno da figura de Adelino Magalhães: as crenças de que escritor se submeteu a uma ideologia nacionalista católica, presente nas primeiras décadas do século passado, ou à ideologia espiritualista da revista *Festa*. Ressalta-se, assim, que embora Adelino Magalhães estabeleça relações sociais com Jackson de Figueiredo, representante do catolicismo, e tenha participado com assiduidade do grupo de *Festa*, ele mantém uma postura independente desses dois polos.

O rótulo de católico dado a Adelino Magalhães deve-se ao fato de que posteriormente, já nos anos de 1930, ele se aproxima bastante do espiritualismo cristão. A sua produção literária, nesse período, torna-se obsoleta perto dos livros fortes e marcantes dos anos anteriores. No livro *Marcos da Emoção*, de 1935, o autor versa sobre diversos temas divididos em história, arte, mundo atual, Brasil e vida. Neles, Adelino Magalhães vai colocando seus pensamentos, lembranças e reflexões. Com a leitura, verifica-se uma mudança de postura diante da vida, quase não se reconhece o jovem Adelino Magalhães por tanto tempo taxado de imoral, boêmio e inovador nas duas primeiras décadas do século XX.

Em *Marcos da Emoção*, o que se vê é um homem introspectivo e pessimista, voltado a certo misticismo religioso. Seu mentor intelectual e amigo íntimo Nestor Victor, a quem dedicou o livro, desaparecera em 1932; o “Grão-Turco”, loja do pai e ponto de encontro dos intelectuais para conversas, acabara de baixar, pela última vez, as suas portas, depois de perder a clientela em razão dos rumos econômicos e políticos impostos pela Revolução de 30. O Sr. Augusto Magalhães viria a falecer logo em 1931, com problemas cardíacos, no Sanatório do Botafogo. Não havia também as reuniões na porta da Garnier, as palestras no Silvestre ou as sociabilidades no Café Belas Artes.

Desse modo, a literatura que surge desse estado de espírito é muito intimista e sem nenhuma inovação ou angústia estética. Como conta Xavier Placer (1963, p. 20):

Literalmente, vem o ciclo que vai de *Os Marcos da Emoção* a *Quebra-Luz*: menos renovadora, mais poética, surge de Adelino, sobretudo literatura intimista, reflexo de sua nova situação. Adaptou-se perfeitamente a essa existência, tal fosse meta almejada.

Por isso, ou seja, mais por essas reviravoltas próprias da vida de qualquer ser humano e menos pela influência de Jackson da Silveira, uma vez que este já havia falecido em 1928, ano em que Adelino Magalhães publicou *Câmera* e surgiu a segunda edição de *Casos e Impressões* e ainda havia atividades da revista *Festa* e ele frequentava a vida boêmia nos cafés cariocas, é que Adelino Magalhães tenha tornado-se mais melancólico a partir da década de 30.

Os apontamentos e as considerações presentes em *Marcos da Emoção* mostram uma nova tomada de posição e de ideias do homem e do escritor. A atitude de viés muitas vezes religioso, por conta das invocações de “Hosanas”, “Deus”, “Evoé”, fez transparecer que Adelino Magalhães sempre tivesse tido ligação com a Igreja, esquecendo-se de considerar sua produção e suas atividades literárias entre a primeira década e a seguinte do século XX.

No entanto, o trabalho de Adelino Magalhães vai muito além de questões religiosas. Seu interesse maior sempre foi a elaboração de um projeto de cultura nacional, que aparece no cerne do movimento das ideias nacionalistas dos encontros de 1921 e no programa do C.C.B. Em um artigo da revista *Nação Brasileira*, de 1956, há um ligeiro e único estudo feito sobre o C.C.B. Nele, a questão de ser nacional e nacionalista é, o tempo todo, resgatada no intuito de estabelecer corretamente qual era o objetivo primeiro da agremiação. Diz o texto:

Não eram jamais vãs as sessões: discutia-se sempre coisa séria, apresentavam-se propostas úteis, projetavam-se cópias de memorando de interesse geral para a cultura e a vida nacional, delineavam-se os múltiplos programas da semana, comemorações, etc. há de quando em quando um tumultozinho, mas a constante presença do elemento feminino não deixava a coisa azedar... – O Centro era nacionalista, em uma época que ser nacionalista era perigoso e ridículo, atendendo ao enorme prestígio econômico do alienígena em nosso país inclusive na imprensa.

Percebe-se, portanto, que os intelectuais brasileiros do C.C.B repudiavam o elemento estrangeiro, do mesmo jeito que repudiavam pensar o país em consonância com a mentalidade européia.

O modernismo e o nacionalismo estão fortemente presentes nos debates intelectuais até 1929 e, de acordo com Ângela de Castro Gomes (2004, p.72), essa “questão, inclusive, ganha contornos particulares se observarmos que é no período dos anos 1920 que a interlocução Rio – São Paulo é assumidamente aberta.” Embora esse trabalho de Gomes faça parte de um outro recorte, da revista *Festa*, não deixa de ser interessante apontar que o C.C.B, dos quais muitos participantes migraram para o periódico mencionado, funcionou no Centro Paulista, fundado no Rio de Janeiro, em 1907, com respaldo do governo estadual. Lá aconteceu “uma série de eventos. Como conferências, solenidades cívicas, reuniões, exposições sobre a indústria paulista etc., com o objetivo de instituir na capital um ‘centro convergência paulista’” (VELLOSO, 1993, p.94). Outra vez, dá-se menos importância aos ideais políticos, estéticos ou sociais e mais às redes de sociabilidade ou de camaradagem presentes nas relações entre escritores, intelectuais, políticos e artistas em geral. As sessões do C.C.B eram realizadas, às quartas-feiras, nas dependências no Centro Paulista, gentilmente cedido ao grupo em razão do prestígio e influência de Mário Vilalva, outro participante ativo do C.C.B.

#### 4.2 A FUNDAÇÃO E O PROGRAMA GERAL DO C.C.B: VISÃO POLÍTICA

Consta nas atas do C.C.B. que sua fundação se deu em 05 de abril de 1923. Como exposto, o C.C.B. foi um desdobramento das “Vesperais Literárias” de 1921 e continuaram a fazer parte da programação da agremiação em ambientes diferentes ao da Biblioteca Nacional. A partir de 23, as “Vesperais Literárias” foram, então, incorporadas pelo C.C.B. sendo suas conferências realizadas em diferentes ambientes na Casa dos Artistas, no Clube Militar, no Clube Paulista e na Biblioteca Nacional. Já as sessões deliberativas do C.C.B. eram realizadas às quartas feiras, no Centro Paulista, localizado na Praça Tiradentes, ou no comércio do pai de Adelino Magalhães, o “Grão Turco”.

O Programa Geral do C.C.B. foi publicado em vários jornais do Rio de Janeiro. O ideário conta com catorze parágrafos que propunham as diretrizes do C.C.B. No único artigo mais abrangente sobre agremiação, de 1956, o jornalista responsável assim descreve a divulgação do programa:

O programa da instituição, com riqueza de detalhes, era distribuído pelos jornais e em folhetos avulsos: pode-se dizer mesmo que era “panorâmico” em relação às diversas necessidades do Brasil, tal a sua largueza de vistas!

O programa é realmente extenso e contém muitas questões não só de ordem cultural, mas também de ordem trabalhista, como salários diferenciados entre brasileiros e estrangeiros, questões de ordem pedagógica, o caso do ensino obrigatório e de uma maior fiscalização nas escolas estrangeiras que desnacionalizam a educação brasileira, questões profissionais, como o curso específico de formação jornalística e questões políticas que exigiam a presença intelectual do cenário político brasileiro.

No parágrafo primeiro já se pode ter a noção do que a agremiação pretendia: a valorização da cultura por meio da literatura nacional, buscando meios de divulgá-la. É citado também que deve ser abolida a prática de falar em língua estrangeira em qualquer reunião elegante, no alto comércio ou nos centros culturais. Outras preocupações diziam respeito a criar “um modo de ser nacional”, modificar o ensino de história pátria, estimular o culto aos heróis nacionais e patrocinar vesperais literárias e históricas em torno de assuntos brasileiros. Sobre este último, nota-se que as vesperais se expandiram e tiveram cunho histórico dentro da programação do C.C.B.

O respeito e a amizade ao estrangeiro, desde que este não quisesse fazer do Brasil uma colônia internacional, é a proposta do segundo parágrafo bem como amparar o trabalhador brasileiro, desvalorizado em certos bancos e companhias, cujos donos só pagam equitativamente aos seus compatriotas.

O terceiro parágrafo do programa propõe uma confraternização entre todos os artistas, jornalistas, pensadores e cientistas nacionais ou estrangeiros que viviam no Brasil. Foi ainda proposta desse parágrafo a fundação de um clube em que seria solicitado para a sua composição um representante permanente no C.C.B. Finalmente, o parágrafo menciona que há de se valorizar a imprensa zeladora dos verdadeiros valores nacionais.

O espírito novo e o espírito tradicional permeiam o quarto parágrafo, preocupação constante de Adelino Magalhães. No mesmo parágrafo sugere-se que o C.C.B. lute para que os jornais do Rio de Janeiro abram maior espaço para as sessões de crítica artística e literária, sendo que elas deveriam ser entregues a moços competentes e de espírito moderno. Preocupa-se também com a arquitetura urbana da cidade, não se permitindo que o Rio de Janeiro continue sendo uma cidade de arquitetura colonial. Ademais, cobra-se dos poderes públicos a adoção de medidas para a criação de um modo de ser belo e característico da cidade. Outro ponto que merece destaque é a proposta de organização de concertos

musicais, bem como sessões de leituras públicas para que se evite o “fracasso de obras de valor, sacrificadas pela incompetência de certos atores e de certos críticos”, contra o que se sugere a organização de uma companhia-modelo de comédia brasileira e iniciar cursos de conhecimentos gerais, “especialmente de arte, para artistas cênicos que não cursaram a escola Dramática.”

O culto à tradição e aos valores esquecidos foi a proposta do quinto parágrafo, por meio da publicidade de obras esquecidas e há muito não editadas. Propõe-se também a tradução de obras estrangeiras que versam sobre o Brasil e nas quais se cultue o respeito às tradições “de sorte que se evitem os clamorosos atentados frequentemente feitos contra nossas relíquias históricas.”

O sexto e o sétimo parágrafos são breves. Neles se propõe a criação, da Ópera Nacional, “cuja não existência constitui uma das maiores vergonhas da nossa cultura artística”, e a criação de um curso de conhecimentos especiais para os jornalistas.

O oitavo parágrafo é muito atual, demonstra a preocupação com aqueles que governam o país. O adendo propõe uma campanha para que os intelectuais sejam abraçados pelos movimentos políticos e sociais do país, “entregues à incompetência de semianalfabetos, hábeis apenas para catar votos e falsificar eleições.” Outro ponto levantado foi a guerra contra a politicagem e um outro ação a “leitura pública de programas políticos”. Sobre esse ponto frisa-se que o brasileiro somente há pouco tempo e de forma ainda iniciante, vem manifestando interesse pelos programas dos candidatos.

Os parágrafos nono e décimo são dedicados à cultura nacional institucionalizada e sugere um entendimento, não só com a classe acadêmica para a nacionalização da cultura, mas também com associações culturais de todo o país com o objetivo de despertar o interesse “geral da mentalidade brasileira” e se possível fazer “propaganda, no Rio, de literatos, cientista e pensadores de valor residentes nos Estados.”

O décimo primeiro parágrafo refere-se ao ensino obrigatório que só há pouco tempo havia começado a ser imposto no país, chamando a “fazer uma cruzada do ensino obrigatório, base de todo o regime democrático. Estudo dos meios práticos de efetua-la.” Os parágrafos seguintes são bastante curtos e sugerem a realização de conferências sobre assuntos econômicos e financeiros, bem como o combate ao “excessivo regionalismo de certos Estados, tudo fazendo pelo Brasil uno e capaz só assim, de criar a sua civilização própria.”

Por fim, o Programa Geral termina não com uma proposta, mas com uma convocação para que haja persistência e “não esperar fazer em dias coisas que, por sua natureza demandam tempo, mas que temos fé, virão...”

Esse era, portanto, o ideário do C.C.B., cujas preocupações principais eram: a valorização da cultura nacional e a valorização da tradição e do novo. Essa questão já foi apresentada nas “Vesperais Literárias” quando houve a homenagem a autores de várias escolas, homenagens que continuaram sendo realizadas ao longo de todo o funcionamento da agremiação.

O programa geral do C.C.B. foi duramente criticado por Fabio Luz (1923), em 1923, crítico e escritor libertário com tendências anarquistas. Anteriormente, esse mesmo crítico tinha recebido, com vários elogios, a primeira publicação de Adelino Magalhães. No arquivo não foi encontrada nenhuma outra referência contra o C.C.B. Todavia, em outra publicação sobre a agremiação, sem a referência feita por Adelino Magalhães, há indicação de que, além de Luz, Pinto da Rocha, poeta e jornalista gaúcho, e alguns outros investiram contra os ideais do C.C.B.

A crítica de Fabio Luz bate principalmente no fato de que a cultura não tem pátria e que isolar uma cultura de outra é, sem dúvida, isolar-se do mundo, pois “as escolas e correntes literárias são mundiais: apenas os assuntos e as paisagens são regionais, mas os temas são humanos.” Assim, afirma que o que está sendo organizado sob o título de “Centro de Cultura” é um fascismo literário e, ainda, que é uma manifestação “de jacobismo, sob a aparência de uma reunião de letrados, que querem, com seu vastíssimo programa, dominar em todos os ramos da atividade nacional”. Com respeito a este último ponto não se pode deixar de concordar com Fabio Luz: o programa era, de fato, muito abrangente e, posteriormente, com a análise das atas do ano de 1923, poder-se-á dizer o que foi efetivamente realizado o que foi deixado de lado, naquele ano de fundação.

Outro ponto criticado duramente por Fabio Luz diz respeito ao parágrafo quarto o qual sugere que o espírito novo corra em paralelo ao tradicional e que a crítica deve ser entregue aos moços de espírito moderno. Luz pode ter tomado isso como uma ofensa, já que era crítico antigo e de muito respeito na capital. O argumento de Luz é muito bem colocado por querer saber que tipo de paralelismo é aquele proposto, voltado a excluir os velhos:

Que espírito novo é esse que corre paralelo ao ferrenho tradicionalismo e ao mesmo tempo faz exclusão dos velhos, exigindo que à inexperiência e ao fogo juvenis, ainda não aparelhados por uma cultura geral, sólida, sejam entregues as seções jornalísticas de crítica artística e literária?

O crítico ainda se mostra surpreso em face do décimo terceiro parágrafo que faz referência ao combate ao regionalismo de alguns estados da federação, perguntando se o próprio C.C.B. não é o mais centralizador de todos, sendo por si só “um programa de reação contra o federalismo”, pois a instituição representa a “aristocracia intelectual do Rio de Janeiro em oposição ao plebeísmo provinciano”.

Duramente criticado por Luz também foi o fato de que os estrangeiros, segundo o programa, viriam a desnacionalizar o Brasil. Assim, questionava o crítico

Para conseguir esse fim quer o Centro que mestres estrangeiros não venham desnacionalizar a educação. Para desnacionalizar era preciso que houvesse uma educação nacional suscetível de ser desnacionalizada. Há?...

A crítica de Fabio Luz terminou com a observação de que o caráter auto-suficiente do C.C.B. ditaria todas as regras e todos os outros teriam oportunidade de conhecer o passado por meio somente das vesperais literárias e históricas promovidas pela instituição. Dizia o crítico,

a feição universalista do Centro resume as tendências da Universidade do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico, do Instituto Wanhagen, das múltiplas Academias de Letras, da Liga contra o analfabetismo e do Centro Nacionalista, da Sociedade Comemorativa das Datas Nacionais, da Revista da Língua Portuguesa, do Liceu de Artes e Ofícios, etc. Bem poderia adotar este outro nome – Centro Polymatha Polymorpho.

Se, por um lado, alguns pontos levantados por Fabio Luz mostram-se sensatos, tais como os numerosos itens a serem tratados pelo C.C.B., por outro lado, não parece que os membros do C.C.B. queriam se autoproclamar donos da cultura nacional. O grupo já vinha de outro ambiente de valorização nacional como as já citadas *Terra do Sol* e *Árvore Nova*. Até mesmo as “murallas chinesas” que o C.C.B queria impor à cultura nacional, como dito por Fabio Luz, parecem fazer muito sentido. Para rebater o posicionamento de Luz, Adelino Magalhães escreve um artigo-resposta às críticas recebidas.

No artigo intitulado “O Centro de Cultura Brasileira”, escrito no mesmo dia da crítica de Luz, sem referência ao meio veiculado, Adelino Magalhães (1923a.) defende-se, com um discurso cerimonioso, contrapondo-se ao tom humorístico que ele dará ao mesmo

assunto quando escrever a paródia do programa oficial, também em resposta a Fabio Luz. Começa Magalhães:

O Sr. Dr. Fabio Luz, em artigo hoje, publicado em “O Brasil”, faz considerações sobre o Centro de Cultura Brasileira que são de todo injustas, naturalmente por haver o ardoroso escritor interpretado erroneamente alguns pontos de nosso programa.

Adelino Magalhães inicia suas considerações enfatizando que não é pretensão dos membros do C.C.B. a hegemonia sobre os outros grêmios intelectuais do Rio de Janeiro. Em seguida, detém-se na questão conceitual sobre aquilo que o programa do C.C.B chamou de “colônia internacional”, assim registrada no programa oficial:

2º - Incentivar o respeito, a amizade e a gratidão aos estrangeiros amigos do Brasil e combater a minoria felizmente pequena, deles, que tenta fazer do Brasil uma colônia internacional.

Fabio Luz disse não entender o que o C.C.B. quer dizer com a denominação colônia internacional. Adelino Magalhães explica que a expressão deve ser entendida de forma metafórica e, sobretudo, como parte da crítica do C.C.B àqueles que estão no Brasil para dele se aproveitar sem nenhum benefício para outra parte, ou recompensam iniquamente o trabalhador nacional enquanto este paga

a peso de ouro os “competentes” super-homens que chegam da “Civilização” quando no entanto são escorridos, chorosamente, pingues ordenados aos nacionais que, por circunstâncias, venham substituir perfeitamente aos incomparáveis louros de tez rosada, “contratados” em seu país de origem.

Outro ponto rebatido por Adelino Magalhães (1923a) diz respeito à “desnacionalização da nossa educação”. O escritor justifica essa preocupação de sua agremiação pelo fato de que ele afirma existir escolas, leigas ou religiosas, dirigidas por europeus ou americanos que, de uma forma ou de outra, aniquilam nas “crianças brasileiras todo o sentimento cívico e toda a preocupação da cultura mental brasileira, isto é, em torno a assuntos brasileiros.”

Sobre a polêmica entre o “velho” e o “novo”, Adelino Magalhães defende-se das acusações feitas por Luz, afirmando que o programa do C.C.B. valoriza tudo que é valioso onde quer que exista. Nesse momento, Magalhães alude ao momento em que lançou seu primeiro livro e teve boa receptividade do próprio Luz. Rememora o escritor:

Há até para o autor do Programa do Centro de Cultura Brasileira razões pessoais para querer muito bem e admirar um “velho” como o Dr. Fabio Luz; e ele, o aliás “falso velho” bem sabe disso!

No mês seguinte, maio de 1923, Adelino Magalhães (1923b) escreve, com humor e uma pitada de ironia, um contraprograma para o C.C.B., intitulado “Centro de Incultura Adelino Magalhães”. Nele, o autor ironiza praticamente quase todos os pontos levantados por Luz, por meio da distorção dos catorze parágrafos elaborados para o C.C.B.

O estatuto é parodiado, satirizado e ironizado por seu fundador e, para tanto, Adelino Magalhães refere-se ao centro como se dele fosse e assina o estuto-paródia como Dedeco. O apelido, referência a ele mesmo, já era conhecido desde o conto “Dedeco, discípulo amado de Tranquilino”, presente em *Tumulto da Vida*, de 1920. Vejamos, pelo que segue, como o programa recebe esse tratamento debochado.

Toda pauta é colocada de modo contrário por Adelino Magalhães. Se o programa oficial pregava o “incentivo da literatura nacional” na paródia, era prescrito “incentivar a ciência do nu e da pornografia.” Se era necessário pugnar pela literatura nacional, o programa paródia falava em “pugnar a ausência da literatura nacional” nos programas de ensino.

Com respeito aos questionamentos de Luz sobre paralelismo entre o espírito novo e o espírito tradicional, Adelino Magalhães propõe que se esqueça esse item afirmando que seria melhor desanimar essa ação e que os esforços seriam agora a fim de que se entregassem a crítica literária e artística “especialmente a Andrade Muricy, a Tasso da Silveira, a Nestor Vítor, a Silveira Neto, a Murillo Araújo e a ‘moim nême’, Dedeco Magalhães.” Nessa assertiva, Adelino Magalhães leva realmente às últimas consequências o fato de Luz chamar o grupo de ambiente fechado. Se assim fosse, de acordo com a ironia de Adelino Magalhães, seria melhor que os nomes fossem dados e que eles lutassem por interesses próprios.

O ponto sobre o qual não resta dúvida sobre o ataque direto a Fabio Luz diz respeito ao caráter anarquista do crítico. Como se sabe, Luz era anarquista convicto e escrevia para publicações com essa temática. Por isso, Adelino Magalhães sugere que se faça uma campanha “pela intromissão dos intelectuais nos movimentos anarquizadores do país.” Finalizando, Adelino Magalhães insinua, da mesma forma que, no programa oficial, que todas essas ironias sejam rapidamente colocadas em prática, utilizando dois de seus contos muito conhecidos: “Um prego! Mais outro prego!... e “Aí, não!”, bem como a utilização de onomatopéias, marca muito presente também nas narrativas do escritor.

Ter enfim, persistência e não esperar amanhã para pregar um prego que pode ser pregado hoje! Raiva o Shettino! Pss! Flut! Rrr! Fiau! Aí, não! Um prego... mais outro prego... Aí não!... Pss! Rrr! Fiuu!...

Polêmicas à parte, o certo é que o C.C.B. funcionou até o ano de 1927 com repercussão na mídia e com as “Vesperais Literárias”. Se a agremiação conseguiu cumprir todas as propostas do Programa só a análise das atas e como também o arquivo de Adelino Magalhães poderão responder.

#### 4.3 A DINÂMICA DA VIDA DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA

O C.C.B. , como já sabido, foi fundado em 05 de abril de 1923 e suas reuniões aconteciam às quartas-feiras, às 16 horas, quase sempre no Centro Paulista, situado na praça Tiradentes. Já as reuniões deliberativas do C.C.B não aconteciam necessariamente no Centro Paulista. Pelos depoimentos, contidos no arquivo do escritor, ficou-se que elas aconteciam também no comércio do pai, o “Grão turco”, bem como na porta de livrarias com cujos membros tinham alguma amizade, a Schettino era a mais procurada, sendo Francisco Schettino um dos sócios do C.C.B. As reuniões de 1923 foram registradas com regularidade quando a agremiação funcionou plenamente, contando com 32 reuniões registradas em atas e que constam no arquivo de Adelino Magalhães.

Para fazer parte do C.C.B., o sócio deveria ser, sobretudo, cultor das letras e arte brasileiras. Muitos que fizeram parte dele eram jovens sem muita representatividade na vida cultural carioca. Em artigo, de 1968, os agremiados do C.C.B. foram assim retratados:

Sócio do Centro de Cultura Brasileira era cultor das letras, das ciências e das artes, que concorresse para o bom nome do Brasil do passado, tendo em vista seu progresso.

Havia sócios consagrados; havia-os também, – a maior parte – de iniciados e novíssimos, e muitos destes, por sua vez, são, nos dias atuais que passam, nomes respeitáveis em nossa cultura (PASSOS, 1968).

De acordo com Alexandre Passos (1968), que foi também secretário do C.C.B., ninguém pagava mensalidade ou contribuía para outros gastos; era Adelino Magalhães que se encarregava de pagar as despesas da agremiação. Na apresentação das atas pode ser visto que não era bem assim. Os sócios pagavam uma certa quantia, além de doações para a realização de um feito nacional. Passos (1968) afirma que “além de mandar imprimir os convites-programas, artisticamente apresentados, incumbia a cada qual dos inscritos

desenvolver os temas das suas conferências, com liberdade.” Essas conferências deveriam ter entre vinte a vinte e cinco minutos, a fim de que outros oradores não tivessem seu tempo reduzido, pois havia de se cumprir “as duas horas concedidas pelo Centro Paulista, cujo salão, dos mais espaços da época era disputadíssimo para reuniões de caráter social, cultural e, às vezes, político” (PASSOS, 1968). Felizmente, pela amizade de Adelino Magalhães com Mário Vilalva, o salão era gentilmente cedido para as reuniões do grupo de Adelino Magalhães.

Foram muitos os nomes que participaram do C.C.B, e como muito bem acrescenta Passos, em oito anos não é de se estranhar que houvesse inconstância. Mas houve um quem não faltou e este foi, é claro, o seu fundador, Adelino Magalhães, “ausente apenas, quando em comissão do governo federal, no interior do país” (PASSOS, 1968). Nestor Vítor, crítico, poeta e amigo de Adelino Magalhães, foi presença integral, “embora não gostasse de assinar listas de presença” (PASSOS, 1968). Não há qualquer menção a Nestor Vítor ou sua participação nas atas de 1923.

Era comum, depois das reuniões do C.C.B, Adelino Magalhães chamá-los para um jantar, na rua do Rosário,

num primeiro andar de um casarão, que não mais existe. Não se tratava, exatamente de pensão, mas de casa de família, antiga no local, que fornecia refeição simples e farta, em ambiente convidativo, pelo trato e reduzido número de pessoas. Essa feição do velho Rio, comum há menos de trinta anos, desapareceu com a abertura de novos logradouros e demolições de prédios (PASSOS, 1968).

Era também comum que os sócios do C.C.B fizessem vistas às instituições culturais, como o Arquivo Nacional, o Arquivo Municipal, a Igreja da Penitenciária, o Museu Histórico, e a várias instituições particulares. Então, além das “Vesperais Literárias”, das visitas aos estabelecimentos culturais, o C.C.B. participava das comemorações de datas nacionais e de homenagens a vultos como o poeta Gonçalves Dias e do ator João Caetano. Sobre esse último Adelino Magalhães escreveu um elogioso artigo.

O C.C.B. mantinha forte ligação com outras associações de sua época, com a “Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, com a Casa dos Artistas, com o Centro Musical Francisco Nunes, com a União dos Empregos do Comércio.” Ainda, de acordo com esse inventário do C.C.B.,

Na imprensa do tempo apareceram muitos e muitos trabalhos lidos nas sessões do Centro e várias foram as obras impressas por este tempo, encerrando capítulos referentes às atividades da prestigiosa agremiação. Alguns, como o Alto-Falante, de Mário Vilalva só contêm conferências pronunciadas nas Vesperais. No interior do país mesmo, apareciam, constantemente transcrições desses trabalhos em publicações periódicas, inclusive o programa do Centro foi largamente transcrito.

#### 4.4 CRONOLOGIA DAS SESSÕES DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA EM 1923<sup>1</sup>

O ano de 1923 pode ser considerado o ano de maior atividade do C.C.B, haja vista a quantidade de reuniões realizadas nos dois anos subsequentes, 1924 e 1925, pelo menos de acordo com o que se encontrou como registro. Embora se saiba que o C.C.B. continuou suas atividades até 1927, com a realização das “Vesperais” e de reuniões, estas não foram encontradas no Arquivo de Adelino Magalhães.

No primeiro ano de funcionamento do C.C.B, foram feitas 32 reuniões presididas por Adelino Magalhães, seu presidente, e, em duas ocasiões por Candido Nazareth, na ausência do presidente oficial em viagens de serviço. A primeira reunião do C.C.B tem registro no arquivo de Adelino Magalhães, na data de sua fundação, 05 de abril de 1923. As reuniões, chamadas de sessões, continuariam por todo o ano:

<b>2ª sessão – 12 de abril de 1923</b>	<b>18ª sessão – sem registro</b>
<b>3ª sessão – 19 de abril de 1923</b>	19ª sessão – 05 de setembro de 1923
<b>4ª sessão – 26 de abril de 1923</b>	20ª sessão – 12 de setembro de 1923
<b>5ª sessão – 02 de maio de 1923</b>	21ª sessão – 19 de setembro de 1923
<b>6ª sessão – 09 de maio de 1923</b>	22ª sessão – 26 de setembro de 1923
<b>7ª sessão – 16 de maio de 1923</b>	23ª sessão – 03 de outubro de 1923
<b>8ª sessão – 24 de maio de 1923</b>	24ª sessão – 10 de outubro de 1923
<b>9ª sessão – 31 de maio de 1923</b>	25ª sessão – 17 de outubro de 1923
<b>10ª sessão – 06 de junho de 1923</b>	26ª sessão – 24 de outubro de 1923
<b>11ª sessão – 13 de junho de 1923</b>	27ª sessão – 31 de outubro de 1923
<b>12ª sessão – 20 de junho de 1923</b>	28ª sessão – sem registro
<b>13ª sessão – 27 de junho de 1923</b>	29ª sessão – 14 de novembro de 1923
<b>14ª sessão – 10 de julho de 1923</b>	30ª sessão – 21 de novembro de 1923
<b>15ª sessão – 25 de julho de 1923</b>	31ª sessão – 28 de novembro
<b>16ª sessão – 08 de agosto de 1923</b>	32ª sessão – 05 de dezembro
<b>17ª sessão – 22 de agosto de 1923</b>	

<sup>1</sup> A partir desse momento todas as informações referentes ao C.C.B. foram retiradas do caderno de atas da agremiação.

#### 4.5 A PRIMEIRA DIRETORIA DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA

A primeira eleição para a escolha dos membros que comporiam provisoriamente a diretoria do C.C.B., que ainda estava em formação e não contava com membros suficientes para uma eleição maior, aconteceu na 3ª sessão, no dia 19 de abril de 1923. Adelino Magalhães arquivou os papéis avulsos onde cada um dos presentes naquela reunião escreveu seus votos. Pelo registro das atas, foram eleitos:

**Presidente:** Adelino Magalhães

**Vice – presidente:** Amadeu Amaral

**1º secretário:** Mário Vilalva

**2º secretário:** Arnaldo Damasceno Vieira

**3º secretário:** Francisco Galvão

**1º tesoureiro:** Porto da Silveira

**2º tesoureiro:** Francisco Schettino

**Diretoria de Publicidade:** Nucio Teixeira, Horácio Cartier, Rubey Wanderley e Alberto Nunes

Os nomes mais conhecidos entre esses primeiros eleitos são o do escritor Adelino Magalhães, idealizador da agremiação, o poeta Amadeu Amaral, que já era conhecido nas rodas literárias e, na época, já havia publicado três livros. Mário Vilalva, intelectual muito amigo de Adelino Magalhães e por meio dele que muitas “Vesperais” puderam ser realizadas no Centro Paulista, Francisco Schettino, dono da livraria *Schettino*, situada na travessa do Ouvidor, e Mâncio Teixeira.

Somente na 6ª sessão, de 09 de maio de 1923, foi

apresentada uma proposta tornando efetiva até 05 de abril de 1924 a diretoria, assim constituída: Presidente: Adelino Magalhães, Vice – presidente: Amadeu Amaral, 1º secretário: D. Maria Rosa Ribeiro, 2º secretário: Heitor Pereira, 3º secretário: Francisco Galvão, 1º tesoureiro: Pedro Timotheo e 2º tesoureiro: Ângelo Pereira.

Portanto, houve uma mudança entre os membros que compuseram a diretoria do C.C.B. O novo nome mais importante foi o de Maria Rosa Ribeiro, senhora da sociedade carioca da época e diretora da Escola Dramática, que participou junto com outras tanto das “Vesperais Literárias” quanto do C.C.B. A presença feminina foi muito forte; as mulheres participaram de muitas conferências, recitando cantos e poesias, como pode ser visto pelas fotos do arquivo de Adelino Magalhães.

**Figura 3** – Reunião do Centro de Cultura Brasileira



**Fonte:** Arquivo Adelino Magalhães, 1925

**Nota:** Anotação de data feita por Adelino Magalhães no canto inferior direito. Abaixo, o autor escreve em seu caderno de memórias alguns dos presentes na foto: Heitor Pereira, Paulo Filho, Cândido Nazaré, Durval de Brito e a senhora, Angela Vargas.

**Figura 4** – Fotografia das primeiras “Vesperais”, de 1921



**Fonte:** Arquivo Adelino Magalhães, provavelmente, de 1921

**Nota:** Indicação do local da foto feita por Adelino Magalhães como sendo a Biblioteca Nacional, acima, já nas páginas do caderno de memórias, o autor indica os personagens retratados: entre eles os amigos Adelino, o primeiro, em pé, à esquerda e Tasso [da Silveira], logo depois.

#### 4.6 OS NOMES QUE PARTICIPARAM NO PRIMEIRO ANO DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA

Foram muitas as pessoas que passaram pelo C.C.B durante todos os anos de seu funcionamento. Alguns com muita frequência outros esporadicamente. Não aparece no arquivo de Adelino Magalhães nenhuma lista de presença assinada pelos associados embora essa tenha sido uma sugestão lavrada na ata da 13ª sessão, a do dia 27 de junho de 1927, que dizia ser de caráter urgente uma “lista geral dos associados”.

Essa sugestão, ao que parece, nunca chegou a ser feita; se foi, a lista não foi localizada. No entanto, a partir da 21ª sessão, a de 19 de setembro de 1923, o então secretário Alexandre Passos, ao lavrar as atas, começou de uma maneira mais oficial, listando os que estavam presentes.

No primeiro ano de funcionamento, participaram do C.C.B e das “Vesperias Literárias” mais de cem pessoas. Algumas muito assiduamente outras apareciam esporadicamente; há também os que foram citadas uma única vez. Entre os mais assíduos figuram, além de Adelino Magalhães, Heitor Pereira, Alexandre Passos, os atores Candido Nazareth e Jayme Paraíso, os escritores Murillo Araújo e Pedro do Coutto, as senhoras Rosa Maria Ribeiro, Ângela Vargas e Margarida Lopes de Almeida. Entre os que participaram com menos frequência, nesse primeiro ano de funcionamento, aparecem Amadeu Amaral, Marcílio Lima, Rubey Wanderley.

Nos anos seguintes outros nomes se juntariam a esses nas reuniões do C.C.B. Isso se deu pelo fato de a agremiação passar a ter maior representatividade no cenário da vida cultural, social e literária, com a realização constante de outras “Vesperais Literárias” e também na vida política brasileira que é onde o C.C.B. procura fincar os pés dentro de seu ideário de nacionalidade.

#### 4.7 DO IDEAL AO REAL: AS PRIMEIRAS DISCUSSÕES DO CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA E A CONTRIBUIÇÃO PARA O NACIONALISMO CULTURAL

A primeira reunião após a fundação da instituição aconteceu em 12 de abril. Por ela, pode-se perceber claramente o que era julgado como importante para a agremiação. Adelino Magalhães tinha visitado o Centro Musical onde foi constatado o trabalho que vinha sendo feito em prol da formação do Teatro Lírico. Foi, então, proposto um “voto de louvor”, procedimento que se tornou frequente no C.C.B., quando seus membros julgavam digna uma atitude que promovesse a cultura brasileira, “ e que se enviasse à sociedade irmã um ofício manifestando a esperança de que do programa da Sociedade constasse sempre óperas nacionais.”

Na terceira sessão, em 19 de abril, consta a resposta em forma de artigo de Adelino Magalhães às críticas feitas por Fábio Luz. O ator Candido Nazareth falou sobre a criação do curso para atores, também um dos pontos do programa geral do C.C.B. A sessão também teve uma parte dedicada à proposta e à eleição de novos sócios. Nessa de 19 de abril especificamente, tornaram-se membros: Bastos Tigre e Oscar Lopes.

Na quarta sessão, de 26 de abril, foram apresentadas as propostas para o curso de Jornalismo e para o curso de Arte Cênicas. As duas propostas apresentadas estavam muito claras nos parágrafos quarto e sétimo do programa geral do C.C.B. Em seu arquivo, Adelino Magalhães anota, ao lado da matéria jornalística referente ao curso de Artes Cênicas, que “os atores desejavam ser profissionais.” O desejo de profissionalização pode ser visto, muitas vezes, no discurso do ator Candido Nazareth, membro assíduo do C.C.B e defensor do curso direcionado à profissionalização artística.

Na mesma sessão, houve a leitura de um ofício a ser enviado ao ministro do interior requerendo a inserção da cadeira de literatura nos programas do ensino secundário. Diz o ofício enviado:

O Centro de Cultura Brasileira, novel sociedade criada nesta Capital, com fim de incentivar a nacionalização de nossa cultura mental naquilo que ela naturalmente ela possa sofrer, vem solicitar respeitosamente da V.Ex. a inclusão da cadeira de literatura (especialmente brasileira) no programa do Colégio Dom Pedro II, isto é, no programa oficial do ensino secundário cuja reforma ora está elaborando.

Ainda nessa mesma reunião, Adelino Magalhães lastimou que o empresário teatral José Loureiro continuasse a ser um entrave para a arte nacional ocupando

três dos nossos maiores teatros com companhias estrangeiras e só pretendendo empregar, pelo programa por ele publicado, companhias portuguesas e francesas, inclusive o Ba – Ta- Clan, gênero deprimente, que em nada concorre para o desenvolvimento de nossa cultura artística.

Outro aspecto muito comum no C.C.B. eram as menções honrosas ou votos de louvor àqueles que os membros consideravam merecedores por algo que tivessem feito em prol da cultura nacional, por exemplo, a troca de nomes de ruas ou a denominação de algum navio com nome de vultos nacionais. É o que se deu na quinta reunião, de 02 de maio. Nela, Adelino Magalhães comunica a expedição de um ofício ao diretor da companhia de navegação Lloyd Brasileiro cujo assunto era denominação de navios pela empresa. De acordo com o arquivo, os brasileiros que tiveram seus nomes dados ao navio eram Ruy Barbosa e Prudente de Moraes, a um terceiro navio o nome dado foi Acre.

Nessa reunião, Cândido Nazaré sugere que fosse expedido ao Conselho Municipal um requerimento solicitando que se permitisse cobrar aos atores uma taxa do imposto de profissão. Sobre isso, há no arquivo, a resposta indeferindo o pedido, conforme o seguinte parecer:

Em discussão única, o parecer n.4 de 1923, declarando não haver que deferir no requerimento em que Adelino Magalhães, presidente do “Centro de Cultura Brasileira”, pede a criação do imposto da Indústria.

Na mesma sessão, foi sugerido que se desse o nome de Lima Barreto a uma rua da cidade. Nesse pedido, o C.C.B. teve maior sucesso. O prefeito Alair Prata acata o pedido do C.C.B. passando um logradouro da então capital a ter o nome do escritor falecido em 1922.

Na reunião do dia 09 de maio, a sexta da série daquele ano de 1923, Cândido Nazaré falou sobre a Escola de Artistas Cênicos e foi sugerido, por Alexandre Passos, um voto de louvor a mais uma companhia de navegação, dessa vez a Wilhelmen, pelo fato da companhia ter dado o nome de “Tiradentes” a um de seus navios. A Pela primeira vez, se propôs que nas “Vesperais Literárias” daquele ano constariam temas não somente de cunho literário, como em 1921 e 1922, mas também temas referentes ao jornalismo, teatro e filosofia.

A oitava, a nona e a décima sessões de 08 e 31 de maio e 06 de junho foram, pelo que se deduz das anotações, um encontro rápido e os assuntos foram apenas elencados pelo secretário interino Murillo Araujo. O tema desnacionalização do ensino em certos colégios de meninas, ponto que não fugia ao programa do C.C.B, foi tratado pela primeira vez. O outro assunto discutido não fugiu muito ao programa. Discutiu-se ainda a impressão dos programas das próximas “Vesperais Literárias” ofertada pela empresa de Ruy Castro. As monções de louvor a algumas pessoas sem nenhum propósito específico ou ainda a referência a uma entrevista sobre o centro dada por um de seus membros também foram mencionados. Nesse conjunto de quatro reuniões não se tratou especificamente de nenhum projeto ou proposta do C.C.B, o que deixou muito de seus membros associados irritados, ocuparam-se com monções de louvor mas não se dedicaram a algo de importante, deixando, muitas vezes, de lado as determinações do programa geral, por enquanto vou seguir cronologicamente com as atas das sessões.

Era proposta do C.C.B. dar às ruas e às instituições culturais nomes de grandes vultos nacionais, que foi o que aconteceu com a mudança do nome do teatro São Pedro para o de “João Caetano.” Na ata do dia 20 de junho, da décima segunda reunião, o C.C.B. comemora tal vitória marcando para o próximo dia 24, solicitação feita pela Casa dos Artistas, a cerimônia da troca de nomes. Mas a mudança do nome do teatro não foi bem aceita por toda a sociedade carioca. No arquivo de Adelino Magalhães, há um artigo sob o pseudônimo de João Carioca discordando da troca de nomes. O autor do artigo argumenta que

João Caetano não precisava de mais essa homenagem e que o teatro D. Pedro de Alcântara tomou parte em todos os fatos políticos relevantes do segundo reinado e continua:

Teatro S. Pedro de Alcântara ou Teatro S. Pedro, este título falava de uma das páginas mais vivas da nossa história e por isso quando outros argumentos não bastassem para justificar a sua conservação, esse deveria ter influído para obstar que a Sociedade de Cultura Brasileira propusesse sua substituição, concorrendo para argumentar a falta de veneração e de amor com que costumamos olhar para as coisas do passado.

João Carioca bate no mesmo ponto já apontado por Fabio Luz em sua crítica ao C.C.B., qual seja, de que embora a agremiação proclame a manutenção e a preservação da cultura nacional desde que essa cultura não remeta aos tempos coloniais ou ao Império. No primeiro caso, foi à referência à arquitetura colonial e no caso da troca do nome do teatro, João Carioca sugere que o teatro D. Pedro de Alcântara

depois que lhe amputaram o “Alcântara, continuou sempre a representar a mesma homenagem à família real, não tendo havido solução de continuidade nessa tradição, porquanto já na monarquia o tratavam por Teatro S. Pedro, como consequência natural da lei do menor esforço

Ainda no mesmo dia 20 de junho parece que o curso para atores cênicos finalmente seria implantado, é que se pode deduzir por Candido Nazareth ter sugerido a sua realização na Casa dos Artistas e todos os agremiados concordarem prontamente.

Na reunião seguinte, do dia 27 de junho, a décima terceira, confirmou-se que a Casa dos Artistas cederia seu salão para implantação do curso. Com isso, mais uma resolução do programa geral do C.C.B. tinha sido cumprida. Outro ponto levantado nessa reunião foi a solicitação de que aquela sociedade promovesse a impressão da “História do Teatro Brasileiro”, do escritor Múcio da Paixão. A lista geral dos associados também foi assunto dessa reunião. No entanto, como já aventado, ela nunca foi feita; o que se sabe sobre os seus participantes foi sendo construído pela aparição dos seus nomes nas atas e no noticiário a respeito da agremiação.

A próxima reunião, a décima quarta, do dia 10 de julho foi a que suscitou a mais calorosa discussão dentro do C.C.B., naquele ano. A reunião começou, como de costume, com a leitura da ata da sessão anterior e aplausos para aqueles que vinham prestando serviços de divulgação e manutenção da instituição. A certa altura da reunião, há referência à seguinte passagem da ata:

Enfim, ouviram-se os debates em torno de uma questão interna, trocando-se aportes entre os Srs. Murilo Araujo, D. Maria Rosa Ribeiro, Pedro do Couto, Albuquerque Gandim, Lucília Albuquerque, Jayme Paraizo e outros.

Tais debates só viriam a ser esclarecidos na ata seguinte da décima quinta sessão, de 25 de julho. Feitos os trâmites de costume, Adelino Magalhães lê dois ofícios de sócios, do poeta Murillo Araujo e da diretora da Escola Dramática Brasileira, D. Rosa Maria. Ambos pediam a exoneração de sócios. Ambos também eram os participantes mais assíduos e mais envolvidos com o C.C.B., daí a divergência entre os rumos que a agremiação havia tomado. O ofício de D. Maria Rosa foi rejeitado por unanimidade, já o de Murillo Mendes causou ainda mais confusão. A ata registra a seguinte passagem sobre o caso:

Quanto ao [ofício] do Sr. Murillo Araújo falaram os Srs. Jayme Paraizo, dizendo votar contra a exoneração; Virgílio Maurício, a favor, Alexandre Passos, não votaria por suspeição, Albuquerque Gandim, Pedro do Couto, D. Maria Rosa, que disse não votar por ser a mais ofendida pelo Sr. Murillo Araújo e outros.

Atendendo à seriedade do caso, Adelino Magalhães pediu que o secretário, Alexandre Passos, procedesse à votação nominal. Na votação foi rejeitada a exoneração de Murillo Araújo. O resultado causa confusão, mais uma vez; Pedro do Couto diz que não voltaria mais ao C.C.B., se dizendo inconformado com o resultado da votação. Ficou decidido, então, que como fora o próprio Murillo Araujo que pedira a exoneração, era justo que eles a concedessem.

A reunião prosseguiu sem mais empecilhos; o que o C.C.B. tinha proposto que fosse realizado de acordo com seu programa oficial foi o envio de um ofício ao ministro do Interior, João Luiz Alves, acerca do ensino da história pátria. O ofício havia sido divulgado, de acordo com os associados, de maneira bem simples pela *Gazeta do Povo* e pelo *Correio da Manhã*. As duas notas foram arquivadas nos cadernos-arquivos de Adelino Magalhães, mas sem referência ao veículo a que cada uma pertencia. Lê-se na primeira nota:

os compêndios, com raríssima exceções estão, repletos de datas minuciosas, detalhadíssimo nomes, costumes mal descritos dos nossos aborígenes e outros fatos da história sem o pitoresco, o heroísmo, a indispensável legenda ou a anedota que vulgarizam os grandes acontecimentos.

A outra notícia sobre o mesmo ponto é bem mais longa, cabendo colocar, na íntegra, cópia do ofício mandado ao ministro pelo C.C.B. Pelo ofício, se pode saber um pouco mais a respeito do que realmente o C.C.B. propunha. Do mesmo modo como já tinha sido feito o pedido para a inclusão do ensino de Literatura no nível secundário, a reforma do ensino de

História também se referiu a esse nível de ensino. O ofício citou os principais problemas ao lado dos já citados compêndios de História, acrescentando que os livros ainda descreviam mal os costumes indígenas, narrava insipidamente as aventuras das capitânicas dos bandeirantes, de Minas, dos Palmares, da Insurreição patriótica e da Independência e, ainda apresentava

aos alunos o esqueleto da História do Brasil, sem seu corpo vivo, até mesmo nos fatos belicosos e administrativos da nacionalidade, os quais, aliás, embora respeitadíssimo, não devem ser por certo os únicos a merecerem a atenção da cultura cívica do estudante.

A décima sexta sessão, a do dia 08 de agosto, iniciou-se ainda com referência à exoneração de Murillo Araujo do quadro de sócios. Após desfeito o mal-entendido de que alguns membros falaram que tinham votado somente na exoneração do poeta do cargo de secretário. Assim, Murillo Araujo é reintegrado e participa assiduamente, sendo um dos nomes mais ativos do C.C.B. e das “Vesperais Literárias” até o fim desses dois eventos. A reunião seguiu discutindo os preparativos para as próximas vesperais e transcorreu sem nenhuma novidade em termos de busca pela nacionalidade.

A décima sétima reunião aconteceu no dia 22 de agosto e tratou de vários temas. Adelino Magalhães, depois de seguir o protocolo inicial, comunicou que o prefeito Alaor Prata confirmara que daria o nome de Lima Barreto a uma das ruas da cidade. A seguir, foi sugerido que Álvares de Azevedo fosse homenageado na próxima conferência vespertina. Em seguida, o secretário Alexandre Passos refere-se à dificuldade de encontrar músicas do compositor padre José Maurício, do período imperial brasileiro, e acrescentou que “era de estranhar como o Instituto de Música não cogitava de possuir vários traslados de tais produções.”

O principal assunto da reunião do dia 05 de setembro, a décima nona, foi a leitura do artigo manifesto “Os contratos do ferro e da borracha – Protesto e Apelo dirigido ao C.C.B.”, de Marques Pinheiro e Victorino de Castro. De acordo com Adelino Magalhães, o texto solicita ao Centro “protestar junto aos governadores dos Estados contra a introdução de dez milhões de negros norte-americanos no território brasileiro e contrário, do mesmo modo, ao contrato da extração do ferro e da borracha.” Houve um erro nesse assunto, as atas falam em “dez milhões de negros” mas nas atas enviadas ao jornais fala-se em “dez milhões de colonos americanos” e “contra a extração de ferro e da borracha por estrangeiros”.

A discussão sobre o emprego de estrangeiros em terras nacionais teve longo debate nessa discussão e ao que parece era esse o intuito de C.C.B., ou seja, a discussão sobre os problemas que de um modo ou de outro, na visão dos agremiados, prejudicavam os nacionais.

Sobre o emprego de mão-de-obra estrangeira o programa do C.C.B. posicionava-se completamente contra.

Nessa reunião, leu-se uma carta de Afonso Celso, que agradecia ao C.C.B pelo telegrama recebido por sua defesa da raça negra. Voltou-se ainda ao boicote que empresários estrangeiros de teatro faziam contra as companhias nacionais, um assunto muito discutido. Pedro do Coutto referiu-se à Cia Dramática Brasileira que, “possuindo elencos nomes de valor dos quais nossos companheiros de trabalho, deixa de funcionar no Rio de Janeiro por falta de teatros.” No mesmo sentido, Alexandre Passos falou sobre a cinematografia nacional, pedindo “que o Centro se interesse junto aos proprietários das cinematografias, afim de que estes projetem filmes brasileiros.”

A vigésima reunião, em 12 de setembro, iniciou a pauta do dia com Adelino Magalhães informando que a discussão sobre o emprego de estrangeiros no Brasil não poderia continuar porque os associados Marques Pinheiro e Vitorino de Castro, autores do protesto, não estavam presentes. Sob o protesto de toda a casa, foi iniciada a discussão que seguiu seus trâmites oficiais. A reunião foi bastante demorada, principalmente com a leitura de protestos escritos e lidos por Pedro do Coutto sobre a questão dos estrangeiros empregados no Brasil.

A reunião seguinte, a vigésima primeira, em 19 de setembro, registra os já conhecidos protestos de Candido Nazareth contra José Loureiro que se negava, sistematicamente, a contratar companhias nacionais. Candido Nazareth ainda registrou que um “certo Abilio Guimarães, de nacionalidade portuguesa” fez, em Montevideu, críticas ao teatro brasileiro “apesar de estar naquela cidade como representante de uma companhia nacional.” Nazareth refere-se à nota do *O Imparcial*, de 16 de setembro, na qual informa que Abílio Guimarães fizera uma crítica referente à companhia de Oduvaldo Vianna. Nessa reunião apareceram novamente as moções de louvor a estrangeiros que de alguma forma fizeram menções honrosas ao Brasil. Esta formalidade também estava presente no segundo parágrafo do programa geral do C.C.B.

Em 26 de setembro foi aberta a vigésima segunda sessão do C.C.B., na qual a grande novidade anunciada por Adelino Magalhães foi um protesto nacionalista a ser dirigido ao Congresso Nacional, solicitando a adoção de medidas favoráveis à colocação dos nacionais em todos os estabelecimentos do comércio, no Brasil, item muito debatido em todas as sessões em que se tratavam não somente os brasileiros empregados no comércio, mas em todas as outras demandas. Outro ponto levantado por Adelino Magalhães nessa reunião e que ainda não tinha sido tratado no C.C.B. embora constasse no parágrafo do programa, diz respeito à republicação de obras nacionais e estrangeiras que tratavam de assuntos referentes ao Brasil, “obras esquecidas

criminosamente pelos editores e pelo público.” No ofício que solicitava a colaboração do Estado para a edição dessas se lê

Existe uma porção respeitável, pela qualidade e quantidade, de obras referentes ao Brasil, em completo esquecimento, pela falta de publicidade, causando esta deficiência grava prejuízo à cultura nacional.

Destas, algumas são obras de ficção ou poéticas, que o destino não permitiu que houvessem causado o sucesso correspondente ao seu mérito, o que a desídia não raro dos descendentes do autor deixaram no olvido; outras são obras de pensamento como as de Tobias Barreto, Nizia Floresta, Livio de Castro, etc.: de matemáticos, como Gomes de Souza e Otto de Alencar: de crítica artística, a exemplo a de Rangel S. Paio: de engenharia, tal sejam os estudos de Rebouças: de direito, de medicina, de política, de biografia de vultos do país.

Ao mesmo tempo em que se abraçavam essas ideias imediatistas de nacionalismo, o C.C.B. ia registrando com seus manifestos e solicitando que essas ações não abrangessem os símbolos nacionais mas também ações que iam desde o caloroso debate sobre o salário menor do trabalhador nacional em contraposição ao ganho maior do trabalhador estrangeiro até a preocupação de uma suposta venda de obras coloniais barrocas em Minas Gerais e o desaparecimento de manuscritos de Gonçalves Dias. Foram esses os principais pontos da vigésima terceira sessão, a do dia 03 de outubro.

Adelino Magalhães redigiu um ofício endereçado ao ministro da Justiça e o leu nessa sessão. A ata registra:

O Sr. Presidente leu a cópia que dirigia, em nome do Centro, ao Sr. Ministro da Justiça, solicitando a nomeação de uma comissão encarregada de inquirir, nos arquivos, da existência de manuscritos preciosos à cultura intelectual do país; trata da venda, a preço ridículos, de objetos artísticos coloniais, especialmente por particulares, no Estado de Minas, vendas quase sempre feitas em sorte que tais objetos acabam por sair do Brasil; lê um artigo do “Rio Jornal” sobre o desaparecimento de manuscritos de Gonçalves Dias, fato reportado por uma comissão do Centro de Cultura Brasileira.

Sobre o assunto, foi ainda expedido um segundo ofício, dessa vez para o secretário do Interior de Minas Gerais, Fernando Mello Vianna, no qual se solicitava pronta investigação sobre o desaparecimento de peças coloniais de valor para a construção e manutenção do patrimônio nacional. A cópia do ofício foi arquivada por Adelino Magalhães e diz:

O Centro de Cultura Brasileira, em sua última sessão, resolveu dirigir-se a V. Excia., solicitando de V. Excia. Medidas tendentes a não permitir que continuem a sair do Estado de Minas Gerais, objetos de valor, da época colonial, os quais são vendidos, especialmente, para estrangeiros, por preços ridículos, desfalcando consideravelmente o nosso patrimônio artístico. Naturalmente seria ocioso apontarmos ao culto espírito de V.Excia. os meios de remediar a esses males: contudo tomamos a liberdade de lembrar a V.Excia que fosse criada uma comissão encarregada de adquirir os objetos que figurariam num Museu do Estado, medida por certo digna de louvor.

Ficou decidido, ainda nessa reunião, que as mensalidades do mês de outubro e o saldo do mês de setembro seriam destinados à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (S.B.A.T.), para o erguimento de um mausoléu ao autor do hino nacional Francisco Manuel. Esse ato também estava de acordo com o programa do C.C.B. que, em seu parágrafo décimo, buscava o entendimento com as sociedades culturais de todo país. Assim, o C.C.B. mantinha relações com diversas sociedades como a Casa dos Artistas, com a S.B.A.T., com a Escola Dramática Brasileira, com a Escola de Canto, entre outras.

O assunto do desaparecimento dos manuscritos foi discutido, e com reais ênfases, também na reunião seguinte, de 10 de outubro, na vigésima quarta. Dessa vez, Adelino Magalhães limitou-se a resumir as atividades do C.C.B. em relação ao acontecimento. A novidade fica por conta do tipo de manuscrito, que desapareceu, um “Dicionário Brasileiro”, feito pelo autor romântico, Gonçalves Dias. Nessa reunião foi lida a carta do diretor interino da Biblioteca Nacional, Aurélio Lopes de Souza, a qual pedia que o C.C.B. solicitasse à casa Gonçalves Dias, provar suas afirmações.

Já a reunião do dia 17 de outubro, a vigésima quinta do ano, foi bastante tumultuada. Houve um desacordo sobre as moções de aplausos frequentes na agremiação sem motivos confessáveis. A associada D. Maria Rosa, ao propor um voto de aplauso a Oduvaldo Viana, já homenageado anteriormente, foi fortemente repelida por Gomes Cardim. A senhora ficou imensamente ofendida e rebelou-se com tantas moções de louvor em vão. Diante disso, pede que sejam mais econômicos nos votos de louvor e que sejam dados não por êxitos particulares e sim os assuntos merecedores seriam aqueles que estivessem diretamente ligados ao ideais do C.B.B. e que estejam suficientemente documentados o que foi prontamente aprovado pelos membros presentes.

Na reunião do dia 24 de outubro, a vigésima sexta, o C.C.B. recebeu resposta do Governo de Minas Gerais sobre a questão dos objetos desaparecidos. Assim ficou constado em ata:

O Sr. 2º secretário lê uma do Doutor Mello Vianna, secretário do Interior, do estado de Minas, sobre a retirada de objetos raros do tempo colonial, dizendo que estes foram recolhidos ao Museu do Estado, em organização.

Outra vitória alcançada pelo C.C.B. e que foi noticiada nessa reunião dizia respeito ao emprego de brasileiros em funções dentro país. Nesse comunicado trazido pelo sócio Viturino Marcondes dizia que o ministro da Justiça e do Interior não aceitara estrangeiros no cargo de enfermeiros. Diz o voto de louvor, transcrito em ata:

Tratando-se de novos cargos de enfermeiras em domicílios, cuja indicação da diretoria de Saúde Pública recaia sobre senhoras estrangeiras, e havendo o Exmo Sr. João Luiz Alves, ministro da Justiça, respondido que não as nomeava, visto haver senhoras brasileiras habilitadas para exercerem àquela função consignava-se em ata um voto de tradução dos nossos sentimentos de simpatia ao gesto de justiça e patriotismo do digno titula Ministério do Interior e Justiça.

A reunião de 31 de outubro, a vigésima sétima, teve como pauta outra questão trabalhista referente às férias dos trabalhadores do comércio. Foi a aprovação, pela agremiação, de um projeto a ser enviado ao Conselho Municipal solicitando uma lei que decretasse 15 dias de férias anuais aos empregados do comércio carioca. Por outro lado, o exagero chegou a seu ponto máximo quando o sócio Alceu Aleixo sugeriu que fosse criada no Brasil “uma indústria de brinquedos com motivos nacionais.” A sugestão parece não ter sido nem discutida nem muito menos votada.

A vigésima oitava reunião não teve seu registro em ata, no entanto, ela pode ser localizada no arquivo em uma publicação de jornal onde as reuniões eram também noticiadas. Na reunião, acontecida, provavelmente, entre 06 ou 07 de novembro, lembrou-se o aniversário de um ano de falecimento de Lima Barreto e bem como uma nota de grande apreciação pelos sócios do C.C.B., qual seja, a exibição do filme “A Capital Federal”, cujo enredo fora tirado da peça de Arthur Azevedo.

A reunião seguinte, vigésima nona, de 14 de novembro de 1923, foi aberta, como todas as outras, às 16 horas e os trâmites continuaram os mesmos. A única diferença é que não foi presidida por Adelino Magalhães que participava de uma viagem a Minas Gerais. A presidência interina ficou a cargo do ator Candido Nazareth. A questão enfatizada nessa reunião foi o hasteamento da bandeira nacional e sua colocação em relação junto a qualquer bandeira estrangeira, hoje esse assunto pode parecer irrelevante mas não o foi para uma época em que os símbolos nacionais e a própria nacionalidade estavam sendo construídos

Ficou assentado que o Centro telegrafe ao Sr. Presidente da República, a 19 do corrente, dia da bandeira, nos seguintes termos; “Centro Cultura Brasileira, data hoje, resolver telegrafar a Vossa Exma., pedindo influência promulgação lei que não permita hastear qualquer bandeira estrangeira em território nacional sem bandeira brasileira em iguais condições.

Não houve, nas reuniões seguintes, até o final do ano, nenhuma resposta ao pedido. Disso pode-se deduzir que não havia nenhuma regulamentação para o uso dos símbolos nacionais. O decreto nº 70.274, de 09 de março de 1972, que substituiu a Lei nº 5.443, de 28 de maio de 1968, regulamenta até hoje o uso da Bandeira Nacional, determina que, quando houver bandeiras de vários países a Bandeira Nacional ficará no lugar de honra e as estrangeiras serão dispostas em ordem alfabética.

Se for feita uma análise, termos afetivos, de que a Bandeira Nacional representa a Nação, referida aqui em suas crenças e práticas de um povo em comum, faz sentido a solicitação do C.C.B., por meio de uma boa apresentação e com a consideração de seus símbolos nacionais o Estado, entendido como comunidade política, mostra como quer ser visto. Assim a valorização do símbolo da Pátria representa a valorização de toda uma nascente nação republicana ainda a ser construída.

A trigésima reunião, do dia 21 de novembro, também presidida por Candido Nazareth, serve para mostrar, mais uma vez, o intercâmbio que havia entre o C.C.B. e as outras instituições. No caso, a “Liga dos Professores” que convidava os sócios do C.C.B. para uma conferência. Não houve nenhum outro assunto a ser tratado e a reunião encerrou-se um pouco mais cedo, não como de costume, às 18 horas.

A trigésima primeira reunião, datada de 28 de novembro, voltou a ser presidida por Adelino Magalhães, regressado de Minas Gerais. De lá, ele trouxe aos associados a notícia da existência do Grêmio Literário Machado de Assis, em Cataguazes, Minas Gerais. O tema literário que foi tratado foi o centenário de Bernardo Guimarães, considerado, na ocasião um “injustiçado, em relação a Alencar e Macedo.” Foi também apresentada a proposta de um telegrama ao escritor baiano Xavier Marques, felicitando-o por sua defesa, no Congresso, dos direitos autorais dos escritores nacionais. O secretário Alexandre Passos propôs que sejam eleitos sócios correspondentes nos estados.

A última reunião, a trigésima segunda do C.C.B no ano de 1923, ocorreu em 05 de dezembro. Nela, Adelino Magalhães leu um relatório dos trabalhos do ano, mostrando o quanto o C.C.B. se interessou por muitos problemas, “agitando-os como lhes competia, por todas as formas.” Nessa reunião não foi tratado nenhum assunto específico. Destinou-se ao balanço de ano. Nessa última sessão foram definidos também os nomes de alguns sócios que

fariam, no ano seguinte, considerações sobre o funcionamento do C.C.B. Não há registro de quais ações vindouras foram discutidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As “Vesperais Literárias”, de 1921, foram o primeiro projeto de Adelino Magalhães que teve como finalidade a valorização da nacionalidade brasileira por meio de sua literatura. Elas são importantes porque afirmaram o escritor no cenário intelectual brasileiro não só como um escritor ousado, extravagante e experimentalístico, mas o colocaram no campo da intelectualidade que pensava na construção de um programa de nacionalização da cultura.

O estudo das “Vesperais Literárias” permite perceber que elas não foram simplesmente conferências inúteis que inundaram o Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Embora as “Vesperais Literárias” tivessem um caráter social, tiveram como objetivo a valorização dos escritores brasileiros esquecidos, mas que fizeram parte da história da literatura brasileira. Sobre elas Lima Barreto (1921) escreveu:

Os assuntos eram os mais descabelados e fantásticos que se possam imaginar. Um falava sobre “Mãos” e citava o melífluo d’Annunzio e A Origem das Espécies; outro falava sobre “Passarinho”, e citava a “Águia” de qualquer ou os “Elefantes” de Leconte de Lisle; um terceiro falava sobre o “Fogo” e citava o incêndio da barca “Terceira” e o nosso Corpo de Bombeiro; e assim, por diante.

Em boa hora os Srs. Adelino Magalhães, Murillo Araújo e Pereira da Silva, os escritores a que me referi, resolveram reagir contra essa nossa patente demonstração de mau gosto artístico e tomaram a iniciativa de dar às conferências que eles chamam como muito acerto – “Vesperais Literárias”, um cunho de inteligência e de estudo.

Já o C.C.B. teve sua importância porque, nascido das “Vesperais Literárias”, foi um projeto para a discussão do que precisava ser valorizado na cultura brasileira e no povo brasileiro, frente ao que vinha do estrangeiro. Os aspectos de valorização cultural brasileira sempre apareceram no pensamento do intelectual Adelino Magalhães. Não foram poucos os artigos em jornais e revistas encontrados em seu arquivo que versam sobre o tema. A questão da valorização da nacionalidade foi o projeto de toda uma vida do escritor desde as primeiras “Vesperais Literárias”. Em 1927, último ano de funcionamento do C.C.B., Adelino Magalhães escreveu “Brasil Novo”, no artigo para *Época*, referindo-se à construção de um

novo país. Para tanto, elenca diversas etapas que precisam ser transpostas para que o país realmente se faça novo. Escreveu Adelino Magalhães (1927, p. 19):

Brasil novo é nacionalizar.

Brasil novo é valorizar tudo que vem de nós mesmos e da terra: é adaptarmos cada vez mais ao país. Ter originalidade; ter personalidade; ter consciência e o brio de si próprio.

Como os indivíduos, os povos que não têm dignidade não podem subsistir.

Em outro artigo, “Aspectos culturais brasileiros”, de 1928, publicado na revista *Nação Brasileira* demonstrou, mais uma vez, essa preocupação do escritor com a valorização do que é brasileiro por meio da nova literatura. De acordo com Adelino Magalhães, embora haja uma discrepância entre a população que lê e a elite produtora da obra de ficção, ou de pensamento. Ainda assim diz Magalhães (1928):

O requinte de expressão, correspondendo a um requinte de pensamento e de emoção, é fato notório entre os vultos maiores do grupo atual de beletistas. Há uma diferença sensível de cultura entre esses que hora pretendem dirigir o pensamento nacional e a maioria daqueles nossos velhos “mestres” que levaram a aplicar cataplasma de ideias francesas ou alemãs sobre os tumores cá do nosso Caboclo.

Pelo que se pode apreender das palavras do escritor, a intelectualidade brasileira estava conseguindo soltar-se das amarras estrangeiras e deixa transparecer que Adelino Magalhães estava satisfeito com os rumos culturais nacionais. Vemos, portanto, que os ideais nacionalistas pregados pelo C.C.B. estavam presentes nas considerações do escritor, que se mostra otimista em relação aos novos rumos.

No mesmo artigo, em outra passagem, Adelino Magalhães (1928) retoma à questão da tradição para demonstrar o abasileiramento da cultura nacional, quando diz:

Quando a geração nova não tivesse outro mérito, este ninguém lhe poderia negar; tratou de abasileirar o Brasil, como já d’antes o tinham feito os românticos! E acabou o derrotismo! E acabou com os nhonhês de espírito e de corpo! Dá ponta pés na bola, gosta da Lya Putty, não há dúvida, esbarra nos velhos sem pedir desculpas –mas quer ver, pensar, cheirar, ouvir... viver por si e com suas faculdades.

Pelo menos isso!... E não tem vergonha de ser cabocla!

A escolha desses dois projetos de Adelino Magalhães se justifica pelo fato de que são os aspectos muito importantes, pelo que se pôde pesquisar, para o escritor. No entanto, como a pesquisa foi feita ainda em um artigo que clama por uma organização acadêmica, muitos pontos ainda podem ser descobertos e trazidos para outras tantas pesquisas

sobre o autor e sua obra bem como sobre a vida intelectual carioca tendo como ponto de partida os cadernos-recortes de Adelino Magalhães.

As possibilidades de pesquisar o arquivo de Adelino Magalhães são muitas e, por isso, não se esgotam nesse trabalho. Como mostrado anteriormente essa tese abará somente o mapeamento primeiro das “Vesperais Literárias” de 1921, cabendo a projetos futuros, outras análises possíveis, como a pesquisa sobre as conferências, seus autores e sua participação na vida literária da época em função de sua rede de sociabilidade com Adelino Magalhães e outros nomes.

O trabalho de organização do arquivo de Adelino Magalhães demandará muito tempo para que se torne um depositário da memória intelectual e literária não só do autor como também de outros atores desse período. O arquivo tem, assim, muito a ser explorado, visto apresentar inúmeras possibilidades de estudo, pesquisa e com a finalidade de sua conservação. Os cadernos-arquivos precisam ser digitalizados para que se evite o manuseio e não se perca ainda mais de sua matéria física.

Cabe ainda a exploração das “Vesperais Literárias” seguintes que aconteceram já como parte da programação do C.C.B. Nesse sentido, será interessante, conhecer o local onde foram proferidas e os discursos que foram feitos uma vez que, como se verá, elas passaram a ter um caráter não somente literário mas também de debate sobre o Brasil e a nacionalidade. Nesse caso, esses encontros, diferentemente do que aconteceu com os de 1921, apresentam um programa que foi registrado no arquivo de Adelino Magalhães, muitos dos quais com anotações do escritor.

Outro campo que parece ser bem interessante para o trabalho sobre o arquivo literário são as reuniões do C.C.B. Abrangendo vários vetores possíveis como modernidade, modernismo, modernização, projetos para o Brasil, grupo que as frequentava, vida intelectual, entre outros. O arquivo ainda conta com diversas reportagens e entrevistas de/e sobre Adelino Magalhães. Nele há também artigos escritos pelo autor que poderiam ser compilados para dar voz a esse escritor sobre cujos ideais pouco se sabe.

No entanto, para que isso seja possível, peço emprestados os conceitos de Derrida (2001) de *arkhê* (arquivo), de arcontes, de *arkheion* o (demociliação) e, principalmente, o de consignação. Hoje o arquivo de Adelino Magalhães encontra-se reunido em um *arkheion* privado, a casa de seu filho, que desempenha o papel de um arconte. O princípio da consignação pode ser considerado de forma bastante rudimentar, visto que o material está reunido, razão por que eles precisam passar por um processo de arquivamento e catalogação.

Sob a tutela de um domicílio público, esse arquivo poderia ser consultado por qualquer pesquisador interessado na obra de Adelino Magalhães, interessado também em difundir sua obra. Como salientou Bordini (2009), quando os arquivos dos escritores sulinos foram liberados para a pesquisa e para a exposição houve um crescente interesse não só dos saberes especializados mas também da imprensa e de toda a comunidade.

Portanto, com a organização profissional desse arquivo, os estudos poderão se tornar ainda mais fecundos de maneira que a figura de Adelino Magalhães possa ser compreendida à luz de outras vertentes. As escolhas feitas pelo autor demonstram o que ele realmente julgava ser importante para constar de suas memórias. Esse ponto também parece ser bem interessante para entender os ideais estéticos e ideológicos do escritor.

Na linha de pesquisa de manuscritos, o arquivo de Adelino Magalhães também poderá servir de apoio. Falo, especificamente, das edições fac-similares das atas que se abrem para: a construção de uma história da nacionalidade tendo como base as discussões de certo grupo de intelectuais específicos em um local específico ao longo de quase uma década; por outro lado, no campo linguístico para a história do português brasileiro, uma vez que nos manuscritos das atas é evidente a falta de normatização ortográfica.

A reunião dos artigos de Adelino Magalhães, ainda dispersos, apresenta-se também como uma indiscutível fonte de pesquisa do autor, de sua obra e de sua época. A apresentação de Adelino Magalhães como um pensador de seu tempo em forma de artigos reunidos lança ainda mais luz às pesquisas acadêmicas que têm nas primeiras décadas do século XX seu foco.

Nos cadernos-arquivos ainda podem ser encontradas alterações feitas pelo escritor em seus artigos e em alguns contos não publicados em livros. Nesse caso, a crítica textual, que entende que o texto sofre alterações feitas pelo autor, pelo editor ou por erro de impressão, ajudaria na preservação do arquivo de Adelino Magalhães.

Enfim, um trabalho que visasse a organização desse material de forma que houvesse um intercâmbio com as diversas disciplinas acadêmicas em um processo de identificação das fontes, catalogação de entrevistas, digitalização dos manuscritos das atas, lugar específico para exposição de objetos que visasse um agrupamento de pesquisadores para a preservação desse arquivo parece urgente para que não se perca parte dessa memória.

Para concluir retorno ao início. Na introdução afirmei que este trabalho nasceu de duas grandes surpresas: a primeira, o conhecimento do filho de Adelino Magalhães e a segunda, a descoberta que esse filho mantinha o arquivo do pai. Ao finalizar esta tese, tenho minha outra grande surpresa: a família de Adelino Magalhães me informa que tem

conhecimento de cadernos de memória do autor, guardados por um de seus amigos. Resta agora, esperar para que mais esse material inédito junte-se aos cadernos-arquivos e possa dar voz a um escritor quase desconhecido.

## REFERÊNCIAS

- “As conferências dos Novos”. **Revista Careta**. ano XVI. n. 686. Disponível em: <www.bn.br/periodicos>.
- “As palestras dos Novos”. **Revista Careta**. ano XIV, n. 677, 11 de junho de 1921. Disponível em: <www.bn.br/periódicos>.
- “As vesperais literárias – A nova geração e a verdadeiro conceito de nossa finalidade intelectual”. Arquivo Adelino Magalhães
- “Centro de Cultura Brasileira” (1920 – 1928)”. In: **Revista Nação Brasileira**, 1956. Arquivo Adelino Magalhães.
- “Festa da Arte”. **Revista Fon Fon**. ano XV, n. 26, 25 de junho de 1921. Disponível em: <www.bn.br/periódicos>.
- “Homenagem a Poetas Mortos”. **Revista Careta**, ano XIV, n. 638, 23 de julho de 1921. Disponível em:<www.bn.br/periódicos>.
- “O Momento Intelectual”. **Revista Careta**, ano XIV, n. 679, 25 de junho de 1921. Disponível em:<www.bn.br/periodicos>.
- “O Vespéral do Fluminense”. **Revista Careta**, ano XIV, n. 685, 06 de agosto de 1921. Disponível em: <www.bn.br/periodicos>.
- “Vespéral Literária”. **Fon Fon**, ano XV, n. 32, 30 de julho de 1921. Disponível em: <www.bn.br/periódicos>.
- Revista Careta**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 692, 24 de setembro de 1921. Disponível em: <www.bn.br/periódicos>.
- ALMEIDA, Thiago Carneiro. **Adelino Magalhães: o mundo escrito por dentro**. Dissertação de Mestrado apresentada Programa de Pós-Graduação em Letras (Ciências da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- ANDRADE, Mário. “O Movimento Modernista”. In: ANDRADE, Mário. **Aspectos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- ARAÚJO, Murillo. “As vesperais literárias – A nova geração e a verdadeiro conceito de nossa finalidade intelectual”. **Arquivo Adelino Magalhães**.
- \_\_\_\_\_. “Esse grande Adelino.” **Correio da Manhã**, 10 de setembro de 1956. **Arquivo Adelino Magalhães**.
- \_\_\_\_\_. “Evolução e Revolução Modernistas”, 1963 – **Arquivo Adelino Magalhães**.
- \_\_\_\_\_. “Um rosto e as máscaras” – **Arquivo Adelino Magalhães**.

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 09 – 34, 1997.

BARRETO, Lima. “Uma bela iniciativa”. **Arquivo Adelino Magalhães**. Rio de Janeiro, 28 de julho de 1921.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1975

BORDINI, Mária da Glória. “Os Acervos de Escritores Sulinos e a Memória Literária Brasileira”. In: **Patrimônio e Memória**. UNESP, FCLAs-CEDAP, v.4, n. 2, p. 43-62, jun.2009. Disponível em:  
<[http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio\\_e\\_memoria/patrimonio\\_e\\_memoria\\_v4.n2/artigos/acervos\\_sulinos.pdf](http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v4.n2/artigos/acervos_sulinos.pdf)>

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix: 1995.

\_\_\_\_\_. **O pré-modernismo**. Sao Paulo: Cultix, 1966.

BRASIL, Assis. **História Crítica da literatura brasileira – o modernismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

BRAYNER, Sonia. **Labirinto do espaço romanesco**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1977.

BRITO, Mário da Silva. **História do modernismo brasileiro: antecedentes da semana de arte moderna**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

BROCA, Brito. “Quando teria começado o Modernismo?” s/d – **Arquivo Adelino Magalhães**.

\_\_\_\_\_. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

BUENO, André. **O Brasil e os dias**. Estado –nação, Modernismo e rotina intelectual. Bauru: Edusc, 2005.

CACCESE, Neusa Pinsard. **Festa**. São Paulo: I.E.B/USP, 1971.

CAMARGOS, Márcia. **Villa Kyrial**. Crônica da *Belle Époque* paulistana. São Paulo: Editora do SESC, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CASTRO, Marilda de Souza. **Festa e La Cruz de Sur – Memórias Críticas e Literárias em Diálogo**. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

CASTRO, Sílvio. **Teoria e Política no Modernismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

CAVALHO, Jose Murillo. “Aspectos Históricos do Pré-Modernismo Brasileiro”. In: **Sobre o Pré-Modernismo**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. p.13 – 21.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. O cotidiano da belle époque. Sao Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

COUTINHO, Galeão. “A ‘ilha’ Adelino Magalhães”, O Jornal, 1946. – **Arquivo Adelino Magalhães**.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo** – uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FABRIS, Annateresa. “Modernidade e vanguarda: o caso brasileiro”. In: FABRIS, Annateresa (Org.) **Modernidade e modernismo no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, p. 7 – 25, 1994

FIGUEIREDO, Carmem Lucia Negreiros de. “O arquivo e o olhar: da vida literária à rede de imagens culturais”. In: **Matraga**, Rio de Janeiro, v.14, n.21, julho/dezembro, p. 85-103, 2007. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga>>

GOMES, Ângela de Castro. “Essa gente do Rio. O Modernismo e os intelectuais cariocas”. In: **Estudos Históricos**, v. 6, n.11, p. 62-77, 1993.

\_\_\_\_\_. “Os intelectuais cariocas, o Modernismo e o nacionalismo: O caso de *Festa*”. *Luso-Brazilian Review*, 41.1, p. 80-106, 2004. Disponível em: <[http://muse.jhu.edu/journals/luso-brazilian\\_review/v041/41.1gomes.html](http://muse.jhu.edu/journals/luso-brazilian_review/v041/41.1gomes.html)>

GOMES, Renato Cordeiro. “Impressões e Casos sobre o Rio de Janeiro”. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 323-345, 1998.

GONÇALVES, Denise Mafra. **Adelino Magalhães e a consciência do instante**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Brasileira) – Universidade de Brasília, Brasília, 1990. (in mimeo)

HARDMAN, Francisco Foot. “Antigos Modernistas”. In: NOVAES, A. (Org.) **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 289-305.

LIMA, Alceu Amoroso. **Quadro sintético da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica Editora, 1959.

LUZ, Fabio. “Centro de Cultura Brasileira”. O Brasil, abril de 1923. **Arquivo Adelino Magalhães**.

MACHADO, Hilda. **Laurinda Santos Lobo** – Mecenas, artistas e outros marginais em Santa Teresa. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

MAGALHÃES, Adelino. “Os recitais de prosadores e poetas do último decênio”, 1921. **Arquivo Adelino Magalhães**.

\_\_\_\_\_. “Centro de Incultura Brasileira”. In: A banana, maio de 1923a. **Arquivo de Adelino Magalhães**.

\_\_\_\_\_. “Centro de Cultura Brasileira”, 1923b. **Arquivo Adelino Magalhães**.

\_\_\_\_\_. “Brasil novo”. *Época*, p. 19, 1927. **Arquivo Adelino Magalhães**.

\_\_\_\_\_. “Aspectos Culturais”. *Nação Brasileira*. Rio de Janeiro, junho de 1928. **Arquivo Adelino Magalhães**.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas**. Aguilar Editora: Rio de Janeiro, 1963.

MAGALHÃES, Basílio de. “Qual o precursor do Modernismo” – **Arquivo Adelino Magalhães**.

MARQUES, Reinaldo. “O arquivo literário como figura epistemológica”. In: **Matraga**, Rio de Janeiro, v.14,p 13-23., julho/dez, 2007. Disponível em: <[www.pglettras.uerj.br/matraga](http://www.pglettras.uerj.br/matraga)>.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. v. VI. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978.

MENDONÇA, Carlos Roberto Lacerda. **Fronteiras narracionais: autoritarismo e incertezas em Adelino Magalhães e Hugo de Carvalho Ramos**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1997. (in mimeo)

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **História da Literatura Brasileira – Prosa de Ficção**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/ MEC, 1973.

MURARI, Luciana. “Uma Modernidade às avessas? ‘Progressistas’ e ‘Conservadores’ na literatura brasileira da Belle Époque. In: XI ENCONTRO REGIONAL ABRALIC 2007, 2007, São Paulo. - Literatura, Artes & Saberes, **Anais...** 2007. Disponível em: <<http://www.docstoc.com/docs/20558525/UMA-MODERNIDADE-%EF%BF%BDS-AVESSAS-PROGRESSISTAS-E-CONSERVADORES-NA/>>.

MURICY, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.

\_\_\_\_\_. “A ficção no modernismo carioca”- s/d - **Arquivo Adelino Magalhães**.

\_\_\_\_\_. “Testemunho”. In: MAGALHÃES, Adelino. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963. p. 1037-1040.

PAES, Jose Paulo. “O *art nouveau* na literatura brasileira”. In: **Gregos e baianos**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1985. p. 64-80.

PASSOS, Alexandre. “Nestor Vitor e os jovens intelectuais”. In: **Jornal do Comércio**, abril de 1968. Arquivo Adelino Magalhães.

PIERRE, Arnaud. “Bandeira e o grupo do Rio” – **Arquivo Adelino Magalhães**

PLACE, Xavier. “Roterio para a ‘ilha’ Adelino Magalhães”. In: MAGALHÃES, Adelino. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

PLACER, Xavier. “O Impressionismo na Ficção”. In: COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. v. III. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959. p. 229-260

\_\_\_\_\_. **Adelino Magalhães**. Biobibliografia. Separata do volume IX da Revista da Academia Fluminense de Letras. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio – Rodrigues & Cia, 1956.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. São Paulo: Ática, 1978.

PUTTON, Maria Esther. **O Espaço urbano em alguns contos de Adelino Magalhães**. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2006.

RIOS, Otavio. “Pelos caminhos da memória: arquivo de escritores e recepção de textos literários”. In: **Revista Todas as Letras**, São Paulo, v.10. n.1, p 44-50, 2008. Disponível em: <[www3.mackenzie.br/todasletras](http://www3.mackenzie.br/todasletras)>.

RÜCKER, Joseane de Mello. **A Revista “Festa” e a modernidade universalista na arte**. Um estudo de caso: Adelino Magalhães. Dissertação (Mestrado em Letras) – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

RÜCKER, Joseane de Mello. **Estratégias discursivas em Adelino Magalhães: princípio de interiorização e rupturas formais**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

SILVEIRA, Tasso. “Adelino Magalhães”. In: SILVEIRA, Tasso. **A igreja silenciosa: ensaios**. Rio de Janeiro: anuário do Brasil, 1922. p. 207-214.

SIQUEIRA, Walter. “O Precursor de 22” – s/d - **Arquivo Adelino Magalhães**.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras**. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VASCONCELOS, Ary. “Rio ‘modernista’ seis anos antes de São Paulo”. *Jornal do Comércio*, 19 de setembro de 1964. **Arquivo Adelino Magalhães**.

VELLOSO, Monica Pimenta. **As tradições populares na Belle Époque carioca**. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1988.

VÍTOR, Nestor. “Um pouco da crônica da vida Literária” In: VÍTOR, Nestor. **Obra Crítica**. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1972. p. 449-452.

\_\_\_\_\_. “Casos e Impressões”. In: VÍTOR, Nestor. **Obra Crítica**. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1972. p. 84-86.

## ENTREVISTAS DE ADELINO MAGALHÃES

“As Vesperais Literárias”. Entrevista ao **Jornal A Folha**, s/d. Arquivo Adelino Magalhães.

“Conversa com Adelino Magalhães”. Entrevista a Waldir Ribeiro. Julho, 1953. **Arquivo do Adelino Magalhães**.

“Depoimentos da velha guarda. Adelino Magalhães”. Entrevista ao **Jornal de Letras**, 1957. Arquivo Adelino Magalhães.

“O escritor que não queria ser lido”. Entrevista à **Revista Manchete**, 24 de maio de 1964. Arquivo Adelino Magalhães.

“Rio ‘modernista’ seis anos antes de São Paulo”. Entrevista a Ary Vasconcelos. **Jornal do Comércio**, 19 de setembro de 1964. Arquivo Adelino Magalhães.

“Um jovem escritor de 78 anos”. Entrevista ao **Jornal da Manhã**, 1965. Arquivo Adelino Magalhães.

“Luz que ressurgue da Penumbra”. Entrevista a Jefferson Leão de Almeida. **Notícias Extras**, 1967- Arquivo Adelino Magalhães.